



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

X Legislatura  
III Sessão Legislativa

Número: 101  
Horta, sexta-feira, 17 de abril de 2015

**Presidente:** *Deputada Ana Luís*

**Secretários:** *Deputada Bárbara Chaves e Deputado Valdemiro Vasconcelos*

*Os trabalhos tiveram início às 10 horas e 08 minutos.*

### SUMÁRIO

Feita a chamada dos Srs. Deputados entrou-se diretamente na Agenda da Reunião da qual constava as seguintes iniciativas legislativas:

- **Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 43/X – “Primeira alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 15/2006/A, de 7 de abril, que estabelece o Regime Jurídico da Educação Especial e do Apoio Educativo”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD, o qual foi aprovado por unanimidade;
- **Projeto de Resolução n.º 91/X – “Regime jurídico da Educação Especial e do Apoio Educativo”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD, o qual foi rejeitado por maioria;

No debate participaram a Sra. Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (*Isabel Almeida Rodrigues*), iniciou-se o debate com a participação dos/as Srs./as Deputados/as Nuno Meneses (*PS*), Ana Espínola (*CDS-PP*), Paulo Estêvão (*PPM*), Lúcia Arruda (*BE*), Joaquim Machado (*PSD*), Catarina Moniz Furtado (*PS*).

- **Anteproposta de Lei n.º 12/X – “Institui um regime de apoio à agricultura familiar na Região Autónoma dos Açores”**, apresentado pela Representação Parlamentar do PCP;

Apresentada a iniciativa pelo Sr. Deputado Aníbal Pires (*PCP*), usaram da palavra as Sras. Deputadas Graça Silveira (*CDS-PP*) e Lúcia Arruda (*BE*) e os Srs. Deputados António Ventura (*PSD*), Duarte Moreira (*PS*), Paulo Estêvão (*PPM*), bem como o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Ambiente (*Luís Viveiros*).

- **Projeto de Resolução n.º 98/X – “Cumprimento da Resolução n.º 11/2011/A, de 15 de junho – Acompanhamento do processo de descontaminação e reabilitação na Praia da Vitória”**, apresentado pela Representação Parlamentar do BE;

Após a intervenção da Sra. Deputada Lúcia Arruda (*BE*), usaram da palavra os/a Srs./a Deputados/a Luís Rendeiro (*PSD*), Graça Silveira (*CDS-PP*), Francisco Coelho (*PS*), Paulo Estêvão (*PPM*), Artur Lima (*CDS-PP*), André Bradford (*PS*), Aníbal Pires (*PCP*) e ainda o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Ambiente (*Luís Viveiros*).

O diploma em apreço foi aprovado por unanimidade.

- **Pedido de autorização para o Sr. Deputado Lúcio Manuel da Silva Rodrigues prestar depoimento, na qualidade de testemunha, no âmbito do processo de inquérito com o NUIPC 000034/15.0PBHRT**, o qual foi aprovado por unanimidade;

- **Pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão do Projeto de Resolução n.º 119/X – “Fim do sistema de quotas leiteiras”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD;

Justificada a urgência e a dispensa de exame em Comissão pelo Sr. Deputado António Ventura (*PSD*), passou-se para a votação que registou a aprovação por unanimidade.

- **Projeto de Resolução n.º 119/X – “Fim do sistema de quotas leiteiras”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Após a intervenção do Sr. Deputado António Ventura (*PSD*), usaram da palavra os Srs. Deputados Duarte Moreira (*PS*), Paulo Estêvão (*PPM*) e o Sr. Secretário Regional da Agricultura e Ambiente (*Luís Viveiros*).

O Projeto de Resolução foi aprovado por unanimidade.

**- Projeto de Resolução n.º 120/X – “Atribuição de Insígnias Honoríficas Açorianas”**, apresentado pela Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, pelos Grupos Parlamentares do PS, PSD e CDS-PP e pelas Representações Parlamentares do BE e do PCP;

No debate usaram da palavra os Srs. Deputados Paulo Estêvão (*PPM*), Berto Messias (*PS*) e a Sra. Deputada Lúcia Arruda (*BE*).

O Projeto de Resolução foi aprovado por maioria.

Proferiu uma declaração de voto o Sr. Deputado Paulo Estêvão (*PPM*).

**- Proposta de Deliberação que declara findo o período legislativo de março de 2015**, a qual foi aprovado por unanimidade.

*Eram 18 horas e 29 minutos.*

**Presidente:** Bom dia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo. Agradeço que ocupem os vossos lugares para que o Sr. Secretário possa fazer a chamada.

*Eram 10 horas e 08 minutos.*

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os/as seguintes Deputados/as:*

***Partido Socialista (PS)***

**Ana Luísa Pereira Luís**

**André Cláudio Gambão Rodrigues**

**António Gonçalves Toste Parreira**

**Arlinda** Maria Focha **Nunes**  
**Bárbara** Pereira Torres de Medeiros **Chaves**  
**Benilde** Maria Soares Cordeiro de **Oliveira**  
**Berto** José Branco **Messias**  
**Catarina** Paula **Moniz Furtado**  
**Cecília** do Rosário Farias **Pavão**  
**Cláudia** Alexandra Coelho **Cardoso** Meneses da Costa  
**Duarte** Manuel Braga **Moreira**  
**Francisco** Miguel Vital Gomes do Vale **César**  
**Iasalde** Fraga **Nunes**  
**José António** Vieira da Silva **Contente**  
**José Carlos** Gomes **San-Bento** de Sousa  
**José Manuel** Gregório de **Ávila**  
**Lizuarte** Manuel **Machado**  
**Lúcio** Manuel da Silva **Rodrigues**  
**Manuel Alberto** da Silva **Pereira**  
Maria da **Graça** Oliveira **Silva**  
**Marta** Cristina Moniz do **Couto**  
**Miguel** António Moniz da **Costa**  
**Nuno** Miguel Aguiar de **Meneses**  
**Pedro** Miguel Medeiros de **Moura**  
**Renata** **Correia Botelho**  
**Ricardo** Bettencourt **Ramalho**  
**Ricardo** Manuel Viveiros **Cabral**

**Partido Social Democrata (PSD)**  
**António** Augusto Baptista Soares **Marinho**  
**António** Lima Cardoso **Ventura**  
**António** Oldemiro das Neves **Pedroso**  
**Bruno** Filipe de Freitas **Belo**

**Cláudio** Borges **Almeida**

**Humberto** Trindade Borges de **Melo**

**Jorge** Alberto da **Costa Pereira**

**Jorge** Manuel de Almada **Macedo**

José **Joaquim** Ferreira **Machado**

**José** Maria de Medeiros **Andrade**

**Luís** **Maurício** Mendonça Santos

**Luís** Miguel Forjaz **Rendeiro**

Maria **Judite** Gomes **Parreira**

**Paulo** Henrique **Parece** Baptista

**Valdemiro** Adolfo dos Santos **Vasconcelos**

**Centro Democrático Social/Partido Popular (CDS-PP)**

**Ana** Carina Alberto **Espínola**

**Artur** Manuel Leal de **Lima**

Maria da **Graça** **Silveira**

**Bloco de Esquerda (BE)**

**Lúcia** de Fátima Oliveira **Arruda**

**Partido Comunista Português (PCP)**

**Aníbal** da Conceição **Pires**

**Partido Popular Monárquico (PPM)**

**Paulo** Jorge Abraços **Estêvão**

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Estão presentes 49 Sras. e Srs. Deputados. Temos quórum. Declaro aberta a sessão. Pode entrar o público.

Ficámos no debate dos pontos 12 e 13 da nossa Agenda.

Vamos então continuar. Está inscrita a Sra. Secretária Regional.

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares** (*Isabel Almeida Rodrigues*): Muito obrigada.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Estas duas iniciativas apresentadas pelo PSD e que estamos agora a analisar, sinalizam uma matéria que é, para o Governo dos Açores, da máxima importância.

Efetivamente o papel que a intervenção precoce e o apoio educativo desempenham na garantia dos direitos fundamentais da criança determinam esta importância que lhes atribuímos, porque delas depende disponibilizar todas as condições de que as crianças carecem para desenvolver todo o seu potencial.

**Deputado Luís Maurício** (*PSD*): Muito bem!

**A Oradora:** O Governo dos Açores está por isso profundamente comprometido com o bom funcionamento do sistema e em melhorar continuamente esse mesmo funcionamento.

Nesse sentido procedemos à reorganização da intervenção precoce que envolve aliás três áreas fundamentais: a área da saúde, a área da educação e a área da solidariedade social.

Estamos também empenhados em continuamente avaliar a forma como as estruturas do sistema estão a funcionar e respondem àquelas que são as efetivas necessidades destas crianças.

Da avaliação deste sistema se resultar a necessidade de introduzir ajustamentos, pois o Governo cá está para fazer essa avaliação e proceder às alterações que se afigurem necessárias.

Agora é preciso atender a que a qualidade da resposta depende também da não sobreposição das intervenções, respondendo aliás àquele que é o superior interesse da criança.

Relativamente à intervenção precoce importa portanto clarificar até onde deve ir esta intervenção e onde deve começar a intervenção através das estruturas do

sistema educativo, não descurando nunca porém as respostas concretas que cada criança ou jovem careça e é nisso que estamos a trabalhar.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Entendemos, portanto, que o que é necessário é clarificar até onde se mantém a resposta da intervenção precoce no espaço que medeia do nascimento da criança até à sua entrada no sistema educativo onde pode usufruir dessas outras respostas.

Diria, portanto, que não há aqui nenhuma mudança de opinião relativamente a esta matéria e o entendimento que se mantém é o mesmo. Não é pura e simplesmente passando a intervenção precoce dos três para os seis anos que se resolve este problema.

A análise tem que ser mais fina de forma a que dela possa resultar a resposta que é efetivamente necessária e que melhor responde às necessidades identificadas.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Procedemos à reorganização do sistema. Temos neste momento equipas a funcionar, a dar cobertura a todos os concelhos com pequenas nuances.

A equipa de Ponta Delgada, dizia, a equipa denominada de Ponta Delgada, dá também cobertura ao concelho da Lagoa, aliás, integra por exemplo, elementos da educação das unidades orgânicas do concelho da Lagoa.

Nas Flores, pela dimensão e pela necessidade de otimizar recursos e sobretudo em função das necessidades, é uma equipa para os dois concelhos.

E no Corvo, atendendo às especificidades da ilha e à necessidade de ter técnicos com experiência na matéria, porque esta questão é muito importante, é importante que tenhamos a trabalhar nestas áreas técnicos com experiência, estamos a trabalhar em cooperação com os técnicos da unidade da Ilha das Flores.

Os tempos foram disponibilizados em função das necessidades que foram identificadas, mas estamos neste momento a proceder também a uma

reavaliação dos tempos que foram afetos a cada um dos técnicos de todas as unidades, o que significa que em resultado dessa avaliação poderão resultar alterações aos tempos pelos quais os técnicos estão afetos a estas equipas.

Uma outra ação importantíssima que o Governo está a desenvolver é a formação a todas as equipas de intervenção precoce.

Já receberam formação as equipas de São Miguel, Santa Maria e São Jorge. Nos dias 27 e 28 receberão formação as equipas do Faial e Pico e nos dias 7 e 8 de maio receberão formação as restantes equipas.

Relativamente à outra iniciativa apresentada pelo PSD e que se refere ao apoio educativo quero começar por referir que nos orgulhamos profundamente de ter nos Açores uma escola inclusiva.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sim, sim!

**A Oradora:** Uma escola que não deixa ninguém à porta, nem empurra ninguém para o lado de fora da porta...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Que o diga a APADIF!

**Deputado Graça Silveira (CDS-PP):** Era só o que faltava!

**A Oradora:** ... em função das suas circunstâncias pessoais.

Não é, aliás, o que se está a passar no continente, onde com a publicação da contestadíssima Portaria 275-A/2012, baseada aliás numa filosofia profundamente discriminatória e exclusiva, o que está a acontecer é que se estão a empurrar estes jovens para fora da escola.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Nós aqui não fazemos isso.

Orgulhamo-nos de ter reorganizado o sistema educativo em 1998 abrindo as portas a todas estas crianças e a todos estes jovens...

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** ... trazendo-os para dentro da escola.

*(Aparte inaudível da Deputada Graça Silveira)*



**A Oradora:** Sra. Deputada, eu compreendo que não se lembre de como eram esses tempos, mas eu lembro-me.

**Deputado Graça Silveira (CDS-PP):** Lembro-me!

**A Oradora:** De facto, até 1998 não havia nos Açores escola inclusiva.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Tendo em conta que o seu pai tinha responsabilidades no governo!

*(Apartes inaudíveis dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados...

**A Oradora:** Devo dizer-lhe Sr. Deputado que acho inqualificável esse seu aparte.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Não! O seu é que é!

**A Oradora:** Sabe porquê? Porque fui educada na liberdade de pensamento e de opinião.

*(Aplausos dos Deputados da bancada da PS)*

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Por isso é que estou a dizer isso!

**Deputado Berto Messias (PS):** Rasteirinho, rasteirinho!

**A Oradora:** A escola inclusiva foi uma verdadeira conquista civilizacional.

O que é que o Governo dos Açores tem estado a fazer nessa matéria?

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** O Governo está sempre a fazer!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Onde está aquele diário sobre aquela proposta do PSD?

**A Oradora:** Aumentámos os docentes afetos à educação especial no ano letivo 2014/2015.

No concurso extraordinário que está a decorrer abrimos 29 vagas para profissionais da educação especial, atribuindo-lhes exatamente a mesma prioridade que atribuímos ao ensino da matemática e do português.

Temos desde o ano passado uma equipa técnica a percorrer todas as unidades educativas para fazer precisamente a avaliação que eu já referi e que é muitíssimo importante para garantir permanentemente que o sistema responde às necessidades. Esse trabalho será concluído ainda este ano.

Por conseguinte e se relativamente à intervenção precoce concordamos que é possível e desejável fazer um ajustamento que clarifique a resposta a estas crianças até ao seu ingresso no sistema educativo, relativamente à resolução do PSD e ao apoio educativo julgamos que o PSD vem recomendar ao Governo dos Açores que faça aquilo que está a fazer.

Achamos por isso que é uma resolução destituída de utilidade.

Esta é uma matéria da máxima importância. A capacidade que estas crianças terão de se desenvolver, de aceder ao conhecimento, de aceder a oportunidades de realização pessoal e profissional depende do trabalho que sejamos capazes de fazer, seja numa fase precoce e inicial da sua vida minimizando, prevenindo e resolvendo, seja mantendo todos os acompanhamentos de que necessite ao longo da sua vida.

É nesse trabalho que o Governo está profundamente empenhado.

Para nós a inclusão social é um desígnio.

A igualdade de oportunidades é algo que estamos obrigados a garantir e é para isso que iremos continuar a trabalhar.

Muito obrigada.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Deputado Berto Messias (PS):** Está a ver como o Sr. Secretário da Educação não faz falta?

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Nuno Meneses.

**Deputado Nuno Meneses (PS):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

*(Diálogo entre os Deputados das diversas bancadas)*

**Presidente:** Quando os Srs. Deputados nos derem licença, o Sr. Deputado Nuno Meneses usa da palavra.

O Sr. Deputado pode usar da palavra.

**O Orador:** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Regime Jurídico da Educação Especial e do Apoio Educativo aprovado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 15/2006/A de 7 de abril, não tenho dúvida, que será facilmente reconhecido, como um marco importante na afirmação do paradigma da escola inclusiva nos Açores e na defesa de um ensino para todos.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Isso é um mito!

**O Orador:** Se na Grécia antiga se dizia que o fim último da educação era tornar as crianças inteligentes e boas, hoje a questão colocada na Escola é como encontrar, e para isso precisa procurar-se incessantemente, as estratégias, as novas formas de conseguir alcançar esses objetivos também, embora hoje os termos utilizados para os designar sejam já mais rebuscados e atuais. Naturalmente o princípio da escola inclusiva é um passo importante na igualdade do acesso à escolaridade e na humanização da escola.

Nesta medida, e na sequência do preconizado no diploma anteriormente citado, as Unidades Orgânicas da Região passaram a ter à sua disposição uma estrutura organizativa e os meios técnicos necessários para que se pudesse caminhar de forma sólida, no sentido de uma verdadeira inclusão e numa resposta efetiva às características e necessidades de cada indivíduo.

Educar na e para a diversidade passou a ser uma exigência e um desafio da Escola que se quer inclusiva:...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Ah! Que se quer!

**O Orador:** ... uma escola capaz de garantir não só o acesso à educação a todas as crianças e jovens em idade escolar mas, sobretudo, tornar efetiva a sua educabilidade, independentemente das suas características pessoais e sociais.

**Deputada Benilde Oliveira (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Não é, portanto, por acaso que a educação especial e o apoio educativo fazem parte integrante da estrutura das redes de ensino regular, contando já com a colaboração de um conjunto de técnicos não docentes especializados e que ascendem já quase a uma centena, permitindo assim por um lado assegurar o funcionamento adequado dos Núcleos de Educação Especial, mas acima de tudo responder às necessidades educativas específicas das crianças e jovens da Região com Necessidades Educativas Especiais.

**Deputado Manuel Pereira (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Não foi por acaso também, que no DLR n.º 15/2006/A, foi prevista a sinalização e acompanhamento de crianças dos 0 aos três anos, que naturalmente por razão da idade, não integrariam o Sistema Educativo Regional, e apenas entendo, nessa medida, foi prevista a intervenção precoce, coordenada neste momento a nível regional, mas com valências concelhias numa perspetiva de contacto de proximidade, com o objetivo de sinalizar, acompanhar e encaminhar numa primeira fase, e de, numa segunda fase, preparar a transição da criança para as estruturas regulares da comunidade, designadamente para a escola.

E será na base desse pressuposto que deve ser encarada a intervenção precoce, numa perspetiva de sinalizar e responder tão rápido quanto possível às necessidades da criança, sem esquecer que essa intervenção deverá sempre vislumbrar a preparação da integração da criança no meio escolar, que é e deverá sempre ser o espaço natural e de excelência para a sua formação integral.

Hoje na Região e ao abrigo da Portaria n.º 89/2012, de 17 de agosto de 2012, estão constituídas e em pleno funcionamento as equipas regionais e locais de intervenção precoce, sendo que a essas equipas não compete intervir

diretamente na resolução das problemáticas em muitos casos, mas sim serem um veículo de desenvolvimento dos mecanismos que permitam dar uma resposta efetiva aos casos identificados,...

**Deputada Benilde Oliveira (PS):** Exatamente!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** A escola é pública!

**O Orador:** ... e naturalmente articular, acompanhar e encaminhar as crianças e famílias para as devidas respostas, executadas pelos técnicos especializados nas diferentes áreas da saúde e da área social.

Ora propor apenas o alargamento da intervenção precoce para os seis anos de idade, não é mais do que uma medida avulsa que não faz nenhuma alteração de monta àquilo que hoje já é feito na Região,...

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** ... como leva à duplicação de estruturas e de instrumentos, estruturas essas com precisamente os mesmos objetivos e funções de articular, acompanhar, vigiar e encaminhar as crianças e famílias:

Teríamos, Sras. e Srs. Deputados, entre os três e seis anos de idade, com a proposta que foi aqui apresentada pelo Grupo Parlamentar do PSD:

Equipas transdisciplinares concelhias versus Núcleos de Educação Especial, a funcionar simultaneamente com o mesmo objetivo;

Teremos o:

Plano Individual de Intervenção Precoce versus Plano Educativo Individual;

Quando o que se pretende, é que:

Os mecanismos constantes do Plano Individual de Intervenção Precoce sirvam de base para a elaboração do Plano Educativo Individual e que a responsabilidade do acompanhamento transite gradualmente das Equipas transdisciplinares concelhias para as equipas multidisciplinares existentes nas Unidades Orgânicas.

Hoje as escolas nos Açores zelam por uma maior abertura à Sociedade já prevista no regime de criação, autonomia e gestão das unidades orgânicas do sistema educativo regional e promovem uma articulação efetiva entre os

diferentes departamentos tutelados pelas áreas da educação, da saúde e da solidariedade social.

O regime jurídico de criação, autonomia e gestão das unidades orgânicas do sistema educativo regional prevê a existência de Equipas multidisciplinares de apoio socioeducativo nas Unidades Orgânicas, constituídas por psicólogo, enfermeiros, assistentes sociais, representante de cada Instituição Particular de Solidariedade Social, pais, encarregados de educação, que garantem também uma efetiva comunicação entre os diferentes intervenientes, assegurando assim o verdadeiro funcionamento em rede e garantindo uma verdadeira articulação e rentabilização dos recursos disponíveis.

Quero com isto dizer, que o acompanhamento feito no âmbito da intervenção precoce, não se esgota com a entrada da criança no sistema educativo regional, pelo contrário, passa sim a ser a escola a entidade responsável por zelar pelo cumprimento das medidas inicialmente previstas e até mesmo reforçá-las com outro tipo de respostas quando necessário.

O que não podemos deixar que aconteça é que alguma criança deixe de beneficiar de qualquer tipo de resposta.

Assim, uma alteração dos preceitos legais, a ser feita, deve em primeiro lugar dar cobro e garantir todo e qualquer acompanhamento necessário, mas por outro lado também garantir que não há duplicação de estruturas que poderiam, em vez de se constituírem como um benefício, serem um elemento a colocar algum tipo de entropia no sistema, que se quer expedito, eficiente e eficaz.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Nessa medida, o Partido Socialista, apresentará uma proposta de alteração ao artigo em discussão, no sentido de fazer traduzir exatamente os dois pressupostos que acabei de referir.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra à Sra. Deputada Ana Espínola.

(\*) **Deputada Ana Espínola (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Parece-nos que é evidente que existe uma necessidade de dar uma melhor resposta às crianças com necessidades educativas especiais. Também é igualmente evidente que o facto de identificar, sinalizar e acompanhar mais cedo crianças com limitações ou incapacidades de desenvolvimento trará uma mais-valia para o futuro acompanhamento dessas crianças, bem assim como para a sua aquisição de competências e mais cedo não quer dizer que seja única e exclusivamente até aos três anos, que é o que está previsto na atual legislação regional.

Conseguir uma sinalização atempada poderá ser um passo rumo à substancial melhoria na qualidade de vida das crianças com necessidades especiais. Aliás, o parecer da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Ilha do Faial é bastante claro quando diz que, e passo a citar, “verificamos infelizmente muitas situações em que a deteção das limitações surgem tardiamente com consequências graves para o desenvolvimento e projeto de vida de muitas crianças açorianas”. E ainda reforçam: que “o alargamento da intervenção precoce até aos seis anos seria aconselhável de forma a poder a haver um maior e melhor apoio e acompanhamento das crianças e famílias na transição do pré-escolar para o ensino básico”.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Portanto, na prática corrente no dia a dia, o que os pais destas crianças sentem na pele é que o que existe no papel não vai ao encontro das necessidades reais destas famílias...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... e não podemos ignorar os pareceres nem a marcha a que assistimos aqui nesta Assembleia há uns meses atrás. E de nada serve andar a

dizer que se apoia e que se defende a escola inclusiva e depois não ter os meios para tratar de forma adequada...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** ... as crianças que necessitam de uma atenção e de cuidados especiais.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Essa é que é essa!

**A Oradora:** Não basta única e exclusivamente ter professores de educação especial, que são muito importantes, mas também é necessário que sejam devidamente apoiados por um conjunto de profissionais também do corpo não docente.

É que podemos dizer que já muito foi feito e que está regulamentado, mas ter um conjunto de boas intenções que na prática resultam em muito pouco não satisfaz outras famílias, não satisfaz a oposição...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** ... nem deveria satisfazer esta maioria nem o Governo Socialista.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Limpinho!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Certinho!

**Deputada Graça Silveira e Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem, Sra. Deputada!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A minha intervenção vai no sentido da que acabou de fazer agora a Sra. Deputada do CDS-PP.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**Deputado André Bradford (PS):** Então está feita!



**O Orador:** Eu também sou a favor de uma escola inclusiva. Acho que é uma vitória civilizacional e é importante reconhecer-se aqui, do ponto de vista normativo que esse tem sido o caminho trilhado pelos Açores.

Do ponto de vista normativo é verdade que assim tem sido feito e é uma conquista civilizacional. Acho que é importantíssimo (considero que é importantíssimo!) que se integrem as crianças, porque esta integração no meio escolar depois permite que futuramente a nossa sociedade e os miúdos que foram companheiros destes miúdos também tenham outra sensibilidade em relação a esta situação. Acho que é importantíssimo!

Agora a escola inclusiva tem que funcionar na prática, não pode estar apenas normalizada ou assegurada do ponto de vista legislativo, porque depois na prática não lhe são dados os meios para que funcione de forma concreta.

É isso que tem vindo a suceder em parte na nossa Região.

Quero aqui dizer que tive aqui há uns meses uma reunião com a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Ilha do Faial que tem uma composição que não é partidária ou política (há pessoas de diferentes sensibilidades políticas) e que merecem que aqui seja citado de forma extensa aquilo que eles consideram que é fundamental, porque estes pais não são do Partido Socialista ou do Partido Social Democrata.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Estão aqui a dizer pura e simplesmente aquelas necessidades que sentem, porque eles são, aqueles que observam melhor o sistema todos os dias, através dos seus filhos e através das necessidades dos seus filhos, confrontados com este tipo de situações.

Importa aqui dizer aquilo que eles sentem.

“Falamos destas duas ilhas porque é a realidade que conhecemos melhor, mas temos conhecimentos que existem outras ilhas onde o número de crianças acompanhadas é igualmente reduzido.

Infelizmente esta situação não se verifica pela falta de casos que necessitam de apoio destas equipas. Esta situação verifica-se em grande parte pelas limitações

e obstáculos, que a Portaria que define os objetivos e regras da organização e funcionamento da intervenção precoce apresenta.”

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Ora aí está!

**O Orador:** Mais à frente dizem o seguinte:

“Verificamos infelizmente muitas situações em que a deteção das limitações, incapacidades ou fatores de risco surgem tardiamente com consequências graves para o desenvolvimento e projeto de vida de muitas crianças açorianas. Por esse motivo muitas crianças e famílias não chegam a beneficiar da intervenção precoce porque já têm mais de três anos de idade.

Reforçamos ainda que o alargamento da intervenção precoce até aos seis anos será aconselhável por forma a poder haver um maior e melhor apoio e acompanhamento das crianças e famílias na transição do pré-escolar para o ensino básico.”

Mais à frente referem ainda:

“Outra das limitações e obstáculos deste Decreto prendem-se com os recursos humanos. Os técnicos são recrutados de outros serviços públicos, hospital, centro de saúde e escola, disponibilizando-se pouco tempo para a equipa de intervenção precoce.

Além disso, limita o tipo de técnicos que podem trabalhar nestas equipas ficando de fora técnicos: terapeutas de fala, terapeutas ocupacionais, e outros exemplos.

Finalmente dizem:

“No âmbito da educação especial verifica-se uma escassez de recursos humanos multidisciplinares que permitem dar respostas adequadas e inclusive aos alunos com necessidades educativas especiais, verificando-se por isso a necessidade de contratação de técnicos não docentes com formação específica em diversas áreas de intervenção na educação especial”.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Este parecer deve ser muito antigo, Sr. Deputado!

*(Aparte inaudível do Deputado José Contente)*

**O Orador:** Este parecer é um parecer de gente que está envolvida no sistema e que observa as lacunas do mesmo, porque é importante referir o seguinte:

É que nestas condições nós até podemos criar um sistema que do ponto de vista normativo é uma excelência, mas se não forem fornecidas às escolas, aos professores e às crianças as condições necessárias para que esta escola inclusiva funcione na prática até pode ser... Até poder ser, não! **É** de certeza absoluta bastante prejudicial para as crianças, porque o que eu quero é que a escola inclusiva dê as condições para que as aprendizagens se realizem, ...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** ... se concretizem, porque se assim não for a escola inclusiva não está a ser inclusiva, está a ser fator prejudicial para a aprendizagem das crianças. É esta a minha perspetiva.

E devo dizer-vos o seguinte também nesta área, e os senhores professores que aqui estão, que são deputados, sabem bem, porque eu também tive essas situações... Dei o meu melhor nesse tipo de situações. É pedido aos professores desta Região, e eu quero fazer aqui uma homenagem aos professores, porque os professores preocupam-se, investigam...

A mesma coisa que eu fiz! Eu tentei ler tudo o que existia sobre estes documentos para poder fornecer aos alunos o melhor acompanhamento possível e todos o fazem, todos os professores com consciência e ética o fazem, não tenho nenhuma dúvida, mas a formação no âmbito do nosso sistema educativo de que os professores dispõem é insignificante ou inexistente em grande parte dos casos.

Assim, as coisas não funcionam.

Meus senhores, o que eu acabei de dizer é a verdade e só a verdade!

**Deputado Francisco César (PS):** E nada mais que a verdade!

**O Orador:** A verdade e nada mais que a verdade.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem, Sr. Deputado!

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Pôs a mão em cima da Bíblia?

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições.

Sra. Deputada Lúcia Arruda tem a palavra.

(\*) **Deputada Lúcia Arruda (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

As iniciativas parlamentares do PSD, uma no sentido de alargar a intervenção precoce como temos vindo a debater até aqui e a outra dotar o sistema educativo regional de mais recursos humanos, merecem, sem sombra de dúvida, a aprovação do Bloco de Esquerda.

É necessário dotar o sistema educativo das condições necessárias para que realmente possamos falar de uma escola inclusiva digna desse nome.

Aqui queria fazer a ressalva de que a tutela tem que cumprir com a legislação em vigor. É verdade, Sr. Deputado, que a legislação em vigor, a ser cumprida, realmente teríamos verdadeiramente uma escola inclusiva. Pena é que a falta de meios muitas vezes, como já foi aqui explicitado por vários colegas, não acontece e muitas vezes há falta de meios.

A realidade mostra que em pleno séc. XXI temos na Região Autónoma dos Açores o maior ou dos maiores insucessos escolares...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** ... dos níveis da OCDE, o que realmente só nos vergonha e não é compatível com uma sociedade progressista em pleno séc. XXI.

Portanto, lembrando que para o sucesso escolar das crianças e para a inclusão social são necessários meios, reafirmo que a tutela tem que cumprir a lei, tem que dotar as unidades escolares de todos os meios para que realmente possamos falar em inclusão e possamos fazer um combate sério ao insucesso escolar na nossa Região.

Deixava só mais um apontamento e este não é um apontamento político, digamos assim, é um apontamento técnico e serve apenas para reflexão da tutela e de quem se dedica e se deve dedicar a este assunto.

Neste sentido o Projeto do PSD-Açores segue, à semelhança da legislação regional, a Classificação Internacional de Funcionalidade.

A Classificação Internacional de Funcionalidade da Organização Mundial de Saúde é uma norma que tem aplicações clínicas e não educativas, mas infelizmente em Portugal como em outros países tem sido utilizada em contexto educativo.

A Classificação Internacional de Funcionalidade tem a vantagem de uniformizar a linguagem dos técnicos envolvidos nas equipas de educação especial.

No entanto, tal classificação, no entender de especialistas nesta área, aplica-se a avaliação da funcionalidade e não deveria ser confundida com as necessidades educativas especiais, como a própria designação indica. Limita-se às dificuldades de aprendizagem.

Para ter uma ideia sobre a inqualidade da Classificação Internacional de funcionalidade, se esta escala fosse aplicada a Stephen Hawking este seria considerado um aluno com necessidades educativas especiais.

É útil para cobrar preconceitos e faz de todos nós disfuncionais. Mas será que é útil para que realmente façamos a caracterização do que são necessidades transitórias, que são as mais comuns na quebra do insucesso escolar e necessidades educativas especiais?

Portanto, este é que é o problema na diferenciação do terreno, nos alunos que devem ser enquadrados no sistema educativo especial ou no sistema de intervenção precoce.

Por isso, continuo e digo: esta não é uma opinião do Bloco de Esquerda, esta é uma opinião de técnicos que se debruçam sobre esta matéria e são apenas alguns apontamentos para reflexão da tutela.

Obrigada.

**Presidente:** Muito obrigada, Sra. Deputada.

Pergunto se há mais inscrições.

Sr. Deputado Joaquim Machado tem a palavra.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Devo registar, em primeiro lugar, o facto de ontem, no início do debate destas duas iniciativas do PSD, ter, em nome da minha bancada, formulado perguntas ao Governo Regional para as quais continuamos a não ter resposta.

Isso contradiz a vontade, a disponibilidade e a capacidade da Sra. Secretária Regional para discutir estas matérias que aqui estamos a apreciar.

Em segundo lugar quero dizer a intervenção da Sra. Secretária Regional da Presidência, há instantes, não passou de uma certa ironia política.

Vejamos, a Sra. Secretária Regional diz que o Governo considera esta matéria da máxima importância. No plano dos princípios não duvido que assim possa ser, mas a prática diz exatamente o contrário, porque o Governo que atribui a máxima importância a esta matéria, nomeadamente à intervenção precoce, demorou 92 meses (2.760 dias) entre a aprovação do diploma nesta Casa até à nomeação da Comissão de Coordenação Regional.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Quem diria?

**O Orador:** Portanto, essa máxima importância nos princípios não tem correspondência na prática.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Em segundo lugar, esta matéria se tem a máxima importância que o Governo diz também não se entende por que é que ainda não dispomos de um relatório de atividades que a Comissão Regional de Coordenação deve elaborar do ano de 2013. Passaram-se 16 meses e continuamos sem relatório.

Mas é sem relatório que o Governo Regional diz que está a reorganizar. Mas a reorganizar com base em quê? Em que estudo? Em que conclusões?

Está a reorganizar o quê se fez muito pouco?

Diz também a Sra. Secretária Regional que o Governo quer melhorar, que está disponível para melhorar.

Mas vejamos o que é que disseram na Comissão os dois Secretários Regionais que tutelam esta matéria, que aqui não estão em absoluto desrespeito por este

Parlamento, e desde logo e em primeiro lugar por V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> Senhora Presidente, em sede de Comissão.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** É bom lembrar!

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:** O Sr. Secretário Regional da Saúde disse não encontrar alguma mais-valia na extensão da intervenção precoce até aos seis anos.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Ele disse isso!?

**O Orador:** Disse que (estou a ler o relatório da Comissão, não é o PSD que o diz; não estou a inventar, estou a ler o relatório da Comissão) “a alteração da idade de intervenção precoce não vem trazer nada de novo que venha a ser mais benéfico para as crianças.”

A Sra. Secretária Regional acabou de dizer exatamente o contrário disto.

E o Sr. Secretário Regional da Educação? O que disse o Sr. Secretário Regional da Educação?

O Sr. Secretário Regional da Educação disse o seguinte:

“O PSD propõe o alargamento da idade para efeito de intervenção precoce até aos seis anos de idade, mas considera-se não existir qualquer vantagem nessa propositura”.

Mas não disse só isso. Disse mais uma coisa interessante. Disse que “os recursos humanos adstritos a este trabalho manifestam-se suficientes”.

Acabámos de ouvir a Sra. Secretária Regional dizer que estão a reforçar os meios técnicos, depois da apresentação destas iniciativas em outubro do ano passado por parte do PSD...

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Isabel Almeida Rodrigues):** Já faltava!

**O Orador:** ... e o Governo tem disponibilidade para reforçar mais técnicos.

O Sr. Secretário Regional diz que não é preciso mais um (que são necessários).

Isto leva-nos a uma outra conclusão. Eu ontem disse aqui que a ausência dos Srs. Secretários Regionais da Educação e da Saúde se prendia com a circunstância deles terem-se manifestado em sede de Comissão contra estas

propostas do PSD e de serem agora desautorizados pela aprovação que o Partido Socialista vai fazer pelo menos de uma destas iniciativas.

Concluía que eles se teriam envergonhado dessa desautorização. Mas tenho que mudar de opinião, Sra. Presidente, porque há instantes num aparte o Sr. Deputado Berto Messias, Presidente da bancada do Partido Socialista...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Já abandonou! Finalmente no lugar de onde nunca deveria ter saído!

**O Orador:** ... disse o seguinte: já perceberam os Srs. Deputados por que é que a ausência do Sr. Secretário Regional da Educação não faz falta.

Então, qual é inevitavelmente a conclusão?

Não são os Srs. Secretários que se envergonharam da desautorização que lhes faz o Partido Socialista, é a bancada do Partido Socialista que se envergonha dos secretários que tem.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sra. Deputada Catarina Moniz Furtado tem a palavra.

(\*) **Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Eu não consegui resistir a intervir porque a precisão ou a pretendida precisão cronológica do Sr. Deputado Joaquim Machado é matematicamente dessincronizada e desprecisa, porque nas minhas contas, na matemática do meu 1.º ciclo, seis vezes doze são setenta e dois.

Portanto, entre 2006 e 2012 vão 72 meses e não os repetidos, e repetidos, ontem e hoje, 92 meses do Sr. Deputado.

Ficávamos por aqui relativamente a algum calendário que certamente não é o gregoriano, que é o que nós usamos.



Depois, outra coisa que o Sr. Deputado já ontem nos tentou brindar é que uma das propostas, dizia o Sr. Deputado, do PSD... Oh, meus senhores! Ou eu vi muito mal esse diploma ou a única proposta do PSD a esse Decreto Legislativo é a alteração de três para seis. É essa a palavra que muda nessa alteração (três para seis!).

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**A Oradora:** É a única! Não é uma das... É a única!

Depois, o Sr. Deputado veio aqui... Meu Deus, Eureka!... Eu descobri!... Eu consegui!... Nós, o PSD (e ele, porque ele fala em nome do PSD, mas neste particular eu julgo que fala sozinho) conseguimos perceber por que é que os Membros do Governo não estão!

Ah!... Conseguiram!

Porque o Grupo Parlamentar desautorizou, imagine-se!... Desautorizou!

Nem queríamos imaginar como é que seria se eles fossem Governo. É melhor não!

Mas vamos lá ver. O que acontece, e como a Sra. Secretária já hoje explicou, é que isto é uma matéria... Vamos ser precisos!

Está-se a alterar um Decreto Legislativo Regional, a mudar uma palavra num artigo, mas é um Decreto abrangente e que neste particular, que é a intervenção precoce, que é o que estamos aqui a ver, é uma matéria tripartida, como a Sra. Secretária Adjunta da Presidência já fez questão de dizer.

Ou seja, tem responsabilidades a Solidariedade Social, que por algum acaso a Sra. Secretária Andreia, deve ser pelos lindos olhos doces,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Já lá vamos!

**A Oradora:** ... não faz mal ao Sr. Deputado que não a tenha envolvido neste debate, temos o Secretário da Educação e temos o Secretário da Saúde.

Diz a Portaria que nesta tripartição departamental quem tem a coordenação é a saúde. A saúde é que faz a coordenação. Mas o Sr. Deputado Joaquim Machado está mais à vontade a atacar na área da educação. Nós percebemos.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não leu o relatório!

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Ora bem, é a saúde!

Mas o que os Srs. Deputados não disseram, mais concretamente o Sr. Deputado Joaquim Machado o que não disse é que não está aqui nenhuma desorganização, não está aqui nenhuma desautorização.

O que os Srs. Secretários disseram em sede de Comissão foi que não concordavam com a alteração do PSD.

Pois o Grupo Parlamentar também não! Por isso é que traz uma proposta de alteração à alteração deles. É porque nós também não concordamos com a alteração que eles fazem.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**A Oradora:** Portanto, não há nenhuma desorganização. O que aconteceu foi que os Srs. Secretários foram pronunciar-se sobre a proposta do PSD e sobre aquela não concordavam. Pois nós também não, por isso trazemos uma proposta de alteração.

Já que os senhores queriam mexer e fizeram um elevado número, puseram duas propostas da mesma matéria, mas uma em forma de recomendação para não se comprometerem, porque assim façam eles. A gente não se compromete. Ou seja, o PSD quer alterar o número de técnicos, mas não diz quantos, para não ficar preso.

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Vamos ter de chamar a Sra. Deputada Judite Parreira!

**A Oradora:** Mas nós dizemos quantos, nós sabemos quantos e queremos saber sempre quantos, por isso é que continuamos a aprofundar isso.

O que aconteceu foi que nesta proposta de alteração do Regime Jurídico da Educação Especial e do Apoio Educativo os senhores trouxeram uma proposta igual, *ipsis verbis* como está na República, nós começamos a pensar (a gente às vezes também se dá a esse trabalho, de pensar um bocadinho)...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Quem será que a fez pensar?

**A Oradora:** ... e vimos como é que seria mais adequado.

Pois já que vamos alterar (e vou escusar-me de referir isso, porque já foi aqui bastante bem explicado), não vamos duplicar equipas,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Como é que a senhora duplica uma coisa que não existe?

**A Oradora:** ... não vamos fazer sobreposição e vamos garantir que os alunos que naquela faixa etária dos três aos seis anos, que é uma faixa etária substancial em oferta privada, cooperativa e solidária nessa Região, também fiquem sobre a alçada da intervenção precoce. Ou seja, nós queremos abranger o máximo possível e foi exatamente por essa alteração à vossa alteração que aqui o Governo está de apoio, como o Grupo está ao Governo.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Os senhores não queriam era nada!

**A Oradora:** Portanto, por muito que vos incomode, nós trabalhamos em equipa, nós trabalhamos em conjunto. E é só isso que temos a dizer.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**A Oradora:** Não era nenhum *fait divers* virem aqui pretender... Não faz sentido, o Sr. Deputado, com os seus 2.937 dias e mais não sei quantos milhões de segundos, vir aqui tentar fazer um alarido numa coisa que é simples. Os senhores limitaram-se a alterar o número, por extenso, e nós estamos a fazer uma alteração de fundo.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Nós vamos fazer um breve intervalo. Regressamos às 11H20.

*Eram 11 horas*

**Presidente:** Vamos recomeçar os nossos trabalhos.

*Eram 11 horas e 39 minutos*

Está inscrita a Sra. Secretária Regional a quem dou a palavra.

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Isabel Almeida Rodrigues):** Muito obrigada.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Membro do Governo:

Já se gastou muito tempo em questões laterais ao debate que eu não vou ressuscitar porque acho que não trazem qualquer utilidade à solução das questões que estamos aqui hoje a discutir.

De qualquer forma gostaria de registar que na linha do que vem sendo costume, se fazemos é porque fazemos, se não fazemos é porque não fazemos.

Importa também reiterar, relativamente às audições dos Srs. Secretários Regionais da Saúde e da Educação e Cultura na Comissão, que tal como referi na minha primeira intervenção mantemos integralmente o entendimento que foi então manifestado.

Por um lado, e relativamente à intervenção precoce que não é aumentando pura e simplesmente a idade dos três para os seis anos, que se resolvem eventuais necessidades que tenham sido identificadas.

Julgamos que é preciso que a solução que se vier a encontrar se conforme de forma a melhor responder àquelas que são as necessidades da criança não permitindo a sobreposição de intervenções que terão necessariamente o efeito contrário daquele que se pretende.

Isto não quer dizer que não se deva fazer nada. Devemos garantir que em todo o momento há uma resposta adequada que enquadra as necessidades concretas daquela criança e que lhe garante o acesso às respostas de que necessita.

Relativamente à questão da suficiência ou insuficiência dos recursos. Os recursos foram determinados em função das necessidades identificadas,...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Não é verdade!

**A Oradora:** ... mas entendemos que não deveríamos ficar de braços cruzados e é por isso que no âmbito desta reorganização estamos a proceder a uma rigorosa reavaliação dos tempos e, se forem identificadas necessidades, os ajustamentos serão feitos e estamos, como já tive oportunidade de referir, a fazer também a avaliação junto de todas as unidades educativas da Região para aferir da adequação desses mesmos recursos.

Há uma questão aqui que foi referida pela Sra. Deputada Ana Espínola e creio também que pelo Sr. Deputado Paulo Estêvão e que é da máxima importância e que se prende com a sinalização.

A questão da sinalização não tem a ver com a idade para a qual fixamos a resposta da intervenção precoce, porque a sinalização é o momento anterior à intervenção.

Naturalmente que a sinalização envolve e tem que envolver um conjunto variado de agentes do sistema de saúde, do sistema educativo, de instituições onde as crianças eventualmente frequentem uma creche, mas da própria família e da comunidade.

É de facto um momento muito crítico, porque quanto mais cedo for feita a sinalização, mais cedo a criança beneficiará dos recursos de que necessita para superar a situação em que se encontra.

**Deputado Joaquim Machado (PSD):** Tem a certeza disso?

**A Oradora:** Julgo que deste debate sai um conjunto de questões em que estamos todos de acordo e relativamente às quais gostaria de reiterar o empenho do Governo Regional.

Penso que todos estamos de acordo no quão importante é ouvir aqueles que estão envolvidos no sistema, aqueles que trabalham nas equipas, que trabalham nas escolas e que contribuem para a materialização das respostas que estão previstas no diploma, porque o diploma por si só, efetivamente, não responde. Importa a materialização do sistema que foi conseguido. É isso que o Governo tem estado a fazer, ouvindo os intervenientes.

Julgo que também todos concordámos que da qualidade da resposta depende o sucesso da intervenção e concordamos também que essa intervenção é importantíssima para garantir que cada uma destas crianças e jovens tenham condições de desenvolver o seu potencial e de se tornar um cidadão ativo que desenvolve todas as competências que tem.

É nisso que o Governo está profundamente empenhado.

Estamos disponíveis para permanentemente avaliar o nosso trabalho e fazer os ajustes que sejam necessários.

É isso que tem sido sucessivamente afirmado pelo Governo, é isso que vamos continuar a fazer.

Muito obrigada.

**Deputado André Bradford (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Passo agora a palavra ao Sr. Deputado Joaquim Machado.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A minha intervenção foi suscitada pela participação neste debate da Sra. Deputada Catarina Furtado, não que tenha sido uma intervenção muito importante para aquilo que estamos a discutir, mas porque suscitou dois aspetos que julgo que merecem alguma palavra de resposta.

Desde logo, para o facto da bancada do Partido Socialista acusar esta proposta do PSD de uma simples alteração de um número: passar a intervenção precoce dos três para os seis anos. Portanto, é uma coisa simples, sem qualquer mérito, talvez até sem oportunidade, é qualquer coisa irrelevante.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nada mais falso!

Esta mudança de três para seis anos como tempo de atuação das equipas de intervenção precoce faz toda a diferença.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Mesmo que não fizesse essa enorme diferença que é proporcionar o acompanhamento a crianças com necessidades educativas especiais ou crianças que estão expostas a riscos de natureza ambiental, social, que podem prejudicar o seu processo de desenvolvimento, que mais não fosse só pela oportunidade de nós discutirmos estas matérias e de pôr o Governo finalmente a realizar algum trabalho neste domínio, já aí teríamos mérito nesta iniciativa do PSD.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):**Muito bem!

**O Orador:** Mas não se tratam de números, não se trata de mudar de três para seis. Trata-se de atender a necessidades de centenas, eu diria seguramente mais de um milhar de crianças na nossa Região.

Quando digo mais de um milhar de crianças, sem a certeza absoluta do número de que estou a falar, é porque o Governo Regional continua a não ter nas suas mãos um relatório da Comissão Coordenadora Regional, que está obrigado a fazer um relatório sobre esta matéria.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):**Muito bem!

**O Orador:** Já devia ter apresentado o relatório de 2013.

Portanto, nós andamos neste domínio a tatear o terreno, sem saber exatamente o que é que se passa. Aliás, o PSD (fiz ontem, voltei a fazer hoje) continua sem obter resposta do Governo Regional sobre o número de crianças abrangidas em cada concelho pela intervenção precoce, o número de técnicos afetos à intervenção precoce em cada concelho. Não obtemos resposta, do mesmo modo

que não obtemos resposta sobre as razões que levam a que passados 16 meses sobre 2013 continuemos sem o dito relatório.

Portanto, essa circunstância obriga necessariamente a estas palavras que aqui fiz.

Depois, a Sra. Deputada, e com razão, disse que eu me enganei nas contas. Eu tenho que reconhecer que de facto não são os 92 meses e aqui estou para reconhecer o erro, Sra. Presidente. De facto, o Decreto Legislativo Regional que institui estas matérias foi aprovado aqui nesta Assembleia em março de 2006 e o Governo Regional só constituiu a equipa de coordenação regional em dezembro de 2013. Portanto, isso não corresponde a 92 meses, mas sim a 93.

Portanto, não são 2760 dias (também tenho que corrigir), são 2790 dias.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Então agora 92 mais 16 dá 93?

**O Orador:** Portanto, é o tempo que vai desde a aprovação em plenário do Decreto Legislativo até ao dia 19 de dezembro de 2013, data em que foi publicado o despacho a constituir a Comissão de Coordenação Regional.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** E o senhor diz que é 93? Belas contas! A sua matemática e ironia ...

**O Orador:** Finalmente, e sem esquecer que a razão que nos levou a estar aqui a discutir esta matéria, é exatamente uma proposta do PSD apresentada em outubro do ano passado.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** A Sra. Deputada do Partido Socialista disse com muita clareza, temos que reconhecer, bom, já que se ia alterar umas coisas por iniciativa do PSD, o Partido Socialista aproveita para alterar mais algumas, porque se estivéssemos à espera da iniciativa do Partido Socialista ou do Governo Regional para mudar este estado de coisas, nomeadamente a passagem dos três para os seis anos, certamente que esta discussão não se tinha realizado.

Por fim, gostava também de dizer que a ausência dos Srs. Secretários,...

**Deputado André Bradford (PS):** Ainda, Sr. Deputado?



**O Orador:** ... além daquilo que nós já sabemos, proporciona mais uma coisa: proporciona o aparecimento dos secretários sombra ainda que estes não façam sombra àqueles que cá não estão.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sra. Secretária Regional tem a palavra.

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares** (*Isabel Almeida Rodrigues*): Muito obrigada.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Por lapso, Sr. Joaquim Machado, não lhe dei os números que me tinha solicitado. É isso que vou fazer agora.

Relativamente ao número de crianças elegíveis por concelho, tenho no concelho de Angra do Heroísmo 12, Praia da Vitória 15;...

**Deputado Artur Lima** (*CDS-PP*): Doze? Não sei quem lhe deu esses números?

**A Oradora:** ... Graciosa 9; Lajes do Pico 10; Madalena do Pico 13; Calheta de São Jorge 3; Velas 1 (estamos a falar de crianças ilegíveis para intervenção precoce); 115 Ponta Delgada; 36 Vila Franca; 21 Povoação; 11 Nordeste; 8 Ribeira Grande; 8 Rabo de Peixe, 1 Maia, 15 Vila do Porto, 1 Santa Cruz, nenhuma em Vila do Corvo.

Crianças do ensino pré-escolar: 228 (eu abster-me-ia de dizer por unidade educativa porque ficaria aqui algum tempo a enumerar números)...

Quanto ao número de técnicos das equipas: 6 em Santa Maria; 6 na Graciosa; 10 em Angra; 7 na Praia; 10 na Calheta; 6 nas Velas; 4 afetos ao Corvo, mas com a circunstância que eu referi que é em conjunto com as Flores de forma a garantir a experiência dos técnicos;...

**Deputado Paulo Estêvão** (*PPM*): Corretíssimo!

**A Oradora:** ... 5 nas Flores; 6 em São Roque; 6 nas Lajes; 6 na Madalena; 8 em Ponta Delgada; 8 na Ribeira Grande; 6 no Nordeste; 6 na Povoação; 5 em Vila Franca; 8 no Faial.

Muito obrigada, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

Sr. Deputado Joaquim Machado tem a palavra.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu devo começar por agradecer à Sra. Secretária Regional a divulgação destes números, porque eles já tinham sido pedidos várias vezes em requerimentos e o Governo Regional nunca os facultou.

Não os facultou por alguma razão, nomeadamente porque não bastava dizer o número de técnicos que a senhora agora aqui referiu. Bastava dizer que técnicos são esses e que tempo dedicam ao trabalho com estas crianças.

A Sra. Secretária disse os ilegíveis, o número de crianças ilegíveis. Não disse o número de crianças que estão a ser atendidas e isso também faz toda a diferença.

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Isabel Almeida Rodrigues):** Não, Sr. Deputado! São as crianças que preenchem os critérios!

**O Orador:** Tomando como certo os números referidos para Ponta Delgada e Lagoa, aqueles que eu tenho Sra. Secretária (e também fui à procura de informação por outros caminhos já que o Governo não nos facultava essa informação) tenho a diferença de um técnico para menos em Ponta Delgada e Lagoa.

Mas admitindo que são os oito, Sra. Secretária, desse universo de técnicos de Ponta Delgada, dois são assistentes sociais que não trabalham no terreno, que só fazem articulação e, portanto, não são responsáveis de caso. Portanto, não trabalham com as 115 crianças que referiu.

Dois são educadoras a tempo inteiro e acresce mais uma educadora que trabalha apenas com três crianças com deficiência profunda.

Depois, da área da saúde, para trabalhar com as 115 crianças que a senhora referiu (e elas não são 115, e já lá vamos chegar), existe uma assistente social a tempo parcial, que é também a senhora coordenadora da equipa local.

Depois, para trabalhar com as 115 crianças dos concelhos de Ponta Delgada e Lagoa que o Governo Regional identifica como ilegíveis, há uma psicóloga que trabalha um dia por semana. Repito: uma psicóloga que trabalha um dia por semana com 115 crianças.

Há, finalmente, uma senhora enfermeira que trabalha com essas 115 crianças identificadas pelo Governo Regional nos concelhos de Ponta Delgada e Lagoa, um dia por mês (um dia por mês!).

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Por mês?

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Dá doze dias num ano!

**O Orador:** Isto leva-nos exatamente a uma outra coisa, que é a resposta que é dada às crianças com necessidades.

Vejamos também o que é que dizem os técnicos (não é o PSD que está a falar, eu estou a reportar-me aos dados existentes).

Os técnicos, por exemplo, dizem, o seguinte:

“A designação de técnicos a tempo parcial acarreta a dificuldade na conjugação das diferentes disponibilidades para a devida articulação com a criança e família inter equipa e inter serviços.”

Quem é que diz isto? Não é o PSD. São as senhoras coordenadoras das equipas técnicas de Ponta Delgada e da Ribeira Grande, quem está no terreno, quem é especialista nesta área.

Mas há quem diga mais alguma coisa, diga por exemplo isto:

“Existe entre a identificação das necessidades e a resposta um tempo excessivamente longo, o que na intervenção precoce não pode acontecer.”

Não é o PSD que o diz. Quem disse isto que eu acabei de citar foi o Dr. Bruno Seixas, que foi até há pouco tempo o Coordenador Regional do Programa de Intervenção Precoce. Não é o PSD!

Esta falta de técnicos tem obviamente uma consequência, ou melhor, centenas de consequências, porque cada criança que tem este tipo de necessidades ou que está sujeita a riscos ambientais e sociais, merece (tem de merecer!) das instituições públicas, dos responsáveis governamentais toda a atenção e a disponibilização de tudo o que é necessário para evitar problemas no seu desenvolvimento que acresçam àqueles que ela, por razões do acaso, já traz consigo.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Quem diria! Exclusão!

**O Orador:** As consequências são estas.

Há uma notícia de um jornal, que é obviamente não feito pelo PSD:

“A lista de espera já atinge, só em São Miguel, 112 crianças que aguardam a sua vez para serem seguidas por técnicos na área da saúde, educação e de ação social. As zonas de Arrifes, Capelas e Água de Pau estão no topo desta lista de espera.

Portanto, Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, as consequências são estas.

Mas eu vou apresentar ainda mais uma consequência. Não foi o PSD que inventou, não foi o PSD que na sequência da análise destas coisas chegou a uma conclusão. Foi uma mãe, a mãe de uma menina a quem está identificado uma síndrome de autismo que fez a seguinte declaração a um jornal de Ponta Delgada, ao Açoriano Oriental, em concreto:

“Depois do sucessivo adiamento do início do acompanhamento da menina de três anos, os pais receberam agora a informação de que por falta de recursos humanos (por falta de recursos humanos!) não será possível inclui-la no programa que dá apoio às crianças às quais tenham sido detetados problemas de desenvolvimento.

O argumento apresentado para a sua exclusão do programa é que por falta de recursos humanos, entre os quais educadoras, é necessário proceder à seleção

dos casos a apoiar, estando a ser dada prioridade às crianças inseridas em famílias em risco de exclusão social.” Açoriano Oriental, dia 7 de dezembro de 2014.

Não foi o PSD que chegou à conclusão de que não há técnicos. São os técnicos que o dizem, foi o Coordenador Regional do Programa de Intervenção Precoce que o disse publicamente, são os pais, com mais coragem, que percebendo que através das vias institucionais não conseguem resolver este drama das suas famílias, dos seus filhos, que o denunciam publicamente.

Em nome deles, se me permite Sra. Presidente para concluir, em nome dessa gente, dessas famílias, dessas crianças, que o PSD aqui está e em outubro passado tomou estas iniciativas.

Disse.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra à Sra. Secretária Regional.

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares** *(Isabel Almeida Rodrigues)*: Obrigada.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Gostaria de começar por afirmar, não porque acho que seja necessário, mas apenas para que fique registado, que o Governo dos Açores tem o mais profundo respeito por cada criança, cada jovem e cada família que enfrenta situações desta natureza.

**Deputado Cláudio Almeida** *(PSD)*: Ninguém diz o contrário!

**A Oradora:** É para ultrapassar as dificuldades que trabalhamos todos os dias.

**Deputado João Bruto da Costa** *(PSD)*: Então por que não aprova a resolução?

**Deputada Benilde Oliveira** *(PS)*: Muito bem!

**A Oradora:** Sabemos que nem tudo correu sempre bem.

Devo dizer-lhe, Sr. Deputado, como imaginará, o Governo também teve conhecimento desse caso em dezembro do ano passado, e ainda bem que assim foi, porque é tendo conhecimento das situações que podemos agir no caso concreto. Se não o tivermos corremos o risco de não atuar.

Aqui temos duas possibilidades: ou nos concentramos exclusivamente nisso ou procuramos identificar as ações que podemos tomar para ultrapassar as situações que são identificadas.

Julgo que ao longo desta manhã ficou bem expresso, não na palavra mas nas ações que tive oportunidade de elencar, que o Governo está empenhado em melhorar tudo aquilo que haja a melhorar e é nisso que o Governo está a trabalhar mas não é desde hoje, Sr. Deputado, é desde há muito tempo.

E não é porque essas iniciativas estão a ser aqui discutidas hoje sem qualquer demérito das mesmas, é porque as crianças e as famílias precisam que o Governo atue para as ajudar a superar as dificuldades. O que nos move são as famílias e são as crianças que precisam da nossa ação.

Gostaria também de dizer, Sr. Deputado, que a intervenção precoce não se resume como o senhor bem sabe às ações concretas das equipas. Aliás, a intervenção precoce deve ser desenvolvida desde logo com a família (não para a família, mas com a família!), com a criança e em estreita articulação e colaboração com eventuais instituições onde a criança esteja integrada como pode ser o caso de uma creche.

Não resisto, no entanto, Sr. Deputado, a dizer que tenho pena, e sabendo que as suas preocupações são genuínas, que o PSD não estenda estas suas preocupações às suas áreas de atuação.

Ainda ontem tivemos oportunidade de ver relatos do debate que se fez na Assembleia da República sobre a situação das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em risco, que foi considerada tão só pelo seu presidente como uma situação emergente.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Exatamente!

**A Oradora:** Aceitando, Sr. Deputado, e acreditando como acredito que a sua preocupação é genuína, gostaria que os senhores levassem essa vossa preocupação onde têm responsabilidade.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Temos responsabilidades aqui! Bruto e Garcia!

**A Oradora:** Não podem exigir de nós uma coisa e fazer outra e essa tem sido a vossa prática.

Muito obrigada.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária.

De momento a Mesa não tem mais inscrições.

*(Pausa)*

Pergunto se há inscrições.

Vamos então passar à votação. Como são dois diplomas votaremos em primeiro lugar, pela ordem que consta da Agenda, nomeadamente o Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 43/X.

Vamos fazer a votação na generalidade.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Deputado Berto Messias (PS):** Este é para aprovar!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Olhe uma abstenção!

**Presidente:** As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O Projeto de DLR apresentado foi aprovado com 19 votos a favor do PSD, 3 votos a favor do CDS-PP, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PCP, 1 voto a favor do PPM e 29 abstenções do PS.

**Presidente:** Passamos agora para a votação na especialidade.

Vou colocar à votação a proposta de alteração apresentada pelo PS ao artigo 1.º deste diploma.

Sr. Deputado Joaquim Machado tem a palavra.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Vi-me na obrigação de intervir, Sra. Presidente, para formalmente impedir a votação na especialidade deste artigo, porque se há uma proposta de alteração apresentada pelo Partido Socialista, julgo que faz sentido nós sabemos a razão que motiva o Partido Socialista a apresentar esta proposta e o que é que ela diverge da proposta do PSD.

Portanto, não é uma situação muito estranha. De facto o Partido Socialista lida muito mal com estas matérias.

Já percebemos o incómodo nomeadamente na abstenção, o que naturalmente resultou numa coisa interessante, que é nós já não precisarmos dos votos do PS para aprovarmos coisas boas para os açorianos, mas não saber o que é que o Partido Socialista pretende com esta proposta de alteração, bom, é no mínimo, eu direi, se me permitirem a expressão, caricato.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sra. Deputada Catarina Moniz Furtado tem a palavra.

(\*) **Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:



O Sr. Deputado Joaquim Machado (e eu percebo) já há pouco tinha referido numa intervenção posterior à minha que eu não tinha dito nada. Ele não quis ouvir nada, é diferente.

O que eu tinha dito quando intervim a primeira vez foi exatamente que não havia nenhuma desorientação, não havia nenhuma desconcertação. O que nós não concordávamos era que, pura e simplesmente, nos limitássemos a alterar a idade, porque fazer o mais simples é normalmente o mais fácil, mas nós já que vamos fazer alguma coisa, então vamos fazê-lo como deve ser.

Já no debate tinha acontecido. O Sr. Deputado Nuno Meneses tinha falado nisso. A Sra. Secretária tinha falado nisso.

Nós não concordamos com duplicação de equipas. Nós não concordamos com não estar claro nessa alteração pretendida como é que fica a situação de uma franja de crianças que frequentam o ensino privado, cooperativo e solidário (já estou a repetir-me; tenho a sensação que acabei de dizer isso há bocadinho), que são aquelas crianças que não estão no serviço público e que achamos de facto que devem continuar a ser monitorizadas pelas equipas de intervenção precoce até entrarem na escolaridade do serviço público ou do sistema educativo público.

Ou seja, até agora nós temos uma intervenção precoce até aos 3 anos. É isso que está legislado.

O PSD trazia-nos aqui uma proposta que passava taxativamente dos três para os seis.

O que é que acontece?

Uma criança pode não entrar aos seis anos no 1.º ano do 1.º ciclo do ensino básico, porque o pai ou a mãe (os pais) podem pedir o adiamento da matrícula e a criança por razões diversas, na defesa do superior interesse da criança, o seu encarregado de educação ou os seus pais considerarem que é preciso um adiamento de matrícula.

Ora bem, este pequeno pormenor já não estava salvaguardado na forma taxativa e simples como o PSD propõe a alteração, porque propunha para os seis, independente de ter em consideração esta possibilidade.

Depois, continuava sem estar assegurado como é que fica um leque bastante vasto de crianças, como eu disse há pouco, que frequentam o jardim de infância mas num sistema cooperativo solidário e particular, e isso porquê, Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo?

Porque, segundo a nossa legislação, e como o Sr. Deputado Nuno Meneses referiu há pouco, o Decreto Legislativo que regula a criação, a autonomia e a gestão das escolas, no sistema público, há as chamadas estruturas intermédias das unidades orgânicas que visam exatamente esse trabalho de rede, essa abordagem, esse acompanhamento das crianças que entram no sistema público.

Em contrapartida, o Decreto Legislativo Regional que regula (como o Sr. Deputado Nuno Meneses também referiu há pouco) o ensino particular, cooperativo e solidário, não obriga a que as instituições deste sistema tenham as mesmas estruturas. Ou seja, os dois ensinamentos apesar de terem os princípios pedagógicos, o paralelismo pedagógico, não obriga os privados, cooperativos e solidários que tenham as estruturas intermédias a que o Estado está obrigado, faz, quer, persiste e insiste em continuar a fazer, pelo menos na Região Autónoma dos Açores.

Portanto, nós, considerando o leque de crianças que entre os 3 e os seis anos frequentam o pré-escolar, chamado o pré-escolar que não se resume aos cinco anos mas dos três aos seis, e achamos que é um vasto leque, achamos que estas crianças, sim, deviam continuar a ser passíveis de sinalização, de acompanhamento, de encaminhamento pelas equipas de intervenção precoce, uma vez que estas instituições de ensino não estão obrigadas à disponibilização aos seus utentes das estruturas intermédias que o sistema público está.

Exatamente desse raciocínio decorre a nossa proposta de alteração ao ponto 2 do artigo 25.º e o aditamento do ponto 4 que vem exatamente assegurar estes leques que eu aqui falei.

Eu não queria voltar a insistir, mas a verdade é que o PS a mexer normalmente, mexe como deve ser.

Muito obrigada.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Joaquim Machado tem a palavra.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Muito rapidamente!

O PS mexe, mexe, mexe e deixa tudo exatamente como está.

A proposta de redação que o Partido Socialista apresenta, em substância, não muda nada àquilo que é a proposta do PSD.

Trata-se daquele, eu diria, revanchismo habitual de na circunstância de não poder fugir a um voto favorável, a uma iniciativa do PSD, coisa que sendo rara mas que de vez em quando acontece, o Partido Socialista quer sempre pôr o dedinho para ficar também com a partilha da iniciativa e, no fundo, daquilo que vamos disponibilizar aos açorianos. Que lhe faça bom proveito!

Mas esta proposta do Partido Socialista não altera nada. Desde logo, porque o Partido Socialista até agora esteve acomodado desde 2006 ao facto da intervenção precoce se fazer só até aos três anos de idade, quando no resto do país se faz até aos seis anos e o Partido Socialista vive muito bem com isso.

Esteve de consciência tranquila quando centenas de crianças não frequentando o ensino da rede pública do pré-escolar ficaram fora do trabalho destas equipas de intervenção precoce.

O Partido Socialista lidou muito bem com isso. Não sei o que é que mexeu durante esse tempo, mas uma coisa sabemos, é que essa situação não lhes mexeu com a consciência.

O PSD apresenta uma iniciativa, e como reconheceu mais uma vez a Sra. Deputada, bom, já que tem que se mexer porque o PSD teve esta ideia em outubro passado, então nós vamos mexer aí para fazer de conta que mudámos.

Sra. Deputada, a proposta do PSD diz que a intervenção precoce se deve alargar até à idade de ingresso no básico.

Se a idade é aos seis anos e a criança entra aos 6 anos, é até aos 6 anos. Se a criança, dentro do que a legislação permite, adia o ingresso, é até aos sete anos ou até aos oito ou os nove. Qual é a diferença?

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Qual é a diferença?

**O Orador:** E O PSD também não impede, pelo contrário, que as equipas de intervenção precoce, façam o seu trabalho junto das Instituições Particulares de Solidariedade, das cooperativas ou até do ensino privado que eventualmente não tenham estruturas para dar resposta a alunos com estas características ou sujeitos a estes riscos.

**Deputado Cláudio Almeida (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Não impede!

Portanto, acrescentar o n.º 4, dizendo que “a intervenção terá ainda lugar” significa ainda uma outra coisa: os senhores puseram, como diz o povo, a “careca à mostra” neste n.º4.

Dizem que a intervenção precoce tem ainda lugar nas situações em que os estabelecimentos frequentados pela criança em causa, até ao ingresso na escolaridade obrigatória, não dispunha de equipas de apoio adequado.

As Sras. e os Srs. Deputados do PS não disseram que é nos estabelecimentos de ensino particular privado ou solidário. Disseram: “nos estabelecimentos de ensino onde não houver”. Isso significa também na rede pública...

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Isabel Almeida Rodrigues):** Não, não! Está redondamente enganado! Não é nada disso!

**O Orador:** ... porque os senhores, no fundo, têm a consciência de que, mesmo fazendo alterações, não vão conseguir garantir os meios que a escola pública deve ter e dar resposta neste domínio.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sra. Deputada Catarina Moniz Furtado tem a palavra.

(\*) **Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Não, Sr. Deputado! Nós, de facto, pomos a “careca à mostra”, porque nós trazemos todos carecas ou cabelo médio, de toda a maneira.

As crianças vêm todas para uma escola inclusiva. Nós queremos que fiquem todas à mostra, não escondidas. Nós não queremos ninguém escondido debaixo do tapete, como tínhamos. Nós queremos todos!

**Deputada Benilde Oliveira (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** E mais! O senhor falou como na República.

Hoje foi buscar a República!

Hoje foi o Sr. Deputado que foi buscar a República e o Governo da República para os seis anos. Foi o Sr. Deputado!

Pois então vamos ver e o senhor vai dizer-me se também é intenção dos senhores trazer da República que para cumprir a escolaridade obrigatória dos alunos que têm necessidades educativas especiais, conforme a Portaria.

Quando o Sr. Deputado Joaquim Machado intervém só se ouve a si e quando os outros intervêm ele só pensa no que vai dizer a seguir.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**A Oradora:** Não ouviu nada do que aqui se passou, só se ouviu a si.

A Sra. Secretária há bocado falou na Portaria n.º 275/2012, que exatamente Cria o Regime da Escolaridade Obrigatória para os alunos que até ao 9.º ano, que durante o ensino básico, tiveram as necessidades educativas especiais.

E o que é que eles fazem?

Vão varrê-los outra vez para outros sítios que não são as escolas públicas.

O que é que eles fazem?

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares** (*Isabel Almeida Rodrigues*): Os senhores vão tirar essas crianças da escola!

**A Oradora:** Propõem uma matriz curricular que faz com as crianças passem 20 horas numa instituição e cinco na escola; 20 horas por semana numa instituição e cinco...

Ah! Nós achamos que é um problema grave. Sabe porquê?

Porque nós preferimos o contrário. Nós preferimos, mesmo ainda com as nossas lacunas, apetrechar as nossas escolas do serviço público e da escola pública e trazê-los todos e pôr os técnicos nas escolas para que essas crianças possam, sim, passar em sistema regular 20 horas e 5 horas em sistema especializado.

Muito obrigada.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Joaquim Machado tem a palavra.

(\*) **Deputado Joaquim Machado (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Já percebemos tudo.

Gostava de, naquela que provavelmente será a última intervenção no debate destes dois diplomas, de dizer o seguinte:

Eu quando invoquei a República disse mal. E devia ter dito no resto do país, porque não é uma questão da República no sentido do Governo, porque, aliás, justiça se faça, o Governo que instituiu a intervenção precoce dos zero aos seis anos, no nosso país, foi um Governo do Partido Socialista.

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Afinal é até aos seis anos ou o ingresso no ensino básico?

**O Orador:** Portanto, não foi, contrariamente àquilo que a Sra. Deputada quis insinuar,...

**Deputada Catarina Moniz Furtado (PS):** Ai não foi? Parece!

**O Orador:** ... uma tentativa de trazer o modelo do atual Governo do PSD na República para os Açores. Não foi nada disto.

Foi verificar que as nossas crianças dos três aos seis anos, até agora, ao contrário do que acontece em todo o país, estavam fora da intervenção precoce.

Finalmente para dizer, contrariamente à afirmação da Sra. Deputada do Partido Socialista e ao argumentar do Partido Socialista:

O problema da proposta do PSD não é que cria duplicação de resposta.

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Isabel Almeida Rodrigues):** É!

**O Orador:** O problema não é a duplicação de resposta. O problema é a falta de resposta...

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Isabel Almeida Rodrigues):** Não é!

**O Orador:** ... que passados nove anos sobre a criação da intervenção precoce ainda hoje aqui podemos demonstrar...

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Isabel Almeida Rodrigues):** Não é, Sr. Deputado!

**O Orador:** ... como é o exemplo de uma psicóloga nos concelhos de Ponta Delgada e Lagoa trabalhar um dia por semana com 115 crianças, ou uma enfermeira no concelho de Ponta Delgada e Lagoa trabalhar um dia por mês com 115 crianças.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Isabel Almeida Rodrigues):** O senhor sabe perfeitamente como é feito!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado. Informo que o PSD esgotou o seu tempo com esta intervenção.

Julgo não haver mais intervenções.

*(Pausa)*

Não havendo vamos então continuar a votação na especialidade.

Está à votação a proposta de alteração apresentada pelo Partido Socialista ao artigo 1.º deste diploma.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de alteração anunciada foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PCP, 19 abstenções do PSD, 3 abstenções do CDS-PP e 1 abstenção do PPM.

**Presidente:** Está agora à votação o artigo 1.º deste Projeto de Decreto Legislativo Regional, com a alteração que acabámos de aprovar.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Julgo que posso colocar os três restantes artigos deste diploma à votação em conjunto.

Não havendo oposição, as Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** Os artigos anunciados foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Votação final global.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** Em votação final global, o Projeto de DLR foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora à votação do Projeto de Resolução.



As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra façam o favor de se sentar.

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de se sentar.

**Secretária:** O Projeto de Resolução foi rejeitado com 29 contra do favor do PS, 19 votos a favor do PSD, 3 votos a favor do CDS-PP 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PCP e 1 voto a favor do PPM.

**Presidente:** Vamos avançar com os nossos trabalhos.

Entramos agora no ponto 14 da nossa Agenda: **Anteproposta de Lei n.º 12/X – “Institui um regime de apoio à agricultura familiar na Região Autónoma dos Açores”**, apresentado pela Representação Parlamentar do PCP.

Para esta Anteproposta, a Representação Parlamentar do PCP fez chegar à Mesa uma proposta de substituição integral e, conforme ficou deliberado na Conferência de Líderes, vamos ultrapassar a norma regimental do artigo 136.º que diz que nestes casos devem ser ambas colocadas à votação, uma vez que esta é uma proposta de certa forma consensualizada e, como tal, a apresentação da iniciativa, o debate e a votação irão incidir na proposta de substituição integral.

Tem a palavra o Sr. Deputado Aníbal Pires.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A importância da pequena produção agrícola, em contexto familiar, na nossa Região é um facto incontestável. É consensual que o essencial da estrutura da nossa produção agrícola, base da economia regional, é constituída por pequenas explorações, quer em superfície agrícola, quer em termos do valor da sua produção.

No entanto, o rendimento destes produtores tem vindo a reduzir-se por força de uma multiplicidade de fatores.

A liberalização dos mercados de produtos agrícolas, a política agrícola neoliberal europeia, teve, em Portugal e também nos Açores, um efeito

extremamente negativo sobre os rendimentos dos pequenos produtores, desincentivando a produção, empurrando muitos agricultores para o abandono da atividade, ampliando os fenómenos de êxodo rural e desertificação.

Também os pequenos agricultores foram duramente atingidos pelo programa de austeridade cega e brutal que atinge todos os portugueses. Só que, de uma forma agravada pelas incertezas e dificuldades específicas da sua própria atividade.

Mas, em cima disto tudo, foi-lhes ainda aplicado, mais recentemente, um brutal aumento das contribuições obrigatórias para o fisco e para a Segurança Social. Com a aplicação do pacto de agressão, no Orçamento de Estado para 2013 o Governo alterou o regime de IVA para os pequenos agricultores, eliminando a isenção de IVA nas transações e na prestação de serviços agrícolas, medida que fez parte do aumento brutal de impostos.

Também as contribuições obrigatórias para a Segurança Social sofreram aumentos espetaculares que, agora, abrangem até as verbas recebidas a título de subsídios ao investimento e participações comunitárias. Diga-se que esta interpretação oportunista, misturando rendimento pessoal com verbas de investimento, mostra bem que o único objetivo é o de taxar o mais possível a produção agrícola.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Estes problemas estão na origem da continuada queda do número de produtores agrícolas no país e na Região, desencorajando os existentes e desmotivando, quando não verdadeiramente bloqueando, a entrada na atividade de novos e jovens agricultores.

Este ciclo vicioso acaba por pôr em causa todo o esforço de investimento e modernização realizado ao longo das últimas décadas, já que, apesar dos apoios e subsídios, a atividade agrícola dificilmente consegue ser rentável, em função do peso esmagador da carga fiscal e das contribuições para a Segurança Social. Com isso, esvazia-se o espaço rural, desertificam-se as nossas freguesias,

diminui-se a nossa capacidade produtiva e exportadora, fragiliza-se ainda mais a economia regional no seu conjunto.

Não está ao alcance das competências deste Parlamento resolver todos estes problemas, mas não podemos nem devemos baixar os braços. Podemos e devemos tomar medidas que permitam inverter este ciclo. Podemos e devemos fazer o que está ao nosso alcance para minorar as dificuldades dos nossos agricultores.

Devemos utilizar toda a amplitude da nossa Autonomia, usando neste caso o nosso poder de iniciativa legislativa perante a Assembleia da República para com esta iniciativa aliviar os pequenos produtores agrícolas dos Açores da carga fiscal e da Segurança Social.

É este o significado e o sentido profundo da nossa proposta. Não se trata de resolver todos os problemas da lavoura açoriana, mas sim de ajudar a melhorar o rendimento dos nossos agricultores e transmitir-lhes um sinal positivo de encorajamento.

Estamos convictos (estou convicto!) que esta é uma medida justa, necessária e urgente e estou certo que a maioria, senão todos os partidos com assento parlamentar nesta câmara, concorda e comungam desta nossa opinião.

Disse.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Estão abertas as inscrições.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Para pedir um intervalo regimental de 15 minutos.

**Presidente:** Pensava que era para se inscrever no debate.

É regimental e considerando o nosso horário vamos interromper para o almoço.

Regressamos às 15H00 com a Agenda.

*Eram 12 horas e 31 minutos.*

**Presidente:** Agradeço que ocupem os vossos lugares.

*Eram 15 horas e 10 minutos.*

O Sr. Deputado Aníbal Pires tinha feito a apresentação da iniciativa.

Estão agora abertas as inscrições.

*(Pausa)*

Pergunto se há inscrições.

Sra. Deputada Graça Silveira tem a palavra.

(\*) **Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Ao contrário de alguns discursos mais pessimistas que se entendem fruto da falta de estratégia política para a agricultura na Região, especialmente agora com o fim das quotas leiteiras, o CDS continua a achar que a agricultura está, de facto, entre os setores económicos melhor posicionados para responder à presente crise económica. Por razões simples de perceber:

Porque a existência de uma política agrícola claramente definida que incentive a qualidade, quer ao nível da produção, quer ao nível da transformação, permitiria gerar riqueza a partir dos nossos recursos, reforçando a importância social e ambiental, contribuindo para a coesão regional, já para não falar das mais-valias ao nível do caminho da autossuficiência alimentar reduzindo as importações e aumentando as exportações.

Neste sentido, Sr. Deputado Aníbal Pires, o Grupo Parlamentar do CDS-PP congratula-o com a sua proposta, por esta que estamos agora analisar, felizmente, profundamente alterada comparada com a anterior Anteproposta de Lei, que de tanto atabalhoada mais parecia um rascunho.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**A Oradora:** Esta proposta está de facto substancialmente melhor, mas ainda contém algumas incorreções e omissões, nomeadamente nunca define em lado nenhum o que entende por agricultura. Utiliza diversas terminologias sem nunca as definir. No capítulo I, na alínea a), do n.º 1 do segundo artigo refere “agricultura a título principal”; na alínea b) já fala em “produtor agrícola”; na alínea c) passa a ser “trabalhadores que exercem atividades agrícolas”.

No capítulo II, usa a terminologia “produtor agrícola”; no III “trabalhadores que exercem atividade”.

Portanto, não se percebe se de facto são terminologias diferentes que referem a mesma coisa, e aí deve ser usada sempre a mesma para evitar confusões, se de facto são realidades ou personalidades jurídicas diferentes.

Por outro lado, no n.º 3 do artigo 2.º, quando explica o que é que considera que são atividades agrícolas, diz: silvicultura, pecuária, hortofloricultura. Penso que quer dizer hortifruticultura, uma vez que logo a seguir diz floricultura. Doutra forma, a fruticultura ficaria de fora, o que me parece ser claramente um erro.

Depois diz, avicultura e apicultura, e diz: “ainda que nelas a terra tenha uma função meramente de suporte de instalações”.

Portanto, “nelas”. Ou diz nestas duas últimas, que penso que é o que se refere, e mesmo assim no caso da apicultura não é meramente uma questão de suporte. Na avicultura sim, mas na apicultura não.

Em relação ao 3.º artigo, que já há uma proposta de alteração, nós continuamos a achar que devia ser por intervalos, ou seja, maior e igual que 1,5 e menor que 2; maior e igual que 2 e menor que 3; caso contrário, e eu não sou especialista em termos jurídicos, mas pressupunha que a alínea seguinte anularia a anterior, e portanto deveria ser por intervalos.

Posto isto, e quanto ao objeto da Anteproposta em si, que é obviamente de apoiar e defender a agricultura familiar, devo dizer que o CDS está, como sempre esteve, atento aos problemas da agricultura nos Açores e está sensível e solidário com as dificuldades que as famílias atravessam.

No entanto, consideramos que não se mitigam as dificuldades das pequenas empresas familiares apenas pela via dos benefícios fiscais. Aquilo que a Região precisa urgentemente é de um modelo de desenvolvimento de pequena agricultura adaptada à nossa realidade, que dinamize o setor e que por essa via fortaleça as nossas pequenas empresas.

No entanto, 18 anos de governação socialista não foram capazes de cumprir esse desígnio.

É fundamental garantir o escoamento dos produtos a um preço justo, garantindo o pagamento dos custos de produção, do trabalho dos produtores e o seu rendimento.

Para isso devem criar-se canais de escoamento da produção familiar regional para escolas, hospitais, instalações militares e outras instituições com funções públicas, permitindo aos agricultores praticar preços de venda mais elevados, uma vez que se evitam os intermediários, além de que o valor acrescentado ficaria retido localmente.

Para produzir mais e com melhor qualidade é preciso garantir apoio técnico, melhorar a qualificação da mão de obra, reestruturar as explorações e com uma gestão mais eficiente, entre outras medidas, poderemos conseguir melhores rendimentos para os nossos pequenos e médios agricultores.

Assim, e apoiando esta iniciativa legislativa, reforço, em nome do CDS, que é indispensável considerar e dignificar a agricultura de forma a que os agricultores voltem a acreditar no futuro da sua atividade e sejam parceiros ativos no desenvolvimento da nossa Região.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

É um facto que todos nós temos que dar mais atenção à pequena, à média e à agricultura familiar.

É preciso criar legislação específica, é preciso reconhecê-la, especialmente a sua função social, económica e a sua nova função, a função humanizante desta agricultura e incentivá-la como meio de riqueza e de criação de postos de trabalho, mas isso é um trabalho de todos nós e não só do Governo Regional.

É um trabalho que todos nos devemos empenhar efetivamente em fazer este reconhecimento e incentivar a pequena, a média e a agricultura familiar, porque:

- é ela que contribui para a fixação de pessoas nas nossas ilhas (nós temos um problema de despovoamento);
- é ela que contribui para o combate do envelhecimento (temos um problema de envelhecimento);
- é ela que cria autoemprego e emprego;
- é ela que cria circuitos próximos de alimentação;
- é ela que cria novos negócios;
- é ela que tem um contributo fundamental para o ambiente.

Naturalmente, perante todos esses contributos que caracterizam a nossa agricultura, que é a pequena, a média e a agricultura familiar, esta proposta do PCP é uma proposta bem-vinda.

Como sabem, esta proposta melhorada pelo próprio PCP e com as alterações que irão decorrer, quer da parte do PS, quer da parte do PSD,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** A do PSD é substancial!

**O Orador:** ... ficará melhor ainda no sentido de criar especificidade àquela que foi a Lei n.º 110/2009, de 16 de setembro, que “aprovou o Código de Regimes Contributivos da Segurança Social”.

A lei entrou em vigor a 1 de janeiro de 2011 e revogou o Decreto Legislativo n.º 18/84/A.

Ou seja, na prática existiu um agravamento da taxa contributiva dos agricultores instalados a partir do 31/12.

Queria evidenciar também que nesta matéria todos os partidos políticos e o próprio Governo Regional nos encontramos. Houve efetivamente diálogo e

houve bom senso. Houve da parte de todos uma boa vontade para melhorar o Projeto de Resolução do PCP.

Portanto, nesta matéria, todo o Parlamento contribuiu e todo o Parlamento se empenhou com todos os partidos políticos e o Governo Regional para termos um bom diploma a favor da pequena, da média agricultura e da agricultura familiar.

Tenho dito.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Aníbal Pires tem agora a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr.

Membro do Governo:

Apenas para tecer uma consideração ou outra sobre a forma como a Deputada Graça Silveira, em nome do Grupo Parlamentar do CDS-PP se referiu à iniciativa.

O histórico desta Anteproposta de Lei revela bem a preocupação que houve por parte do PCP, desde logo, em relação ao objeto desta Anteproposta de Lei, que tem a ver com introduzir aqui alterações de modo a aliviar a carga tributária e as contribuições para a Segurança Social dos agricultores.

Desde logo, o objeto é esse e parece-me que é reconhecido.

Mas, face até à importância e ao formato que ele tem da Anteproposta de Lei, o PCP, como é sabido, no plenário do mês de março, retirou da Agenda para poder trabalhar melhor esta proposta, uma vez que esta proposta é efetivamente de alguma complexidade, tem a ver com a agricultura, mas a essência até é muito mais ao nível das questões da Segurança Social e da Fiscalidade, do que propriamente da agricultura, embora o objeto e a quem se destina (o público a que se destina) sejam os agricultores.

É de facto uma matéria muito complexa.

O PCP, em sede de Comissão, desde logo pediu e abriu toda a sua disponibilidade, aliás, nem precisava de o fazer, porque como V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> muito



bem sabe, isto não é um Projeto de Resolução e, como tal, qualquer partido nesta câmara pode fazer as alterações e as correções que muito bem entender.

Só um pequeno comentário:

Sra. Deputada Graça Silveira, V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> não está numa aula na universidade. Isto não é a academia.

V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> não gosta, corrige, propõe e depois discutimos as suas propostas no sentido de melhorar a proposta inicial.

É apenas e tão-somente isto que tenho para dizer a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> a propósito...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** E apresentei-as!

**O Orador:** Não apresentou não, porque ainda não as vi.

Só deram entrada propostas de alteração do Grupo Parlamentar do Partido Socialista e do Grupo Parlamentar do PSD.

Estou à espera das propostas de alteração e de correção do Grupo Parlamentar do CDS-PP.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Duarte Moreira tem a palavra.

(\*) **Deputado Duarte Moreira (PS):** Obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

A condição familiar é de facto uma característica marcante da agricultura dos Açores que cumpre acautelar e considerar para a defesa e promoção deste setor de atividade económica e que justifica a implementação de um sistema contributivo e fiscal mais favorável para a agricultura açoriana.

Conciliando o parecer da Federação Agrícola dos Açores e ainda com questões que foram colocadas recentemente à Secretaria Regional da Solidariedade Social quanto à concessão dos apoios ao investimento como relevantes na determinação da base da incidência da obrigação contributiva, considera-se necessária e oportuna esta iniciativa do PCP.

Porque não foi feito até agora, convém também esclarecer que nas contribuições para a Segurança Social coexistem dois sistemas para os

produtores e trabalhadores agrícolas com taxas diferentes: o regime (aquilo a que se chama o grupo fechado) que está previsto no Decreto Legislativo Regional n.º 18/84, de 12 de maio, aplicável a quem se instalou até 31 de dezembro de 2010 e o regime geral do novo Código de Regimes Contributivos do Sistema Providencial da Segurança Social, que foi aprovado pelo Decreto-Lei n.º 110/2009, que entrou em vigor precisamente a partir da data que referi anteriormente.

Só para se ter uma ideia, há uma diferença no regime que vigora para quem se instalou até 31 de dezembro de 2010. Por exemplo, os produtores agrícolas contribuiriam com 8% por salário mínimo fixado para trabalhadores rurais ou 15% de um dos escalões previstos no Decreto Legislativo Regional n.º 18/84, de 12 de maio, em que por opção seja enquadrado.

Os trabalhadores, por seu lado, teriam uma contribuição para este regime de 29% do salário convencional equivalente ao mínimo fixado para os trabalhadores rurais na Região.

No regime para os trabalhadores agrícolas que se instalem a partir de 1 de janeiro de 2011, os produtores agrícolas passaram a contribuir com 28,3% enquanto os trabalhadores com 33,3%, sendo 11% pago pelo trabalhador e 23,3% pago pelo empregador.

Portanto, há aqui uma discrepância entre estes dois regimes que é bastante acentuada, que provoca desigualdade de custos dentro da agricultura açoriana, com especial prejuízo pelos jovens agricultores e, conseqüentemente, para o rejuvenescimento e continuidade da agricultura nos Açores.

Esta proposta do PCP introduz também uma disposição que clarifica que os subsídios ao investimento não são considerados na determinação do rendimento relevante, para o apuramento da base de incidência contributiva dos produtores agrícolas, medida esta que consideramos bastante importante para o incentivo também da instalação e aparecimento de projetos de jovens agricultores.

A redução das contribuições para a Segurança Social pelos agricultores dos Açores, em particular para os jovens, é pois para o Partido Socialista e para esta bancada uma prioridade.

É uma questão de justiça e uma forma de incentivo à fixação de jovens, como já disse anteriormente, numa Região onde o setor agrícola vale 50% da sua economia, porque que esta bancada, o Partido Socialista e o Governo Açores tudo farão para se atingir esses objetivos e deste modo vamos viabilizar a iniciativa do PCP.

Digo também, à partida, como já foi aqui referido, que teremos propostas de alteração a esta iniciativa do PCP, que na altura própria havemos de explicitar melhor.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Passo agora a palavra à Sra. Deputada Lúcia Arruda.

(\*) **Deputada Lúcia Arruda (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

O Bloco de Esquerda dará o seu voto positivo a esta iniciativa que, no nosso entender pode ser fundamental na manutenção de muitas das economias familiares de pequenos e médios produtores, quer na pecuária, quer na agricultura nos seus diversos ramos.

Como já foi aqui explicitado, o regime jurídico... Eu diria só que a Lei n.º 110/2009 introduziu graves alterações no regime contributivo, que vieram a resultar em valores mensais de contribuições incomportáveis para as dimensões das explorações atingidas, como é o exemplo de um jovem produtor com 25 vacas e 15 hectares que paga mensalmente cerca de 500 euros, ou um outro jovem agricultor com 15 hectares de terra, por não serem considerados os fundos de investimento como foi dito aqui pelo Sr. Deputado Duarte Moreira, paga cerca de 600 euros.

Estes montantes somados ao IRS acabam por consumir anualmente todo o possível lucro e muitas vezes deixando os produtores de leite e os pequenos

agricultores numa difícil situação, como se já não bastasse o baixo preço do leite pago ao produtor, ou a falta de seguros de colheita significativos que justifique o risco.

Tudo isto torna a vida destas pequenas economias familiares muito instável.

Sendo que todos reconhecemos aqui que a maioria das nossas explorações agrícolas tem dimensões pequenas e são de facto familiares, esta Anteproposta de Lei contém toda a pertinência e justiça social e pode vir a constituir medidas de incentivo à permanência e início dos jovens na atividade agrícola, contribuindo também desta forma para uma maior diversificação da produção agrícola regional, com todos os benefícios que esta diversificação da produção regional acarretará se se vier a verificar, verificação essa que infelizmente tem tardado a ter as medidas necessárias da tutela para uma verdadeira incrementação.

Mas tem toda a pertinência essa diversificação agrícola, Sras. e Srs. Deputados, na nossa Região, quer pelas nossas condições edafoclimáticas, quer pela extrema necessidade em diminuir, como já foi dito aqui, importações neste setor para a satisfação interna, quer ainda para assegurar uma maior segurança alimentar.

Tudo isto, sem dúvida, resultaria num benefício para o desenvolvimento socioeconómico dos Açores.

Obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sra. Deputada Graça Silveira tem a palavra.

(\*) **Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Sr. Deputado Aníbal Pires, uma coisa são proposta de alteração a iniciativas.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa!

**A Oradora:** Agora ouça-me!

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Só estou de ouvidos!

**A Oradora:** Disse-me o que me tinha a dizer e eu agora vou ter que lhe responder. Faça a delicadeza de me ouvir.

Uma coisa são propostas de alteração que os partidos apresentam a iniciativas, se não se reveem em determinadas coisas e fazem propostas de alteração para que possam aprovar.

Outra coisa é vir fazer a correção de erros grosseiros de um trabalho mal feito e de uma proposta mal apresentada. Isso, de facto, enquanto professora, é minha obrigação. Entregam-me trabalhos que tenho que corrigir.

Enquanto Deputada do CDS-PP eu não tenho (Sr. Deputado ouça) que vir fazer as correções do seu trabalho. Digo-lhe mais: correções de erros.

Tirou a proposta e voltou a apresentar pela sua importância e é exatamente pela importância da iniciativa que nós vamos votar a favor, mas o Sr. Deputado não pode esquecer o tempo que os Deputados desta Casa perderam para conseguir ler a proposta que o senhor entregou aqui inicialmente. É que era de tal forma atabalhoada que mandava de umas leis para outras que já tinham sido revogadas. Uma coisa inadmissível.

Portanto, por muito que o senhor tenha melhorado, que o senhor tenha retirado e tenha voltado a trazer uma coisa com algum nível, eu não posso deixar de fazer esse reparo. Está a perceber, Sr. Deputado?

Portanto, a iniciativa tem o mérito que tem, pela proposta que é, em nome de se conseguir ter uma melhor agricultura familiar na Região, que contribua para que ela possa sobreviver. Agora isso não legitima, pela sua importância, o senhor apresentar um trabalho mal feito.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Secretário Regional tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Agricultura e Ambiente** (*Luís Viveiros*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária Regional:

Com esta proposta que o Partido Comunista coloca à discussão nesta Assembleia, e que é, como já tiveram oportunidade as várias bancadas de o

referir, uma evolução bastante positiva daquilo que foi o documento inicialmente colocado à consideração do Parlamento e que foi discutido em detalhe na Comissão, conseguimos marcar uma posição dos Açores e que tem a ver com um sistema contributivo para a Segurança Social que, em função do que foram as leis mais recentes sobre esta matéria, criou injustiças graves relativamente a esse sistema, dividindo claramente em dois grupos aqueles agricultores que se instalaram antes do dia 1 de janeiro de 2011 e que exercem atividade desde essa altura, e aqueles que se instalaram posteriormente com agravamentos bastantes significativos relativamente aos primeiros, por via da revogação do Decreto Legislativo Regional n.º 18/84/A, que advém da Lei do Orçamento de Estado de 2013.

Portanto, entendemos que a resposta inicial carecia de facto de maior concretização, pois baseava-se em conceitos vagos, e estamos agora perante um trabalho em detalhe que vem ao encontro e que possibilita aferir, para além de prever a possibilidade de opção pelo regime dos trabalhadores independentes ou das diferentes opções de enquadramento em escalões superiores que, por via da vontade particular de cada um, se podem estabelecer.

Trata-se, pois, de uma proposta bastante mais realista.

É certo que no atual quadro jurídico as questões contributivas (e penso que todos partilhamos, porque é a realidade) são da competência do Governo da República, mas devem ser exploradas todas as medidas que os açorianos, que o Parlamento e que o Governo tem à sua disposição para minimizar os impactos das atuais taxas contributivas sobre os agricultores que se instalaram particularmente a partir de 2011.

Essa proposta tem de facto esse mérito.

Recordo que nesse setor de atividade mantém uma matriz familiar, que também já foi aqui referenciada, que importa reforçar e fortalecer.

Por isso as medidas que permitem de uma forma justa, equitativa e sustentada uma efetiva diminuição dos encargos das famílias merecem obviamente todo o nosso apoio.

Estamos perante uma proposta de redução de taxas contributivas para os produtores de pequenos e médios rendimentos, e ainda de uma redução das taxas aplicáveis aos trabalhadores agrícolas que sejam familiares das respetivas entidades empregadoras enquanto produtores agrícolas e isso para nós também faz todo o sentido.

Portanto, o Governo entende que este documento é bom, é um documento que vem de facto retificar estas injustiças que o regime atual provocou. Portanto, naturalmente que lhe dá todo o crédito e entende que é um bom contributo para que se corrijam estas injustiças que eu já tive oportunidade de referir.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Sr. Deputado Aníbal Pires tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Sra. Deputada Graça Silveira, a senhora vai perdoar-me...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Não sei se vou ser capaz!

**O Orador:** ... mas vou ter que lhe perguntar pela sua disponibilidade para fazer algum *workshop* para aprendermos a redigir Antepropostas de Lei.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Isso o senhor deveria saber para fazer o trabalho de Deputado!

**O Orador:** Se tiver essa disponibilidade, eu depois eventualmente utilizarei os seus conhecimentos para isso.

Sra. Deputada, eu julgo que ler sete páginas de uma Anteproposta de Lei (são sete páginas que tem a Anteproposta de Lei!) não me parece que seja um trabalho a mais para qualquer um de nós.

Aliás, o nosso trabalho é exatamente esse, é acompanhar as iniciativas, ler as iniciativas, interpretá-las, analisá-las e depois fazer aquilo que muito bem entender.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Não é só em sete páginas!

**O Orador:** Agora se a senhora ficou tão sobrecarregada de trabalho por ler sete páginas de uma Anteproposta de Lei, Sra. Deputada, se calhar não está no lugar certo (se calhar não está no lugar certo!).

Eventualmente o seu lugar será mesmo no Polo Universitário de Angra do Heroísmo da Universidade dos Açores.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** É mais desmerecido do que o lugar de Deputado!?

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Duarte Moreira tem a palavra.

(\*) **Deputado Duarte Moreira (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Muito rapidamente só para referir aqui o seguinte:

Esta proposta do PCP tem, quanto a nós, dois méritos:

Primeiro o mérito de ser uma proposta que está bem elaborada, está fundamentada, é oportuna.

O segundo mérito é de trazer uma questão que já tinha vindo a ser colocada junto dos agricultores, junto das organizações, junto das associações, tinha sido colocada até com notas públicas pelo Governo dos Açores e pelo próprio Grupo Parlamentar do Partido Socialista o ano passado numa visita que fez, e tem o grande mérito de trazer a esta Casa uma Anteproposta concreta que vem de facto propor que se corrija esta injustiça que existe entre agricultores nos Açores, aqueles que se instalaram antes de 31 de dezembro de 2010 e aqueles que se instalaram após essa data.

Finalmente, só uma notazinha que não posso deixar de passar.

A Sra. Deputada Graça Silveira no seu discurso inicial começou logo por dizer que ao contrário de outros que tinham discursos pessimistas...

Sra. Deputada, quem trouxe um discurso pessimista para esta Casa ainda esta semana foi o CDS na voz da Sra. Deputada.

**Deputado Berto Messias (PS):** Sobre as quotas leiteiras! Muito bem, Sr. Deputado!



**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Uma intervenção muito breve, Sr. Deputado Aníbal Pires, para lhe transmitir e a toda a câmara o apoio por parte do PPM em relação a esta iniciativa.

Nós também consideramos – aliás está na nossa génese, nós somos um partido ruralista – que é fundamental a sobrevivência da agricultura portuguesa e da agricultura açoriana, neste caso específico.

Portanto, neste caso, esta iniciativa no sentido de corrigir injustiças e promover o funcionamento da agricultura familiar em condições mais justas e corrigindo de facto injustiças que foram introduzidas nos últimos anos, considero que é uma proposta muito positiva e que por isso merecerá o nosso apoio e também os partidos que aqui apresentaram propostas de alteração que consideramos muito meritórias.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sra. Deputada Graça Silveira tem a palavra.

(\*) **Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Sr. Deputado Aníbal Pires, deixe-me que lhe diga.

**Deputado Aníbal Pires (PCP):** Diga!

**A Oradora:** Na sua intervenção disse duas coisas que me admiraram.

Primeiro, o trabalho que eu tive a ler a sua proposta não foi tão pouco quanto ler sete páginas. Li as sete páginas, tentei interpretar o que é que queriam dizer, fui procurar as leis para chegar à conclusão que o senhor se referia a uma data de coisas que nem sequer existiam.

E o senhor reconhece o estado miserável da proposta que a tira.

Eu não me importo de trabalhar para nós trabalharmos todos juntos. Não é o senhor apresentar uma proposta que sabe, à partida, que não tem nível para vir à discussão neste Parlamento.

E mais. Diz-me assim: se a senhora não quer trabalhar, então melhor é o seu lugar na Universidade.

O senhor está a dizer neste Parlamento que as pessoas que não querem trabalhar deviam ir para a Universidade. Isso é aquilo que o senhor considera que é a Universidade dos Açores?

Para que fique aqui registado que este foi o comentário do Deputado Aníbal Pires, que é no mínimo lamentável.

Sr. Deputado Duarte Moreira, o discurso pessimista é o que tem vindo na comunicação social. E não foi o CDS que o fez! O CDS trouxe aqui a debate propostas...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Realistas!

**A Oradora:** ... como sempre fez em relação à agricultura e perguntas para que o Governo possa explicar o que é que nós vamos fazer daqui para a frente para que afinal os agricultores deixem de ter dúvidas e incertezas.

O discurso pessimista tem vindo é por parte da agricultura dos Açores na comunicação social.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Não apoiado!

**A Oradora:** Já agora faça-lhe uma pergunta. Vou fazer-lhe uma pergunta que agradecia que me respondesse e que é muito específica:

O senhor diz que esta proposta está muito bem elaborada.

Então, Sr. Deputado, pode fazer o favor de me responder a uma coisa?

O artigo 3.º, na sua alínea e), diz: “para rendimentos mensais iguais ou superiores a 6 (4)”. Responda-me a que é que o Sr. Aníbal Pires se teria referido? Se isto é o escalão 4 vezes o indexante ou se é 6 vezes? Se é isto que considera uma proposta bem preparada?

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Aníbal Pires tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

A importância do objeto desta iniciativa vai-me inibir de continuar a responder à Deputada Graça Silveira.

Aquilo que é importante não é o facto do CDS-PP ter a posição que tem ou não ter tomado esta iniciativa. Aliás, não ter dado nenhum contributo em nenhum momento para melhorar esta iniciativa. Mas isso é de somenos importância.

Não disse nada na Comissão. Não disse nada em lado nenhum. Está agora aqui, digamos, a procurar introduzir ruído numa Anteproposta de Lei que já todos se pronunciaram e que alcança o apoio desta câmara.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Vai baixar à Comissão. Ninguém viu a proposta!

**O Orador:** Só esse facto é muito importante, porque isso vai ter, a vir a ser aprovado na Assembleia da República, efetivamente reflexos muito positivos na vida dos nossos agricultores.

Mais. É fundamental, até para a viabilização e para a revitalização do setor...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Essa proposta é plágio!

**O Orador:** ... e a Deputada Graça Silveira resolveu introduzir algum ruído.

Mas a verdade é esta:

O CDS em sede de Comissão disse nada.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Qual Comissão? Quando desceu a proposta à segunda vez, foi?

**O Orador:** O Sr. Deputado Artur Lima diz que a proposta desceu uma segunda vez à Comissão. O Deputado Artur Lima também não sabe muito bem o que é que está a dizer, porque não houve descida pela segunda vez à Comissão.

Aquilo que houve foi a retirada, por iniciativa própria do proponente, Representação Parlamentar do PCP, que entendeu que face à matéria...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Porquê? Explique!

**O Orador:** ... em causa havia necessidade de melhorar a iniciativa.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Ah! Melhorar!

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Não tem nada a ver!

**O Orador:** Apenas isso!

Portanto, eu não vou perder tempo com os números de circo do Grupo Parlamentar do CDS-PP. E não vou continuar a responder à Deputada Graça Silveira.

A Deputada Graça Silveira e o Grupo Parlamentar do CDS-PP tomarão a atitude que queiram tomar.

Votem contra a iniciativa...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Isso é plágio!

**O Orador:** ... ou então façam propostas de alteração, corrijam os erros grosseiros, façam o que muito bem entenderem, porque eu também não estou a ver depois o CDS-PP a aprovar esta proposta com erros grosseiros.

Portanto, veja lá Sra. Deputada, não fique com os seus pergaminhos manchados por estar a dar o voto a uma iniciativa...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** O interesse dos agricultores está acima do meu orgulho!

**O Orador:** ... do PCP que tem erros grosseiros. Veja lá, Sra. Deputada!

Sra. Deputada, os agricultores desta Região merecem-me o maior respeito.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Com certeza!

**O Orador:** Portanto, em nome de quem trabalha a terra nesta Região, não lhe vou responder mais, nem vou alimentar isso.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado António Ventura tem a palavra.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

*(Apartes inaudíveis da câmara)*

**Presidente:** Srs. Deputados, por favor, vamos permitir que o Sr. Deputado António Ventura possa usar da palavra.

**O Orador:** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Queria aqui testemunhar que nem sempre o trabalho que é visível neste plenário à luz da comunicação social é todo o trabalho que existe.

**Deputado André Bradford (PS):** Não se sinta obrigado a ajudar o PP!

**O Orador:** Portanto, ao longo desta semana, quero obviamente aqui anunciar, como também tive oportunidade de falar consigo e com outros partidos do próprio Governo, que a Deputada Graça Silveira esteve comigo várias vezes sentada a estudar este tema, que não é um tema fácil de interpretar.

*(Apartes inaudíveis da câmara)*

**O Orador:** Estivemos a estudar, a preparar, como...

*(Apartes inaudíveis da câmara)*

**Presidente:** Srs. Deputados...

**O Orador:** ... como também falei com o Deputado Duarte, falei com o Deputado do PCP.

Portanto, a bem da verdade é bom que se reponha a verdade sobre o trabalho que aqui está.

**Deputado André Bradford (PS):** Foi a Sra. Deputada que aprendeu consigo ou foi o Sr. Deputado?

**Deputada Catarina Moniz Furado (PS):** É o chamado estudo a 4 mãos!

**Presidente:** Srs. Deputado...

**O Orador:** Estamos a falar de uma lei de 2009...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** O Sr. Deputado Aníbal Pires é o especialista a 4 mãos na educação!

*(Apartes inaudíveis da câmara)*

**Presidente:** Srs. Deputados...

**O Orador:**... com aplicação a 1 de janeiro de 2011.

Portanto, é preciso que todos tenham a preocupação há data da entrada em vigor da lei e de quem fabricou a lei. A preocupação tem que nascer daí em diante.

A bem da verdade é bom repor este trabalho que foi feito e que não é visível.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições.

Sra. Deputada Graça Silveira tem a palavra.

(\*) **Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Continuo à espera que o Sr. Deputado Duarte Moreira, que tão perentoriamente disse que esta proposta estava tão bem feita, responda à questão que lhe fiz, porque ainda não o fez.

A iniciativa refere-se a seis ou a quatro?

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Julgo não haver mais inscrições.

Vamos então passar à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** A Anteproposta de Lei apresentada foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Vamos passar à votação na especialidade.

Está à votação o artigo 1.º.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Agora, sim, está à votação a proposta de alteração pelo PS ao artigo 2.º.

Sr. Deputado Duarte Moreira tem a palavra.

(\*) **Deputado Duarte Moreira (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Uma rápida explicação desta proposta de alteração. Tem a ver com os conceitos do próprio agricultor a título principal que a proposta do PCP encerra, que neste âmbito não está muito clarificada e poderá criar alguma dúvida até com a classificação de atividades económicas das finanças.

Apesar de se cingir este diploma à verdadeira agricultura familiar, pensamos que é preciso ter a noção de que podemos estar a prejudicar com esta redação outros produtores agrícolas que ficarão abrangidos por um regime contributivo mais agravado e desta forma apresentamos esta proposta de alteração para a alínea a) do n.º 1 do artigo 2.º.

**Presidente:** Está então à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** A proposta de alteração anunciada foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Está agora à votação o artigo 2.º com a proposta que acabámos de aprovar.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora às propostas de alteração ao artigo 3.º.

Apesar de ter entrado em segundo lugar eu vou colocar à votação em primeiro lugar a proposta de alteração do PSD, uma vez que é à alínea a), do n.º 1 do artigo 3.º.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** A proposta de alteração anunciada foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Está agora à votação a proposta de alteração apresentada pelo PS, também a este artigo 3.º, que altera a redação da alínea b) e da alínea c) do n.º 1. O Sr. Deputado Duarte Moreira tem a palavra.

(\* **Deputado Duarte Moreira (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Também muito rapidamente para referir que as taxas propostas na Anteproposta de Lei do PCP não existem na Segurança Social em relação a outros regimes contributivos.

Por outro lado vem colocar em igualdade aquilo que estava previsto no regime em vigor até 31 de dezembro de 2010. Daí esta nossa redação de manter os 15%.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Está então agora à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

O Sr. Deputado que vota contra faça o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de alteração anunciada foi aprovada com 28 votos a favor do PS, 18 votos a favor do PSD, 3 votos a favor do CDS-PP, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PPM e 1 voto contra do PCP.

**Presidente:** Está então agora à votação o artigo 3.º com as alterações que acabámos de aprovar.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

O Sr. Deputado que vota contra faça o favor de se sentar.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado com 29 votos a favor do PS, 18 votos a favor do PSD, 3 votos a favor do CDS-PP, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PPM e 1 voto contra do PCP.

**Presidente:** Está agora à votação a proposta de alteração apresentada pelo PS ao artigo 4.º.



As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** A proposta de alteração anunciada foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Está agora à votação o artigo 4.º com a alteração que acabámos de aprovar.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Coloco agora à votação a proposta de alteração também apresentada pelo PS ao artigo 5.º.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

O Sr. Deputado que vota contra faça o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de alteração anunciada foi aprovada com 29 votos a favor do PS, 18 votos a favor do PSD, 3 votos a favor do CDS-PP, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PPM e 1 voto contra do PCP.

**Presidente:** Está então agora à votação o artigo 5.º com as alterações que acabámos de aprovar.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

O Sr. Deputado que vota contra faça o favor de se sentar.

O Sr. Deputado que se abstém faça favor de sentar.

**Secretária:** O artigo anunciado foi aprovado com 29 votos a favor do PS, 18 votos a favor do PSD, 3 votos a favor do CDS-PP, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PPM e 1 abstenção do PCP.

**Presidente:** Coloco agora à votação a proposta de eliminação apresentada pelo PS ao artigo 6.º.

Sr. Deputado Duarte Moreira tem a palavra.

(\*) **Deputado Duarte Moreira (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

A eliminação deste artigo 6.º relativo ao IVA tem por base a Lei 66-B/2012, de 31 de dezembro, que é o Orçamento de Estado para 2013, através do seu artigo 195.º que revogou o n.º 33 do artigo 9.º do Código do IVA, que previa a isenção do IVA relativa a operações relacionadas com atividades de produção agrícola e prestações de serviços agrícolas com caráter acessório.

Por outro lado também, a diretiva que está subjacente a isto, a Diretiva 2006/112/CE, do Conselho, de 28 de novembro de 2006, relativa ao sistema comum de Impostos sobre o Valor Acrescentado, não permite isenções totais de IVA para as atividades agrícolas, permitindo apenas regimes especiais de isenção para atividades que não ultrapassem um determinado volume de negócio anual e que, no caso de Portugal, esse limite é de 10 mil euros.

Esta Diretiva também prevê regime forfetário, ou seja, de compensação, para quem está no regime especial de isenção do IVA.

Ora, o regime forfetário está a ser cumprido em Portugal, aplicando-se pela primeira vez neste ano de 2015, através do Orçamento de Estado, para todos os agricultores isentos que não tenham volume de negócios superiores a 10 mil euros, daí não se justificar este artigo.

Obrigado.

**Presidente:** Está então à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

O Sr. Deputado que vota contra faça o favor de se sentar.

**Secretária:** A proposta de eliminação anunciada foi aprovada com 30 votos a favor do PS, 18 votos a favor do PSD, 3 votos a favor do CDS-PP, 1 voto a favor do BE, 1 voto a favor do PPM e 1 voto contra do PCP.

**Presidente:** Pergunto à câmara se posso colocar os últimos 3 artigos deste diploma à votação em conjunto.

Não havendo oposição está à votação os artigos 7.º, 8.º e 9.º.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** Os artigos anunciados foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Votação final global.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** Em votação final global a Anteproposta de Lei apresentada foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** A Sra. Deputada Graça Silveira pede a palavra para?

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Para pedir um intervalo de 30 minutos.

**Presidente:** É regimental. Considerando o nosso horário regressamos às 16H30.

*Eram 15 horas e 59 minutos.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos dar continuidade aos nossos trabalhos.

*Eram 16 horas e 36 minutos.*

Agradeço que ocupem os vossos lugares.

Entramos no ponto 15 da nossa Agenda: **Projeto de Resolução n.º 98/X – “Cumprimento da Resolução n.º 11/2011/A, de 15 de junho – Acompanhamento do processo de descontaminação e reabilitação na Praia da Vitória”.**

Este Projeto de Resolução é apresentado pela Representação Parlamentar do BE.

Dou por isso a palavra à Sra. Deputada Lúcia Arruda para o apresentar.

Informo apenas a câmara que foi entregue e distribuído por todos uma proposta de substituição integral. É essa que será apresentada, debatida e depois votada.

**Deputada Lúcia Arruda (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

A Resolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores n.º 11/2011/A, de 15 de junho, “acompanhamento do processo de descontaminação e reabilitação na Praia da Vitória” procurava, segundo o proponente da proposta que lhe deu origem, clarificar, com rigor e transparência, a evolução e os resultados do processo de descontaminação e reabilitação de zonas poluídas.

Quatro anos decorridos perante o incumprimento de parte fundamental da Resolução em causa, urge dar cumprimento a um conjunto de novas recomendações, quer ao Governo Regional, quer ao Governo da República, no sentido de acompanhar e fiscalizar o processo de descontaminação da Praia da Vitória levado a cabo pelo poluidor, as entidades norte-americanas.

Lembre-mo-nos que este é o maior passivo ambiental da nossa Região.

O LNEC tem acompanhado os trabalhos de descontaminação e reabilitação. Todavia, os resultados desse acompanhamento não são conhecidos nem da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, nem do público em geral.

Considerando que apesar do n.º 1 da Resolução da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores n.º 11/2011/A, de 15 de junho, contemplar indicações para que o Governo Regional informe a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores sobre o desenvolvimento do processo de descontaminação e reabilitação, através do Relatório do Estado do Ambiente, inclusive o de 2010, e que tal não tem acontecido;

Considerando a existência de um relatório de acompanhamento aos trabalhos de descontaminação e reabilitação, na Praia da Vitória, datado de dezembro de 2013, da autoria do LNEC;

Considerando ainda que tem sido escassa a informação transmitida pela comissão especializada dos membros do Governo Regional com competência no que diz respeito ao Acordo de Cooperação e Defesa entre Portugal e os EUA e em matéria de ambiente;

Considerando ainda que o relatório de 2013 da autoria do LNEC tece considerações, apresenta conclusões tal como recomendações de extrema pertinência, as quais passo a enumerar:

- a) Persistem substâncias contaminantes subterrâneas insolúveis em água – menos densas do que água, em águas subterrâneas em seis piezómetros;
- b) “Em diversos pontos dentro do *site* 3001 foram encontrados hidrocarbonetos com concentrações acima do permitido.” (Leitão, T.E., Lobo Ferreira, J.P.C. & Oliveira, M.M. et col., 2013, p.41);
- c) As taxas de saída de água, que poderão transportar poluentes, são superiores aos valores de recarga anual, razão para que se tenha de proceder à remoção total dos poluentes detetados nos aquíferos suspensos, pois poderão, a médio prazo, atingir o aquífero basal;
- d) Deveria ser efetuado um conjunto de novas análises químicas e dever-se-ia proceder a ajustes de alguns limites de quantificação – atendendo ao “princípio da precaucionaridade”;
- e) O procedimento de amostragem das entidades norte-americanas deveria ser complementar com outro, de forma a não serem recolhidas, unicamente, hidrocarbonetos que flutuam maioritariamente sobre a água;
- f) Apesar das oscilações de espessura das substâncias contaminadas subterrâneas e insolúveis em água, e mais densas que a água, serem normais, neste tipo de procedimentos de reabilitação, os valores são muito elevados e poderão ser o resultado da presença considerável de poluentes na zona onde foram removidos os tanques de combustível.
- g) Os hidrocarbonetos mais densos do que a água devem merecer mais atenção, pois tendem a migrar para uma base impermeável, pelo que se recomenda a sua remoção;
- h) Recomenda-se ainda a remoção das fontes de poluição: *pipelines* do Cabrito e Cova das Cinzas;

i) Recomenda-se a remoção total dos poluentes detetados nas formações suspensas, pois há o risco de se infiltrarem e atingirem, a médio prazo, o aquífero basal;

j) Recomenda-se que os trabalhos de reabilitação sejam acompanhados por uma equipa portuguesa, para supervisão.

Estas, pois, Sras. e Srs. Deputados, são recomendações bastante concretas que demonstram a seriedade e complexidade da situação que se vive no concelho da Praia da Vitória.

Tendo em conta a magnitude do problema, não é aceitável que a supervisão dos trabalhos de descontaminação não tenha um perfil sistemático e qualificado. Deixar para depois da conclusão dos trabalhos, assumida pelo poluidor, um exame profundo da situação pode constituir um erro de graves consequências.

Assim o Bloco de Esquerda propõe que a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores recomende ao Governo Regional e ao Governo da República que:

A) Através da ERSARA e do LNEC enviem relatórios semestrais a esta Assembleia, onde constem a descrição da fase dos trabalhos e a avaliação técnica do processo de descontaminação das zonas poluídas;

B) Não pondo nunca em causa a continuidade da supervisão técnica do LNEC, neste processo de descontaminação, que o Governo da República, como signatário da convenção internacional com os EUA que legitima e possibilita a presença do contingente militar norte-americano nas Lajes e no cumprimento do n.º 6 do artigo 8.º da Lei das Finanças das Regiões Autónomas, se corresponsabilize de forma mais ativa pelo processo de descontaminação, designadamente suportando os custos do contrato de supervisão técnica existente entre a ERSARA e o LNEC.

Passo a citar o n.º 6 do citado artigo 8.º:

“A solidariedade nacional traduz-se na obrigação de o Estado repor a situação anterior à prática de danos ambientais, por ele ou por outros Estados, causados nas regiões autónomas, decorrentes do exercício de atividades, nomeadamente

em virtude de acordos ou tratados internacionais, ou de disponibilizar os meios financeiros necessários à reparação desses danos.”

Recomenda-se ainda à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores que:

C) Sem prejuízo do anteriormente previsto, esta Assembleia e o Governo Regional dos Açores cumpram com o estabelecido na Resolução n.º 11/2011/A, de 15 de junho, podendo ainda a ALRAA, quando o achar necessário, requerer a audição do Comando das FEUSAÇORES sobre a matéria objeto da presente Resolução.

D) Implementem, de acordo com as suas atribuições e competências, e da forma mais célere possível, as medidas e ações atinentes a esta matéria previstas no Plano de Revitalização da Ilha Terceira (PREIT).

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Estão abertas as inscrições.

*(Pausa)*

Pergunto se há inscrições.

Sr. Deputado Luís Rendeiro tem a palavra.

(\*) **Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Obrigada, Sra. Presidente. Alguém tinha que ser.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

O diploma do Bloco diz quase tudo. É preciso acelerar, melhorar e monitorizar a descontaminação.

Estamos, de facto, perante o maior problema ambiental conhecido da Região Autónoma dos Açores.

É grave, porque a questão ambiental tem potencial para se transformar num problema de saúde pública gigantesco.

Dada a dimensão e gravidade do passivo ambiental em questão exige-se que haja uma supervisão efetiva, sistemática e qualificada de todo o processo de

descontaminação e as devidas responsabilidades dos Estados Unidos, República Portuguesa e Região, assumidas com muita seriedade.

O problema é da Praia da Vitória, mas é também de fora da Praia da Vitória. É da Ilha Terceira e é dos Açores.

É cada vez mais imperativa a criação de um modelo de acompanhamento do processo tal como defende o Bloco de Esquerda. Deixou de ser agora uma Comissão de Acompanhamento nesta nova versão do diploma, passando a ser relatórios semestrais, mas tudo bem, o importante é que haja informação, que a informação circule, que seja analisada, que seja transmitida e que seja também democratizada.

Por muito que o Governo tente fazer crer que sempre houve um acompanhamento e supervisão dos trabalhos de descontaminação, fora da esfera do Governo ninguém sabe o que é que se passa. Ninguém sabe e o Governo até agora não quis que se soubesse.

Os Governos Regionais do PS sempre tentaram esconder este problema e a sua gravidade.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** A data e a forma como o relatório de 2013 do LNEC foi fornecido aos Deputados da oposição, num debate nesta Casa, fala por si.

Vamos aos factos:

Os relatórios do Estado do Ambiente da Região não fornecem nenhuma informação de jeito e consultável relativa ao processo de descontaminação.

No Conselho Regional do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável só tem assento elementos do Governo, ou por ele nomeados, e com pouca ou nenhuma competência em matérias de contaminação como estas que aqui se estão a tratar.

O Representante do Governo Regional na Comissão de Acompanhamento do Acordo da Base das Lajes não existe, não se sabe quem ele é, para que serve e poucos sabem como se chama. Eu até posso dizer o nome. Chama-se Francisco Tavares, para os que não souberem.



Também temos um Subsecretário Regional para as Relações Externas que só é visto duas vezes por ano: no debate do Plano e Orçamento e na Procissão de Santo Cristo.

Não chega dizer que se cumpre a lei nas análises de água da Terceira, uma vez que a legislação que está a ser cumprida não contempla contaminações como aquelas que existem neste momento.

É preciso ir buscar termos comparativos com países onde a legislação contempla este tipo de problemas, como é o caso do Canadá, para que se avaliem todos os parâmetros de contaminação presentes na Terceira.

O rastreio do Vanádio como elemento traçador dos hidrocarbonetos é o exemplo clássico.

A Câmara da Praia da Vitória avança e recua nas queixas acerca da falta de informação do processo de descontaminação num claro sinal de desarticulação entre diferentes níveis de poder e de responsabilidade dentro da mesma cor política.

Foi a Câmara Municipal da Praia que se queixou de que os trabalhos de descontaminação estavam atrasados e de que nada passava para a esfera pública (Roberto Monteiro, conhecem?).

A informação acerca desta matéria não pode continuar a circular em circuito fechado, opaco e controlado apenas pelo Governo Regional.

A realidade demonstrada pelos dados contidos no relatório de 2013 do LNEC, o tal que só foi fornecido aos Deputados dos partidos da oposição na véspera de um debate parlamentar, o que revelou extrema má-fé, é preocupante.

Há zonas onde mesmo com a existência de trabalhos de descontaminação o problema se agrava, o que indica que a poluição dos solos nestes locais será muitíssimo maior do que inicialmente previsto.

Não está contemplada, e devia estar, no programa de descontaminação, a remoção dos hidrocarbonetos de alta densidade que não ficam nos líquidos sobrenadantes e que já existe o risco sério de estar a chegar ou ter chegado ao aquífero basal.

Todos os atrasados são irrecuperáveis e a descontaminação está atrasar de forma continuada.

Está também evidente que o problema não está restrito ao concelho da Praia da Vitória. Se assim não fosse não se estaria a discutir hoje a remoção dos *pipelines* do Cabrito, zona ambientalmente muito sensível do ponto de vista ambiental, geológico e da captação de águas para consumo público, bem dentro do concelho de Angra.

Não há dados acerca do Cabrito nos relatórios do LNEC.

Estranha-se que as infraestruturas do Cabrito constem do plano de desmantelamento mas não do plano de descontaminação. Quem o assumiu foi Álvaro Meneses, Presidente da Câmara de Angra, e ex-Secretário do Ambiente. A questão do Cabrito é um caso que merece estudo.

O tanque de combustíveis do Cabrito era apenas o maior de todos. Foi o primeiro a ser desmantelado, 96/97 do século passado, dez anos antes da chegada desta contaminação ao conhecimento público.

Os trabalhadores portugueses já desde a década 70/80 do século passado sabiam que aquele tanque tinha perda de combustível e que havia também perda nos *pipelines* porque as diferenças eram significativas entre o combustível que era bombeado na Praia da Vitória e aquele que chegava ao Cabrito.

Basta conversar com os funcionários que ainda são vivos.

O desmantelamento do tanque do Cabrito foi polémico, porque não foi retirada, há época, a base de betão do mesmo nem avaliado o solo. Pergunto: porquê?

Carlos César chegou mesmo a nomear uma comissão de avaliação daquele processo de desmantelamento...

**Deputado Francisco César (PS):** Mota Amaral contra ataca!

**O Orador:** ... chefiada pelo Prof. João Barcelos da Universidade dos Açores.

Essa Comissão respondia apenas ao Governo Regional e por ordem deste foi desativada apenas um ano após a sua criação; dez anos antes do conhecimento público das contaminações. Porquê?

Tudo isto sempre com Governos Socialistas na Região e Governos Socialistas na República, sempre com opacidade no tratamento das questões e da informação, sempre com os responsáveis socialistas nos Açores em Angra e na Praia, sobretudo, a garantirem de que não havia problemas com a água e a minorarem a gravidade dos eventuais problemas.

Não há uma única declaração escrita do então Secretário Regional Álamo Meneses acerca deste problema. O locutor de serviço foi sempre André Bradford e tudo estava bem.

O mau serviço que o atual Deputado do PS prestou à Região e aos terceirenses custou caro e ficará para a história, nas várias funções que desempenhou nestes assuntos dos americanos.

O atual Presidente da Câmara de Angra já assume o problema que o Secretário Regional do Ambiente da época não assumia.

**Deputado André Bradford (PS):** Mau serviço ainda é subjetivo!

**O Orador:** Roberto Monteiro, o alcaide da Praia, chegou mesmo a ameaçar com os tribunais quem questionasse a qualidade da água na Praia da Vitória.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD e CDS-PP:** Muito bem!  
Muito bem!

**O Orador:** Hoje é o “Arafat” da intifada do Ramo Grande.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Os partidos da oposição sempre quiseram apenas a verdade e a segurança das pessoas. O que é que mudou? Mudou o facto de hoje o Governo da República não ser socialista e haver que atirar as culpas para a República e para os americanos de tudo o que correu mal até agora.

**Deputado André Bradford (PS):** A culpa é dos americanos!

**O Orador:** Já lá vou, Sr. Deputado. Já lá vou! O senhor já fez mal que chegue neste processo.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Este problema tem que ser tratado com muita seriedade. O poluidor tem de despoluir e pagar: os Estados Unidos.

O Estado Português tem de ajudar a Região e saber reivindicar dos americanos.

O acordo é entre os dois Estados, independentemente da cor política que tiver na República, que foi diferente da atual e poderá vir a ser diferente no futuro.

**Deputado André Bradford (PS):** Não tem nada a ver com cores políticas!

**O Orador:** A Região que tem competências próprias em matéria de ambiente tem de fazer um trabalho muito mais sério e muito mais transparente no levantamento e monitorização e também no acompanhamento do problema. Não é um assunto para guerrilha partidária.

Pode estar em causa a saúde e a segurança das populações na Terceira e é isso que temos que garantir: a saúde e a segurança das populações!

Disse.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há inscrições.

Sra. Deputada Graça Silveira tem a palavra.

(\*) **Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Em 2005 é elaborado um relatório pelos norte-americanos instalados na Base onde é feito um inventário dos locais problemáticos e o qual assume existirem de facto locais potencialmente contaminados e/ou poluídos.

Em 2008, o CDS/PP teve acesso a esse relatório e alertou para o perigo da poluição de solos e aquíferos no concelho da Praia da Vitória.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** Na sequência desta denúncia tanto o Governo Regional como a República entraram, como de costume, em processo de negação:...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Socialista!

**A Oradora:** ... de que não existia contaminação, de que afinal estava tudo bem e desmentem qualquer indício de poluição.

Claro está que acusaram o CDS de irresponsabilidade por fazer tais afirmações,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** É verdade!

**A Oradora:** ... aliás, tentaram inclusivamente intimidar o Deputado Félix Rodrigues na altura com ameaças.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** Até o Presidente da Câmara da Praia da Vitória, agora tão preocupado com a descontaminação do seu concelho, veio publicamente ameaçar que processaria o Deputado Félix Rodrigues.

**Deputado André Bradford (PS):** Concretize!

**A Oradora:** “Praia quer processar Félix Rodrigues”.

**Deputado André Bradford (PS):** Está no seu direito! Se um tem o direito de falar, o outro tem o direito de processar!

**A Oradora:** Em 2011, o relatório do LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil, vem confirmar que efetivamente alguns dos aquíferos suspensos e parte do aquífero basal estavam contaminados, altura em que então é trazido ao Parlamento, pelo Partido Socialista, uma resolução que visava acompanhamento da descontaminação e reabilitação na Praia da Vitória.

Durante a discussão da iniciativa o CDS questionou o então Secretário Regional da Presidência, André Bradford, sobre quais os compromissos assumidos pelos americanos quanto ao processo de descontaminação e que garantias é que o Governo Regional poderia dar quanto a este processo.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** O Sr. Secretário não respondeu. Mas a resposta é, Sras. e Srs. Deputados, que não existe nenhuma garantia. E quem o disse foi o Sr. Ministro

dos Negócios Estrangeiros, quando questionado pelo CDS-PP aquando da audição da Subcomissão da CAPAT deste Parlamento no passado mês de maio. Ou seja, não existe nenhuma garantia quanto a isso.

Às perguntas para quando estaria prevista a conclusão do processo de descontaminação e posterior reabilitação da Praia da Vitória e quanto custaria, o Sr. Secretário Adjunto da Presidência respondeu (e passo a ler...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Quem é?

**A Oradora:** André Bradford!

... o diário das sessões, respondendo ao Deputado do CDS):

“Sabe quanto é que custa, Sr. Deputado? Digo-lhe quanto é que custa. Custa o que for preciso custar para que a situação fique resolvida, ou seja, verba ilimitada”. Imagine-se!...

“Quanto tempo é que leva?

O tempo que for necessário para que não haja mais poluição nas zonas atualmente contaminadas.”

Portanto, aquilo que nos foi respondido é que levaria o tempo que levaria e poderia pagar-se o que se pagasse até a Praia estar completamente descontaminada e reabilitada. Só não respondeu quem é que iria pagar.

Quanto à questão do desmantelamento dos tanques do Cabrito e do Pico do Celeiro, e relativamente à questão dos *pipelines*, o Deputado Artur Lima questionou ainda o que se tinha passado com os compromissos assumidos pela Comissão Bilateral Permanente, porque passados 10 anos, continuava exatamente tudo na mesma.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Quem é que lá estava?

**O Orador:** Agora, passados 4 anos, o Sr. Ministro da Defesa, na mesma audição, informou-nos que continua à espera de um levantamento que terá que ser feito pelo Governo Regional no que se refere à identificação de proprietários para que se possa decidir qual a melhor solução a adotar na resolução do problema dos *pipelines*.

Eu pergunto, se o Governo Regional já enviou à República esse levantamento...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**Deputado André Bradford (PS):** A senhora acredita em tudo o que diz o governo da república!

**A Oradora:** ... para que o processo possa dar andamento.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Em 2013, o relatório de acompanhamento ao processo de descontaminação levado a cabo pelos americanos e realizado pelo LNEC revela que, além da extensão da contaminação ser maior, considera que devem ser utilizados métodos de análise mais sensíveis, ou seja, que sejam capazes de detetar contaminantes que se encontrem em concentrações mais baixas.

Revela ainda que o método de sucção dos hidrocarbonetos sobrenadantes que está a ser utilizado pelos americanos, reduz a espessura da camada superficial temporariamente, pois ao fim de um ou dois meses a espessura de hidrocarbonetos volta a ser exatamente a mesma, sugerindo que este método não está a ser eficaz.

Portanto, o Governo Regional não cumpriu com o compromisso que assumiu neste Parlamento perante todos os Deputados,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** ... que era a de garantir que o processo de descontaminação da Praia da Vitória seria efetivamente assegurado, o que vem provar que de facto era fundamental ter-se constituído uma comissão técnica de acompanhamento que na altura foi proposta pela oposição e chumbada pela maioria socialista.

Portanto, Sras. e Srs. Deputados, esta proposta do Bloco de Esquerda que vem agora solicitar ao Governo que cumpra com aquilo que prometeu e não fez, ou seja, acompanhe o processo de descontaminação e reabilitação da Praia da Vitória, é mais que legítima.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Passo agora a palavra ao Sr. Deputado Francisco Coelho.

(\*) **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Queria, em primeiro lugar, saudar, na pessoa da Sra. Deputada Lúcia Arruda, esta iniciativa, pela sua oportunidade e por ter “obrigado” (entre aspas) este Parlamento a ter feito um trabalho paciente, e acho que relativamente profundo, com a audição de um conjunto de entidades, e de termos concomitantemente ficado todos melhor informados com vista a poder tomar decisões.

Mas também registar e saudar a abertura do Bloco de Esquerda, como proponente da Resolução e face ao que isso implica em termos regimentais, que sempre demonstrou para o diálogo com outras forças partidárias e para eventualmente aperfeiçoar a sua própria resolução.

Eu começaria por dizer que concordo inteiramente com a primeira parte da intervenção do Sr. Deputado Luís Rendeiro.

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Não disse!

**O Orador:** Efetivamente este assunto – é a parte factual, Sr. Deputado! – é um assunto importante, grave, que merece a atenção dos órgãos de governo próprio da Região e que, aliás, como referiu e bem a seguir, envolve e tem que envolver necessariamente três intervenientes. A saber: as forças norte-americanas (com certeza!), o Governo da República (com certeza!)...

**Deputado André Bradford (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... e o Governo Regional também, para além do próprio município que também não se tem eximido às suas responsabilidades nesta matéria.

Infelizmente o Sr. Deputado Luís Rendeiro não resistiu depois a algumas tentações. Era bom deixar aqui algumas coisas claras.

Em primeiro lugar, a Resolução n.º 11/2011, para que se aponta, e em que efetivamente houve (é preciso reconhecê-lo) algumas falhas de informação a este Parlamento, se lermos, também vemos que grande parte dessa informação deveria ter sido dada através da audição em duas Comissões: a Comissão de Política Geral e a Comissão a que presido desde 2012.



Verdade seja dita. Tanto quanto é do meu conhecimento, nem essas comissões por modo próprio, nem nenhum Deputado lhes fez algum requerimento para a efetivação dessas audições. Daí que isto também seja aperfeiçoado nesta Resolução e daí também que face a este reavivar com certeza que isso será efetivado para além dos relatórios escritos.

A verdade é que sabemos que existe um problema, sabemos que esse problema foi levantado, sabemos (e isso também é importante) que os americanos reconheceram responsabilidade nesse problema e apresentaram um projeto de descontaminação.

Sabemos também que o Governo Regional, que pagou o projeto de diagnóstico que contratou o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, através da ERSARA, e também através do contrato que celebrou, que se mantém e que paga anualmente com o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, tem assumido as suas responsabilidades e tem, na prática, feito e funcionado como Comissão Técnica (ERSARA e Laboratório Nacional de Engenharia Civil) relativamente ao processo que está em curso e que está em curso pela parte norte-americana.

Aliás, eu diria mesmo, e recordando as palavras sensatas do Sr. Deputado Luís Rendeiro (repito) na primeira parte da sua intervenção, que parece que falha aqui qualquer coisa. Parece que há aqui uma parte do “tripé” que a gente não lobriga.

Efetivamente não lobriga, e não me interessa, Sras. e Srs. Deputados, a cor do Governo da República, nem depois de 2011 para este efeito,...

*(Aparte inaudível do Deputado Luís Rendeiro)*

**O Orador:** Não, não disse. O senhor não disse. Nessa parte não disse.

Nem antes de 2011.

Agora há uma coisa que sendo antes de 2011, depois de 2011 ou depois de 2015, acho que este Parlamento não deve aceitar. É que o Governo da

República (este, mas poderia ser outro qualquer), através do Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, recentemente disse que a Região não tinha competência em termos internacionais.

Quando por causa de um tratado internacional há um problema grave, pelos vistos a gente não vê o Governo da República e acaba por ser um bocadinho triste, para não dizer outra coisa, que quando esta Comissão para fazer o seu trabalho, tendo em conta as competências internacionais da República, tenha querido ouvido os seus Ministros, venha a saber depois, como não podia deixar de vir a saber, que os Srs. Ministros andaram a tentar pedir dados ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil, porque a verdade é que eles não têm nenhum contrato nem têm nenhuma intervenção prática nesta matéria.

Havemos de convir que o Governo Regional tem trabalho que pode apresentar; havemos de convir que é o Governo Regional que paga ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Tem de pagar, porque não aceitou o acordo dos americanos!

**O Orador:** Havemos de convir que não sabemos onde é que está o Governo da República, seja este, seja o de antes de 2011, seja sobretudo aquele que também queremos que continue nesta matéria.

Daí também saúdo a abertura e a revisão do texto resolutivo da iniciativa do BE em que se avança também substantivamente e se chama o Governo da República a assumir nesta matéria as suas responsabilidades.

Sra. Deputada Graça Silveira, um levantamento que tinha que ser feito pelo Governo Regional? Naturalmente!

Mas já houve nesta matéria alguma coisa que tinha sido feita pelo Governo da República?

É claro que é o Governo Regional que tem que fazer o levantamento.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Não! Estou a perguntar se já facultou!

**O Orador:** O Governo da República, pura e simplesmente, não está no terreno.

Sra. Deputada, já agora permita-me que lhe faça um esclarecimento.

Eu tenho a impressão que não percebeu bem...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Ouvi muito bem!

**O Orador:** ... quando o Sr. Ministro disse que não havia aqui nenhuma garantia dos americanos. Não percebeu!

O que o Sr. Ministro quis dizer foi que, embora os tratados, este em específico, não preveja ao nível ambiental esta questão, os norte-americanos, face às regras de Direito Internacional, face aos princípios gerais...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Sim, nós sabemos!

**O Orador:**... e face ao problema que foi levantado, resolveram aceitar essa responsabilidade.

Portanto, é bom perceber isso, porque parece-me que isto é mais importante do que a história e alguns interesses de alguns protagonistas.

Parece-me que o que está aqui em questão é muito mais importante também que a cor, mais ou menos duradoura ou mais ou menos transitória, do Governo Regional e do Governo da República.

Nessa medida termino como comecei:

Saúdo esta iniciativa, saúdo a abertura do proponente e também creio que ela termina mais aperfeiçoada do que começou, porque para além de querer efetivar e melhorar a informação que esta Assembleia tem direito, quer ter e vai ter, ela também avança no campo substantivo, ela também delimita de forma inovadora, mas óbvia, aquilo que são as responsabilidades de todos os intervenientes chamando à colação o Governo da República que misteriosamente esteve desaparecido em todo este processo.

Apesar de tudo, parece-me justo dizer: vamos saudar o mérito e o esforço daqueles que já cá estão e que nunca fugiram e vamos chamar às responsabilidades aqueles que nunca cá tiveram.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Estêvão tem agora a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs.

Membros do Governo:

Eu considero esta questão da maior importância.

Ao longo destes últimos sete anos já debatemos de forma repetida, neste Parlamento.

Devo dizer, em relação a este processo, o seguinte:

Acho que há um pecado original em todo este processo que deve ser atribuído ao Governo Regional e que para mim permanece incompreensível. Um dia que seja feita a história desta questão e deste processo, eu penso que nunca alguém irá explicar, da parte do Partido Socialista e do Governo Regional do Partido Socialista, por que razão, no momento em que os americanos levantam a questão (são eles que a levantam, são eles que referem que existe contaminação)...

**Deputado Francisco César (PS):** Como?

**O Orador:** Eu não percebo...

Quem aqui esteve nas anteriores legislativas, todos se recordam desse momento em que o Governo Regional pura e simplesmente opta por desvalorizar o assunto.

**Deputado André Bradford (PS):** Os senhores querem é conversa. Não querem resolver o problema!

**O Orador:** Eu penso que esse é o principal problema e ainda hoje estamos a pagar essa opção política de desvalorizar.

Dizer que não! Que não existe, ou que é de pequena monta, ou que não tem uma importância muito grande.

Nesse sentido penso que essa responsabilidade é uma responsabilidade histórica do Governo Regional,...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Tal e qual! E ainda por isso quis pagar!

**O Orador:** ... porque teve a oportunidade de ter agido de forma diferente e de ter reconhecido.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Com certeza!

**O Orador:** A questão aqui é o seguinte:

O Governo Regional pode ter optado: bom, isto provoca-nos problemas, provoca-nos problemas junto da opinião pública. Penso que aqui não deveriam ter feito qualquer tipo de cálculo em relação a esta matéria desta forma.

Deveriam era de ter tido sentido de responsabilidade de aproveitar uma janela de oportunidade que não se aproveitou naquele momento.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Só que tem a explicação que eu disse!

**O Orador:** Eu também estive na reunião com os Srs. Ministros e devo dizer que o que a Sra. Deputada do CDS aqui referiu é exatamente verdade.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Mas isso foi eu que disse!

**O Orador:** Ou seja, o que o Sr. Ministro disse é que do ponto de vista do tratado nada obriga os Estados Unidos nesta matéria e que poderá (poderá!... No condicional!) existir uma janela de oportunidade que o Governo da República está pronto a utilizar...

**Deputado André Bradford (PS):** Nunca fez nada!

**O Orador:** ... no sentido de, utilizando o enquadramento global da legislação internacional sobre esta matéria, tentar imputar algumas responsabilidades ao Governo dos Estados Unidos.

Mas meus senhores, isto não é uma posição de força. Isto significa que nós, que deveríamos estar a imputar responsabilidades diretas ao Governo dos Estados Unidos e que já tivemos oportunidade de aproveitar aquela primeira janela de oportunidade, neste momento, estamos a negociar algo que os Estados Unidos neste momento têm uma posição de aceitar ou não aceitar, ou de aceitar de forma mitigada, ou de aceitar de forma partilhada com outros agentes.

Portanto, nesse sentido é óbvio que não é uma posição negocial forte, pelo contrário, é uma posição fragilizada.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Muito bem, Sr. Deputado!

**O Orador:** Portanto, essa responsabilidade, meus senhores, e eu quero terminar...

É evidente que estas preocupações que o Bloco aqui bem sintetiza e estes mecanismos estão corretíssimos.

Nós vamos votar este Projeto de Resolução.

Mas eu não quero. Eu quero que fique registado nas atas desta reunião, o seguinte:

A responsabilidade histórica e a negação em primeira instância, quando são os próprios contaminadores que assumem essa responsabilidade, isso jamais será esquecido na história dos Açores...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** É verdade!

**O Orador:** ... e na história do processo de contaminação da Praia da Vitória.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições.

Sr. Secretário Regional tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Agricultura e Ambiente (Luís Viveiros):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária Regional:

Eu gostaria também de saudar a iniciativa do Bloco de Esquerda, mas discordar quase em absoluto do seu preâmbulo, porque de acordo com o que o Bloco de Esquerda aqui escreve dá a ideia de que o Governo Regional nada fez no sentido de cumprir aquilo que releva da Resolução desta Assembleia de 2011 e isto não é verdade.

Senão vejamos ainda antes de 2011, para que todos percebamos a forma transparente como o Governo tem tratado esse assunto,...

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Todos percebemos como o seu antecessor tratou este assunto!

**O Orador:** ... dada naturalmente a sua importância e o impacto que pode ter nas populações.

Eu gostaria apenas de uma forma rápida de fazer ou de elencar, melhor dizendo, algumas das iniciativas, algumas das ações que o Governo desenvolveu (este e os outros que lhe antecederam) ao longo deste processo.

Começaria, de uma forma também sucinta e rápida, desde 2008.

O estudo e definição das medidas de limpeza e regeneração da Base Aérea, identificadas como poluídas em consequência das infraestruturas militares e do seu uso, é seguida com absoluta prioridade pelos Governos Regionais até a esta data.

Foi o Governo dos Açores que contratou, em parceria com a Câmara Municipal da Praia da Vitória, o estudo que já foi aqui largamente falado, em diversas ocasiões e que foi elaborado a partir desse ano de 2008.

Foi o Governo Regional dos Açores também que disponibilizou esse estudo publicamente, depositando-o nas bibliotecas públicas da Região, assim que o mesmo foi concluído, corria o ano de 2010. Portanto, não há aqui nada a esconder relativamente aos cidadãos desta Região.

Foi ainda o Governo Regional que contratou, através da ERSARA, os trabalhos subsequentes de acompanhamento e monitorização dos trabalhos que a Força Aérea dos Estados Unidos tinha e está a desenvolver.

Tem sido também o Governo Regional a voz mais ativa em termos da Comissão Técnica do Acordo de Cooperação e Defesa entre Portugal e os Estados Unidos, exigindo, a par e passo, em cada momento o cumprimento pelos Estados Unidos das conclusões contidas nos relatórios entretanto efetuados e que o LNEC tem apresentado.

Temos, de resto, integrado estes próprios relatórios na ata da Comissão Técnica para que não restem dúvidas que há uma responsabilidade concreta de ações a desenvolver pelos Estados Unidos.

Temos também mantido uma postura de total transparência, como não podia deixar aliás de ser, com este caso, dada a sua magnitude, prestando sempre os esclarecimentos que são requeridos e debatendo sempre esta matéria com a ponderação que ela deve exigir e que resulta da necessidade de salvaguardar às

populações a qualidade de água de consumo. Isso é perfeitamente claro pelos relatórios, pelas análises que têm sido feitas à água de consumo no concelho da Praia da Vitória.

Não descoramos também a complexidade da tarefa com que estamos confrontados e a pressão que todas as instituições envolvidas têm que exercer sobre a Força Aérea dos Estados Unidos, no sentido de se cumprirem todos os desideratos que lhes são exigíveis.

Temos também mantido, através da ERSARA e da Administração Regional, a Câmara Municipal da Praia da Vitória devidamente informada e como parte integrante deste processo.

Recordo que ainda no plenário do mês de outubro passado este assunto foi vivamente debatido e que, em consequência desse debate, foram de facto esclarecidas estas relações e esclarecida toda a informação que circulou entre a Administração Pública Regional e a Câmara da Praia da Vitória.

Cumprimos também tudo aquilo que era pedido, conforme tive oportunidade de referir no início desta minha intervenção, na Resolução de 2011, nos três pontos que lá estão elencados.

Inclusivamente reforço um pouco aquilo que disse o Sr. Deputado Francisco Coelho, relativamente à disponibilidade que eu próprio sempre tenho para ir à Comissão, neste caso à CAPAT, falar, refletir, analisar, discutir todos estes assuntos de acordo com os progressos que temos tido.

Em termos dos méritos da Resolução que aqui traz o Bloco de Esquerda, e traz muito bem à ação, dois novos aspetos que me parecem relevantes.

Por um lado, o envolvimento do Governo da República neste domínio, que tem sido de facto o grande ausente em todo este processo.

Desde 2008, e apesar da Base das Lajes ser juridicamente a Base Aérea n.º 4, e portanto sob a alçada do Governo da República, tem sido o Governo dos Açores a assumir todas as tarefas e todos os custos, seguindo um princípio de precaução e de prevenção dos impactos sobre os recursos: água e outros de âmbito regional.



**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** Pois foi. Não teve outro remédio!

**O Orador:** Nunca, o Governo da República, para além das medidas pontuais de acompanhamento das obras de desmantelamento das infraestruturas da Base, enquanto decorrem, nunca, reforço, achou que estivesse em causa matéria que motivasse a sua ação, quando esta devia também ter sido uma precaução do Estado Português.

Temos agora indícios, e ainda bem que assim é, perante a magnitude da desmobilização das forças militares dos Estados Unidos, anunciada no passado dia 8, e a não utilização futura de um conjunto muito significativo de estruturas (mais de 300), o Ministério da Defesa Nacional apresenta-se e junta-se ao Governo dos Açores neste trabalho.

Vem de facto tarde, mas vem e é naturalmente bem-vindo.

Por outro lado, o Projeto de Resolução dá também bem nota da nova fase em que nos encontramos, decorrendo exatamente da intenção anunciada pelos Estados Unidos da diminuição muito significativa da sua presença na Base das Lajes, e por isso mesmo a necessidade do Governo da República de também participar no esforço de responsabilização do Governo dos Estados Unidos em relação às matérias ambientais e implementar e suportar os custos das medidas previstas no Plano de Revitalização Económica da Ilha Terceira, conforme está também registado.

Apenas duas notas para terminar, relativamente à questão que a Sra. Deputada Graça Silveira levantou, e penso que também em determinado momento da intervenção do Sr. Deputado Luís Rendeiro, e que tem a ver com os trabalhos de remoção do *pipeline* do Cabrito.

Já está, de facto, adjudicado ou subadjudicado a uma empresa da Terceira, designadamente à empresa André Toste & Paulino.

Os trabalhos de identificação dos terrenos por onde passa a conduta já estão também concluídos e já foram fornecidos às Forças Armadas Portuguesas (portanto, ao Governo Português).

Neste momento estamos em condições de poder arrancar com esse trabalho, com toda as cautelas de proteção ambiental que ele recomenda dada a sua complexidade.

Portanto, em resumo, nós, Governo Regional, temos a consciência tranquila de que tudo temos feito, tudo faremos, para continuar a garantir a prossecução deste processo no sentido de, conforme apontam os relatórios técnicos da especialidade elaborados pelo LNEC, com o acompanhamento do LNEC...

Posso também anunciar que os trabalhos, ou a contratação com o LNEC foi prolongada por mais este ano; já está vigente o novo contrato, para permitir o prolongamento dos trabalhos de vigilância e de monitorização, que no decurso deste processo permitirão tomar as decisões adequadas em cada momento.

Muito obrigado.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Referia-se ao Governo de José Sócrates na República?

**Secretário Regional da Agricultura e Ambiente (Luís Viveiros):** Neste momento não é o PS!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Pergunto se há mais inscrições.

Sr. Deputado Luís Rendeiro tem a palavra.

(\*) **Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Sra. Presidente, tentando ser breve.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária Regional, Sr. Secretário Regional do Ambiente:

Eu queria relembrar às Sras. e aos Srs. Deputados presentes nesta Casa que o processo de descontaminação foi, não com este Secretário Regional mas com o Secretário Regional anterior, inicialmente calendarizado para 15 anos.

Portanto, com Álvaro Meneses, Secretário do Ambiente, a descontaminação era um processo para 15 anos.

Hoje, o mesmo Álvaro Meneses, Presidente da Câmara de Angra, dá entrevistas à comunicação social dizendo que a descontaminação vai ser um problema para

muitas décadas ou talvez séculos, o que diz muito da seriedade e da credibilidade com que se tem tratado destes assuntos até agora.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Depois, gostaria de frisar o silêncio ensurdecedor que se viveu nesta câmara há cerca das questões do tanque do Cabrito e dos solos de baixo daquele pavimento de betão que ainda hoje lá está. Ninguém me respondeu ao porquê? Porquê da situação ter sido gerida daquela forma? Porquê da criação e desativação de uma Comissão?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Dos *pipelines*?

**O Orador:** Porquê um processo que foi interrompido 10 anos antes da chegada ao conhecimento público da situação atual? Porquê?!

Que interesses é que houve ou que há na zona do Cabrito?

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições.

Sr. Secretário Regional tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Agricultura e Ambiente (Luís Viveiros):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária Regional:

Só para esclarecer este particular que tem a ver com os tanques do Cabrito e com a extinção da Comissão que foi na altura constituída para seguir estes trabalhos de desmantelamento dessa estrutura. Essa Comissão, segundo informação que tenho, porque já passaram alguns anos, funcionou enquanto decorreu o processo de desmantelamento tendo sido, após se ter terminado a causa para que foi constituída, desmobilizada e foi essa a razão.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Sr. Deputado Francisco Coelho tem a palavra.

(\*) **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Antevejo, apesar de algumas tentações em focalizar mais alguns pormenores históricos ou em sobrecarregar mais alguns dos protagonistas, que parece haver nesta câmara um largo consenso, pelo menos acerca do articulado da resolução. Eu penso que isto é de saudar, porque face à importância do problema, penso que a unidade desta Casa, independentemente das conjunturas passadas, presentes ou futuras, é precisa e será com certeza muito precisa para que este problema seja resolvido e para que todos nele assumam a sua quota de responsabilidade.

Conforme referi há pouco, este texto da Resolução, avança e chama à colação um dos responsáveis que, esse sim, tem tido nesta matéria um silêncio ensurdecedor e isto é muito importante.

De resto, é óbvio que há coisas aqui que se deve lembrar. Não foi este Governo Regional, nem os anteriores, que assinou este tratado internacional, nem os anteriores.

É evidente que tendo o Governo Regional, bem como os municípios, competências no terreno, designadamente ao nível da salubridade e da saúde pública, sendo certo que isso é indesmentível, a verdade é que há aqui outras intervenções que se devem sobrepor.

Aliás, conforme lembrou o Sr. Secretário e bem (é um pormenor, mas não deixa também de ser um pormenor importante), grande parte destas zonas, para além dos poderes soberanos e administrativos do Estado, são, mesmo ao nível do direito privado, digamos assim, propriedade do Estado, Força Aérea Portuguesa, razão ainda acrescida para que também o Estado nelas se envolva.

Portanto, eu penso que é positiva esta iniciativa e é sobretudo positiva, apesar das *nuances*, o consenso que ao nível do que fazer existe nesta câmara.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Luís Rendeiro tem a palavra.

(\*) **Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Muito rapidamente, e também para concluir, queria só fazer uma pequena correção ao Sr. Secretário Regional e também lançar-lhe um desafio.

**Deputado Francisco César (PS):** O senhor fazer uma correção?

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Essa agora!

**O Orador:** Sim.

A correção é que a referida Comissão foi desativada não porque tivessem acabado os trabalhos de remoção da infraestrutura, mas porque questionou o porquê da não remoção da base de betão naquele local. Foi aí que a Comissão entrou em conflito com o Governo Regional. É preciso também fazer a precisão histórica.

Segundo, é o desafio que lhe lanço:

Era que procedesse a um adequado trabalho de investigação da existência ou não de contaminação naqueles solos, naquele local, debaixo daquela base de betão que ainda hoje lá está, que foi coberta de bagacina e hoje até já tem vegetação, que fosse devidamente analisado, porque aquela zona é muito sensível.

Aquela zona está próxima de uma das mais importantes, como referi, zonas de captação de água para consumo humano, consumo público do concelho de Angra do Heroísmo, mas também está próxima, está na periferia da maior bacia leiteira da Ilha Terceira.

Ao mesmo tempo, também está demasiado próxima de uma das zonas mais importantes de extração de inertes da Terceira e de alguns interesses económicos ali instalados.

É importante que se esclareça da segurança daquela zona e de todas as atividades ali realizadas.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições.

Sra. Deputada Lúcia Arruda tem a palavra.

(\*) **Deputada Lúcia Arruda** (BE): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Em primeiro lugar o Bloco de Esquerda queria saudar o Governo na pessoa do Sr. Secretário da Agricultura e Ambiente, porque parece, e em princípio, que temos um responsável pela tutela que:

Primeiro, reconhece o problema, o que já é um grande avanço;

Segundo, está preocupado e a diligenciar no sentido de acompanhar este processo e o resolver.

Mas relembro, Sr. Secretário, que relativamente à sua discordância com a minha intervenção, a verdade é que o Governo Regional não cumpriu com a parte primeira da Resolução n.º 1/2011: “que o Governo Regional informe a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores sobre a evolução e os resultados do processo de descontaminação e reabilitação das zonas identificadas no relatório do LNEC”.

**Secretário Regional da Agricultura e Ambiente** (*Luís Viveiros*): Está cá o relatório!

**A Oradora:** Sras. e Srs. Deputados, esta Resolução tem como objetivo a atribuição de responsabilidades no processo de descontaminação e reabilitação da Praia da Vitória, processo este decorrente da contaminação pelo uso da Base das Lajes e que já é considerado o maior passivo ambiental conhecido, como disse bem o Sr. Deputado Luís Rendeiro, da nossa Região.

Este processo tem responsáveis, Sras. e Srs. Deputados.

Em primeira instância, a administração norte-americana que após 60 anos do uso do nosso território, que quando cá chegou encontrou limpo, o deixará contaminado se a Região e o Governo da República não exigirem a sua descontaminação.

Este processo será longo e caro. Aliás, o estudo da administração norte-americana, mais propriamente do Ministério da Defesa de 2005, apontava já que esta descontaminação levaria, no mínimo, 15 anos, com o custo mínimo de 150 milhões de dólares.

Em segunda instância, o Governo da República, como signatário da Convenção Internacional com os Estados Unidos, que legitima e possibilita a presença do contingente militar norte-americano na Base das Lajes, tal como o cumprimento do n.º 6 do artigo 8.º da Lei de Finanças das Regiões Autónomas.

Em última instância, o Governo Regional da Região Autónoma dos Açores, que tem a obrigação política e estatutária de zelar pelos interesses ambientais e da segurança das suas populações.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem, Sra. Deputada!

**A Oradora:** Espero que esta resolução e o processo seja muito mais transparente e eficaz em benefício da Região, de modo a que a cedência do nosso território ao contingente militar norte-americano e do qual a Região só tinha como contrapartida postos de trabalho, o que hoje já nem tem,...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**A Oradora:** ... não se revele ainda muito mais prejudicial do que já o é hoje em dia em termos económicos e sociais e isto sob pena, Sras. e Srs. Deputados, se este processo de descontaminação não for feito, nós termos a responsabilidade política, porque vamos passar um passivo ambiental monstruoso às gerações futuras. Isso chama-se irresponsabilidade e má gestão da coisa pública.

Obrigada.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Artur Lima tem a palavra.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária, Sr. Secretário:

Não estava obviamente para intervir neste debate, mas não posso deixar, com a permissão do Sr. Deputado Francisco César de fazer uma correção ao Sr. Secretário.

A correção é a seguinte, Sr. Secretário:

O senhor falou no Governo da República.

Sr. Secretário, o senhor tem que falar no Estado Português, independentemente do Governo que estiver na República, seja ele do PSD ou do CDS, seja ele do PS, seja ele do PCP ou o que quer que seja.

O senhor tem que falar do Estado Português, Sr. Secretário. E o que o senhor faz, essa tentativa do Governo Regional queixinhas, que não assume as suas responsabilidades e atira sempre para cima dos outros é vergonhosa, envergonha a autonomia, Sr. Secretário!

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares** (*Isabel Almeida Rodrigues*): Mas quem é que aqui não está a assumir responsabilidades?

**O Orador:** A culpa, se é que ela existe, é do Estado Português e é do Governo da Região Autónoma dos Açores.

Pergunto-lhe:

Quem era o representante na Comissão Técnica entre 2005 e 2011?

Faça favor de me responder, o senhor, ou o Sr. Deputado Francisco Coelho, ou o Sr. Deputado André Bradford.

Quem era o representante do Governo na Comissão Técnica entre 2005 e 2011?

Quais foram os alertas que foram feitos pela Região na Comissão Técnica entre 2005 e 2011?

**Deputado André Bradford** (*PS*): 2005 era impossível! Desconhecia-se!

**O Orador:** Quais foram os alertas feitos na Comissão Bilateral Permanente por aquele senhor que está ali sentado, e vai responder, quando foi membro da Comissão Bilateral e Permanente?

Quais foram os alertas feitos pela Sra. Vice-Presidente da Câmara da Praia que está na Comissão Técnica? Quais foram, Sr. Secretário?

É isso que o senhor tem que responder.

Responsabilidade é isso.

Os senhores andaram a “tapar o sol com a peneira”.

Os senhores andaram a empurrar o problema.



Os senhores nunca assumiram as suas responsabilidades e tudo o que eu aqui disse são factos.

**Deputado André Bradford (PS):** Não são não!

**O Orador:** E com o devido respeito, Sr. Deputado Francisco Coelho, com toda a consideração que lhe tenho (o Sr. Deputado Francisco Coelho, ali sentado, e muito bem), o senhor concordará comigo: não podemos branquear a história.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Nem para um lado, nem para o outro!

**O Orador:** Factos, são factos! Nem destorcê-la, nem branqueá-la!

Temos que ser factuais.

Portanto, eu agradeço as respostas, quer da Comissão Técnica, quer da Comissão Bilateral Permanente. Quem eram os seus representantes e os alertas que fizeram lá.

Isto é que é seriedade, Sr. Secretário Regional, não é atirar para o Governo da República.

Mais. Na revisão da Lei das Finanças Regionais de 2013 assumiu as suas responsabilidades para com a Região Autónoma dos Açores e alguém lhes fez chegar esses alertas.

Muito obrigado, Sr. Secretário.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado André Bradford.

**Deputado André Bradford (PS):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária, Sr. Secretário:

Muito rapidamente para responder ao Sr. Deputado Artur Lima.

O Representante da Região na Comissão Bilateral entre 2005 e 2008 era eu.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Bom!

**O Orador:** O Secretário, Membro do Governo, com responsabilidade nesta matéria, entre 2008 e 2012 era eu.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Primeira parte da resposta. Segunda parte da resposta:

Entre 2005 (data, ou ano do estudo americano que deu início a este processo) e 2008, o estudo era desconhecido da parte do Governo Regional, do Representante na Comissão Bilateral.

**Deputada Graça Silveira (CDS-PP):** O CDS teve acesso! Estranho!

**O Orador:** Da estrutura governamental o estudo era desconhecido.

Aliás, há aqui um equívoco histórico que convém esclarecer.

Os americanos foram a entidade que encomendou e pagou o estudo, mas os americanos não divulgaram o estudo. O estudo vazou. O estudo passou para a imprensa...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Então passou!

**O Orador:** Passou para a imprensa! Mas em 2008, Sr. Deputado!

Não passou em 2005!

Os únicos que conheciam o conteúdo do estudo desde 2005 eram:

- a entidade que o mandou fazer;
- as entidades que na Terceira foram subcontratadas para executar os testes científicos que estão documentados.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Quais eram?

**O Orador:** Não sei!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sabe, sabe!

**O Orador:** É uma questão de ver o estudo. O senhor conhece o estudo vá lá ver. Até tem fotografias com as pessoas e tudo.

Portanto, não se trata de uma questão de pessoas.

Estou só a dizer-lhe quem são as entidades que tinham conhecimento do problema...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Diga lá!

**O Orador:** ... desde 2005 e até 2008, altura em que ele se tornou público.

A partir dessa altura é conhecida a reação e a atuação do Governo Regional sobre essa matéria.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Olhe a máscara a cair!

**O Orador:** É claro, os senhores podem contestar. Podem achar, do alto da vossa tranquila cadeira aqui, que se estivessem no lugar tinham feito muito melhor.

**Deputados Artur Lima (CDS-PP) e Luís Rendeiro (PSD):** Ah isso sim!

**O Orador:** O julgamento político é mesmo assim.

Aliás, o povo dos Açores cada vez que vota é isso que faz, julga a ação da governação e ação dos membros do Governo.

Fê-lo curiosamente em 2012. Voltou a dizer que achava que o Partido Socialista devia continuar a governar.

A isso chama-se democracia.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Por isso os senhores taparam o problema: para ganhar eleições!

**O Orador:** Pois eventualmente se os senhores estivessem lá tinham feito muito melhor, mas não estavam.

Portanto, tudo isso é um processo legítimo.

Agora, fica o Sr. Deputado esclarecido sobre quem era o representante, quando foi que o estudo foi conhecido e fica reposta parte da história que estava mal contada por parte das vossas bancadas.

Muito obrigado.

**Deputada Benilde Oliveira (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Aníbal Pires tem a palavra.

(\*) **Deputado Aníbal Pires (PCP):** Obrigada, Sra. Presidente.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

A Representação Parlamentar do PCP vai dar certamente e sem reservas o apoio a esta iniciativa, a esta recomendação, a este Projeto de Resolução que o Bloco de Esquerda nos apresentou.

Mas também a Representação Parlamentar do PCP tem a perfeita consciência que este esforço tem que ser feito, esta iniciativa do Bloco de Esquerda é importante, como tudo aquilo que este Parlamento tem feito tem sido

importante na defesa daquilo que são os interesses dos Açores e concretamente daquela parte do território açoriano, que é a Ilha Terceira, uma vez que a questão da contaminação, infelizmente, não se confina apenas ao território do concelho da Praia da Vitória.

Mas a Representação Parlamentar do PCP tem consciência que este assunto não se vai esgotar aqui. Não se vai esgotar aqui e nós teremos que o acompanhar com muita proximidade.

À semelhança de outros colegas da Subcomissão que esteve reunida para ouvir o Ministro dos Negócios Estrangeiros que se fez acompanhar do Ministro da Defesa Nacional, julgo que percebemos perfeitamente que por parte do Estado Português, designadamente por parte do Ministro dos Negócios Estrangeiros, para além de haver um desconhecimento muito grande sobre estas e outras questões que afligem a população da Terceira e que nos afligem a todos, por aquilo que pudemos e foi possível constatar, é evidente que teremos de continuar a acompanhar esta questão com muita proximidade.

A verdade é que os Açores e o território açoriano foram, a partir de determinada altura, graciosamente utilizados, sem nenhuma contrapartida, porque efetivamente não havia nenhuma contrapartida para os Açores.

Entretanto, hoje estamos confrontados com este passivo ambiental, mas estamos confrontados também com uma coisa, embora hoje ainda não se tenha aqui falado, porque de facto não faz parte do objeto da resolução, que é a profunda crise social e económica que a alteração da estratégia dos Estados Unidos, que com certeza legitimamente têm, e não é isso que está em causa, coloca o problema aos Açores, e muito particularmente aos terceirenses e aos habitantes da Praia da Vitória.

Mas a verdade é esta: temos de continuar a acompanhar com muita proximidade e teremos eventualmente de fazer mais qualquer coisa de modo a que o Estado Português, havendo aqui responsabilidades da Região (e a primeira responsabilidade será desde logo nossa, que somos os representantes do povo açoriano, a primeira responsabilidade é nossa e, é evidente, do poder

executivo), providencie para que tudo aquilo que é aprovado e recomendado aqui no Parlamento seja devidamente executado.

Portanto, cabe-nos a nós, como representantes do povo açoriano, acompanhar com muita proximidade todas estas questões, porque elas são efetivamente de uma gravidade imensa.

É aquilo que é efetivamente já conhecido, mas também é aquilo que não é conhecido, mas que eventualmente também estará presente. Estou a falar ao nível de outro tipo de contaminação.

Portanto, é fundamental que isso aconteça e é fundamental que este Parlamento preste toda a atenção a esta questão, no sentido, sim senhor, de recomendar ao Governo Regional, mas sobretudo também de exigir ao Estado Português, independentemente de quem está no Governo (isso é de somenos importância),...

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** ... que zele pelos interesses nacionais, porque esta matéria é de interesse nacional.

Portanto, o Estado Português tem de cumprir a sua obrigação que é zelar pelo interesse nacional. Neste caso aqui estamos a falar dos impactos ambientais da presença dos Estados Unidos ou das Forças Militares dos Estados Unidos, na Ilha Terceira há mais de 60 anos, mas estamos a falar também no que está a acontecer face à mudança, com certeza legítima, dos Estados Unidos quanto à continuidade da sua presença na Ilha Terceira.

Portanto, é isso que nos cabe fazer e por parte da Representação Parlamentar do PCP, quer hoje, quer como noutras situações em que foi necessário agir, em que esta câmara atuou, o PCP estará sempre disponível para com todos poderes fazer aquilo que nos compete fazer que é a defesa dos interesses dos Açores e dos açorianos.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

O Sr. Deputado Artur Lima estava inscrito. Tem a palavra, Sr. Deputado.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados: Aguardando ainda a resposta do Sr. Secretário que se irá inscrever, agradeço a resposta pronta do Sr. Deputado André Bradford sobre a matéria e assumir aqui as suas responsabilidades.

É pena que o Governo não as tenha assumido enquanto o senhor lá esteve e não o tenha alertado enquanto o senhor estava na Comissão Bilateral Permanente, tanto que se exige agora da Comissão Bilateral Permanente.

Mas devo dizer, Sr. Secretário, também para sua ajuda, que foi este Governo do PSD e do CDS na República, que na revisão da Lei de Finanças Regionais acrescentou o ponto n.º 6, que aliás é referido na Resolução. Não foi da autoria do Governo do Partido Socialista, é de um Governo do PSD e do CDS, é do Estado Português, Sr. Secretário, independentemente da cor política.

Agora, eu continuo à espera.

As notícias na comunicação social, Sr. Deputado André Bradford, eram públicas.

**Deputado André Bradford (PS):** Em 2008!

**O Orador:** Antes! E foram essas notícias na comunicação social que levaram a que o relatório fosse conhecido em 2008.

As notícias já abundavam na comunicação social.

O relatório feito em 2005 pelos americanos foi disponibilizado em 2008, Sr. Deputado.

**Deputado André Bradford (PS):** Em 2008!

**O Orador:** O que me admira é que perante um problema dessa gravidade que os senhores agora reconhecem, e o alcaide da Praia da Vitória, o *mayor* como eu gosto de lhe chamar, que na altura nos processava, agora diga que é um problema ambiental sério e que tem que haver mais intensidade na sua descontaminação. Obviamente está aflito com qualquer coisa.

De certeza que não é só com a contaminação, porque com a contaminação já devia estar aflito há anos. Está aflito com mais qualquer coisa, como os senhores também estão.

Agora, negar responsabilidades não!

Atirar para os outros não!

Dizer que tem que fazer agora no âmbito do PREIT, sim!

Mas já devia ter sido feito antes e os senhores não fizeram. A máscara caiu (uma!). Agora estou à espera da outra, Sr. Secretário.

**Secretário Regional da Agricultura e Ambiente** (*Luís Viveiros*): Não vai cair máscara nenhuma!

**O Orador:** Comissão Técnica! Quem eram os representantes e as propostas que lá fizeram. Torne-as públicas, Sr. Secretário.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Secretário Regional, tem agora a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Agricultura e Ambiente** (*Luís Viveiros*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária Regional:

Sr. Deputado Artur Lima, eu tenho naturalmente a humildade de reconhecer que errei na designação ou na forma como me referi ao Estado Português e não ao Governo. Portanto, é de facto o Estado Português (peço desculpa por isso) o signatário do acordo internacional celebrado com os Estados Unidos e portanto é a ele que se deve pedir a responsabilidade, através de quem assume o Governo em cada momento.

Portanto, fica aqui a retificação.

**Deputado Artur Lima** (*CDS-PP*): Muito bem!

**O Orador:** Relativamente às outras questões, não estou neste momento em condições de poder responder dado o tempo que já passou, mas farei mais tarde.

**Deputado Artur Lima** (*CDS-PP*): Mas vai dizer-me essa informação!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

A Mesa de momento não tem mais inscrições.

Sr. Deputado Artur Lima tem a palavra.

(\*) **Deputado Artur Lima** (*CDS-PP*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Secretários:

Acredito que possa não ter essa informação neste momento, mas o Sr. Secretário fará o favor de fazer chegar ao Grupo Parlamentar e a esta Casa essas informações.

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** O Sr. Deputado André Bradford sabe!

**O Orador:** Ficamos a aguardar que possa remeter à Sra. Presidente da Assembleia, que nos faça chegar depois essas informações que lhe acabei de pedir. Quem eram os representantes na Comissão Técnica nos seus diversos mandatos e as propostas que foram feitas por escrito nessas comissões desde 2005.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Penso que agora não há mais inscrições.

Sr. Secretário Regional tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Agricultura e Ambiente (Luís Viveiros):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária Regional:

Queria só reforçar aquilo que disse ao longo desta intervenção, que é manifestar a total disponibilidade do Governo para, em qualquer momento, em qualquer local, esclarecer aquilo que necessário for relativamente a esta matéria.

Aliás, centrando-me um pouco naquilo que é o teor da resolução da proposta que está neste momento em discussão e que de facto reforça essa componente, atribuindo maior frequência à obrigatoriedade do Governo vir a esta Assembleia disponibilizar toda a informação necessária, pois naturalmente que estaremos dispostos.

Temos gosto nisso, porque este é um problema que nos merece toda a atenção, todo o cuidado.

Portanto, é um problema que deve ser partilhado por todos e encontradas as melhores soluções para se concretizar em cada momento.

A propósito, Sra. Deputada Lúcia Arruda, permita-me dizer-lhe que o Governo nunca ocultou qualquer informação a esta Assembleia.



Aliás, os relatórios técnicos do LREC estão aqui. Portanto, quando quiser consultá-los, naturalmente terá toda a oportunidade para isso. Os relatórios do estado do ambiente também estão os anexos relativamente a este programa.

Muito obrigado.

**Secretária Regional Adjunta da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Isabel Almeida Rodrigues):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Agora, sim, julgo não haver mais inscrições.

Vamos então passar à votação deste Projeto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O Projeto de Resolução apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** O ponto seguinte da nossa Agenda é o ponto 16: **Pedido de autorização para o Sr. Deputado Lúcio Manuel da Silva Rodrigues prestar depoimento, na qualidade de testemunha.**

O relatório foi distribuído por todos. Julgo não haver inscrições.

Vamos então passar à votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O pedido de autorização foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora para o ponto 17 da nossa Agenda: **Pedido de Urgência e Dispensa de Exame em Comissão do Projeto de Resolução n.º 119/X – “Fim do sistema de quotas leiteiras”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD.

Para justificar a urgência tem a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

(\*) **Deputado António Ventura (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

O Projeto, pela sua simplicidade, justifica claramente a urgência.

Terminaram as quotas leiteiras no passado dia 31 de março. Há efetivamente uma descida do preço do leite à produção.

Passámos de um sistema protecionista para um sistema liberal e há aqui a necessidade de acautelar obviamente uma das produções que tem influência na nossa economia regional, que é designadamente a bovinicultura de leite.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há inscrições.

*(Pausa)*

Julgo não haver. Vamos então passar à votação deste pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Tendo sido aprovada a urgência, então dou novamente a palavra ao Sr. Deputado António Ventura para fazer a apresentação do Projeto de Resolução.

**Deputado António Ventura (PSD):** Excelentíssima Senhora Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Exmo. Membro do Governo:

No passado dia 31 de março terminou o mecanismo de limitação administrativa da produção de leite de bovinos na União Europeia, designado por quota leiteira.

Um mecanismo que foi criada em 1984 pela então Comunidade Económica Europeia e que sempre resultou de sucessivas prorrogações.

A União Europeia sempre adiou o fim das quotas, porque sempre reconheceu a sua utilidade para a coesão social e económica das suas populações e do seu território.

Tudo indica que o desaparecimento das quotas leiteiras deverá contribuir para a intensificação da produção de leite em alguns Estados Membros, que têm vindo

a defender a sua extinção, conduzindo a um forte aumento da oferta, que dificilmente será acompanhada pela procura.

Aliás, importa recordar que as quotas foi um dos instrumentos introduzidos para eliminar os excedentes de leite.

Do mesmo modo, e no âmbito dos acordos multilaterais e bilaterais da União Europeia verifica-se uma tendência para que a agricultura sirva como moeda de troca, criando oportunidade para a intensificação da produção do leite em países terceiros, como ocorre nas negociações do MERCOSUL.

Mas, também as circunstâncias políticas globais, como o embargo Russo, alteraram os comportamentos dos mercados.

O próprio Tribunal de Contas Europeu alertou para os perigos de uma excessiva liberalização do sector do leite, que pode implicar uma sobreprodução e o abandono da atividade agrícola em regiões mais desfavorecidas.

Neste sentido, é reconhecido que o sistema de quotas leiteiras foi vantajoso para regiões desfavorecidas e ultraperiféricas com permanentes condicionalismos geográficos, onde se incluem a distância, a pequena dimensão e a dispersão geográfica.

Certo é, que a supressão deste sistema está a ter repercussões negativas sobre o rendimento dos Produtores de Leite dos Açores, nas Indústrias transformadoras e, genericamente, sobre a economia da Região.

Está a ocorrer uma continuada descida do preço do leite pago à produção e o aumento do preço dos principais fatores de produção, o que resulta numa descida do rendimento dos agricultores.

Interessa ter presente que a bovinicultura de leite é a única produção agrícola que manifesta uma verdadeira dimensão multifuncional relevante nos Açores pelo seu importante papel social, onde se destaca a criação de emprego e a fixação de pessoas no meio rural, principalmente jovens.

Uma evidência que se acentua em ilhas ameaçadas pelo abandono humano e onde a atividade agrícola familiar encontra forte expressão na produção de leite.

Os Açores, com apenas 2% do território nacional já produzem mais de 30% do leite de Portugal o que representa uma proporção que ganha preocupação nacional.

Para além da produção as indústrias transformadoras sedeadas na Região têm vindo a efetuar robustos investimentos na sua reestruturação e modernização, algumas superando a atual capacidade de produção de leite dos seus universos de recolha e transformação.

Apesar de todas as limitações que se indicam ao regime de quotas leiteiras, ainda não surgiu nenhum sistema alternativo com igual opção de valorizar uma aproximação ao “preço justo”.

E o recente Observatório do Mercado do Leite Europeu é um meio de conhecimento que tem de servir para agir ao nível do produtor e ao nível dos mercados.

Por isso, devem existir instrumentos de intervenção de modo a compensar o rendimento dos produtores resultante da continuada descida do preço do leite, principalmente em regiões desfavorecidas e regiões ultraperiféricas, assim como mecanismos de regulação da oferta. E esta especificidade está legislada. O artigo 349.º do Tratado certifica para uma base jurídica própria assente no Direito primário, sobre a qual se consolida um estatuto jurídico específico que suporta um “tratamento diferenciado”.

Nesta ótica o artigo 349.º do Tratado pode ser mais utilizado e dotar-se de alcance jurídico, institucional e político para a devida integração das RUP's, refletindo as dinâmicas da solidariedade e da subsidiariedade.

Porém, não aceitamos alterações do POSEI por parte da Comissão que não sejam para reforçar a sua existência e pertinência, a sua aplicação, a sua amplitude e a sua dotação financeira.

Importa afirmar que o regime de quotas é um mecanismo de política pública de controlo da oferta que possibilita, fundamentalmente, assegurar equidade entre produtores e Estados-Membros.

Por tudo isto, não se deve parar um sistema sem existir uma alternativa, nem muito menos se pode fazer experiências com um setor que contribui para o suporte do modelo social da União Europeia.

Minhas senhoras e meus senhores,

O tema das quotas leiteiras é um assunto de interesse regional, pelo que a resolução apresentada pelo PSD, para ser eficaz e eficiente, deve merecer a unanimidade deste Parlamento.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Estão abertas as inscrições.

*(Pausa)*

Pergunto se há inscrições.

Não havendo, vamos então passar à votação deste Projeto de Resolução.

Sr. Deputado Duarte Moreira, tem a palavra.

(\*) **Deputado Duarte Moreira (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Uma intervenção muito rápida só para reafirmar aqui a importância que o setor agrícola, e neste particular o setor leiteiro dos Açores, tem para este Grupo Parlamentar e para o Partido Socialista.

É de facto um setor que o Partido Socialista tem dedicado uma atenção especial, ao longo dos anos que tem a responsabilidade de governar os Açores e é um setor que sustenta de facto a economia da Região, sendo muito importante para a nossa estabilidade económica e social.

A questão do fim do regime de quotas leiteiras já foi aqui amplamente debatida. É um assunto que tem merecido, na maior parte das vezes, unanimidade, ou senão grande consenso alargado nesta Casa, não só numa determinada fase na defesa da manutenção do regime de quotas leiteiras, mas também na criação de

outros mecanismos que possam ajudar a ultrapassar esta fase e as dificuldades colocadas pelo fim deste regime na nossa agricultura.

O Partido Socialista já há longo tempo que vem defendendo esse reforço e esses mecanismos.

Relembro, nomeadamente num trabalho desenvolvido por este Grupo Parlamentar, que um determinado ponto, o ponto 23, já refere o reforço do envelope financeiro do POSEI, designadamente as medidas específicas de apoio às explorações de leite através dos produtos lácteos e vacas leiteiras.

Há outras iniciativas ao nível do Parlamento Europeu, ao nível também desta Casa, que demonstram sempre que este Grupo Parlamentar do Partido Socialista e o Governo têm reforçado esse setor e pretendem ver reforçado o POSEI ou a criação de mecanismos de compensação.

Para o Partido Socialista a existência e o reforço do POSEI e a criação de mecanismos de proteção dos produtores na Região, face ao fim do regime de quotas, não é de agora.

Esta é uma luta que, de facto, para esta bancada vale a pena ser travada a favor de todos os produtores de leite, da nossa agricultura, mas de toda a economia dos Açores.

Mais uma vez o Partido Socialista está aqui, diz presente e irá viabilizar esta proposta do PSD.

**Deputado Berto Messias (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições.

Sr. Deputado Paulo Estevão tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs.

Membros do Governo:

A iniciativa diz tão-somente o seguinte: “A Região Autónoma dos Açores, (...) se pronuncia, por iniciativa própria, sobre o sistema de quotas leiteiras nos Açores e na União Europeia nos seguintes termos:

1. A supressão do sistema de quotas leiteiras em vigor na União Europeia está a ter repercussões negativas sobre o rendimento dos Produtores de Leite da Região, das indústrias transformadoras, e, em geral, sobre a economia dos Açores.” Estou de acordo!

“2. Deve a União Europeia prever instrumentos de intervenção de modo a compensar a perda de rendimento dos Produtores de Leite e estabelecer mecanismos de regulação da oferta e da procura.” Estou de acordo!

E, finalmente, que seja dado conhecimento a diversas entidades de âmbito nacional e de âmbito europeu.

Devo dizer, para concluir esta intervenção que este debate já aqui foi feito ao longo desta semana e devo dizer que reafirmo tudo aquilo que disse ao longo desta semana sobre este regime.

É evidente que esta posição é uma posição que eu considero importante reafirmar. Tem sido a posição dos Açores nesta matéria e é bom que as pessoas percebam que não a estamos a tomar agora e não o fizemos antes.

Já o fizemos antes, mas agora que estas medidas estão a ter um impacto muito acentuado, penso que se justifica que o Parlamento dos Açores continue a manter a iniciativa sobre esta questão, e mais, tendo em conta que os sintomas da crise que o fim das quotas está a provocar no setor são já muito evidentes.

Portanto, este posicionamento é um posicionamento importante.

Não quer dizer que não tenha sido feito, mas que nestas circunstâncias e neste contexto faz todo o sentido que o Parlamento dos Açores reafirme aquela que é a sua posição nesta matéria.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições.

Sr. Secretário Regional tem a palavra.

(\*) **Secretário Regional da Agricultura e Ambiente** (*Luís Viveiros*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária Regional:

Também de uma forma muito rápida para mais uma vez e no final de uma semana em que muito se falou de quotas (aliás, há cerca de duas ou três

semanas muito se tem falado de quotas e da produção leiteira nos Açores), importa aqui relevar mais esta iniciativa como uma forma de unir os açorianos, de unir o Parlamento em mais um esforço para se conseguir ajudas específicas para os Açores no sentido de reforçar aquela que é a nossa principal produção, a nossa principal atividade económica.

A produção do leite dos Açores tem tido uma evolução que é de todos conhecida, é dinamizada de uma forma muito forte e muito significativa pelos seus principais protagonistas que são os produtores, que têm sido chamados a ultrapassar desafios difíceis.

No início do regime de quotas foram convocados para aumentarem fortemente a produção. Disseram presente, responderam e em poucos anos triplicaram quase a produção de leite na nossa Região.

Numa segunda etapa foram chamados a melhorar a qualidade do leite. Responderam presente e em poucos anos a qualidade do leite evoluiu de uma forma muito significativa e muito relevante.

Do ponto de vista da sanidade animal é certo que, sob supervisão técnica dos serviços oficiais de veterinária os produtores também se envolveram e hoje em dia temos um estatuto invejável sanitário na nossa Região e, portanto, a este novo desafio certamente os agricultores da Região saberão responder.

Portanto, tudo aquilo que se puder fazer em prol desse desiderato, naturalmente que reforça aquelas que são também as iniciativas do Governo e Plano do Governo para esta matéria.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigada, Sr. Secretário.

Pergunto se há mais inscrições.

Não havendo vamos então passar à votação deste Projeto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O Projeto de Resolução apresentado foi aprovado por unanimidade.



**Presidente:** Passamos agora para o ponto 19 da nossa Agenda: **Projeto de Resolução n.º 120/X – Atribuição de Insígnias Honoríficas Açorianas.**

Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu quero aqui explicar a esta câmara por que razão o PPM irá votar contra esta iniciativa. Quero começar, se V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> Senhora Presidente me permite, por referenciar as suas palavras aquando do falecimento de José de Almeida.

Dizer o seguinte (foi a Sra. Presidente que o comunicou):

“José de Almeida protagonizou a defesa das suas convicções de modo destemido e frontal.

A sua coragem e o seu profundo amor aos Açores (repito: a sua coragem e o seu profundo amor aos Açores...) foram características que distinguiram a sua ação em momentos conturbados da nossa história recente, pelo que o pesar expresso envolve respeito pela liberdade de pensamento que o caracterizou”.

Também o Sr. Presidente do Governo Regional referenciou em relação ao falecimento do Dr. José de Almeida, o seguinte:

“José de Almeida debateu-se sempre pelas convicções profundas em que acreditava, com destaque para a defesa da independência dos Açores.

Independentemente de comungarmos ou não das mesmas opções, é justo referir como notas características da sua ação cívica (como notas características da sua ação cívica...) e política a coerência, a determinação e um grande amor aos Açores.”

Depois, mais tarde, foram aqui aprovados dois votos de pesar que foram apresentados nesta câmara.

Nestas circunstâncias e porque eu acredito que aquilo que se escreve e que aquilo se diz, tem significado, e tem um significado daquilo que foi dito e foi dito de forma tão afirmativa pela Sra. Presidente da Assembleia Legislativa e pelo Sr. Presidente do Governo Regional e Presidente do PS/Açores, eu devo dizer que é de toda a justiça (e eu anunciei que o faria na altura, logo em

dezembro) que seja atribuído ao Dr. José de Almeida a Insígnia Autonómica de Valor.

Porque as palavras significam o que significam, aquilo que foi dito em relação ao Dr. José de Almeida, eu parto do princípio de que os principais representantes políticos da nossa autonomia o disseram de forma sentida e o disseram de forma honrada.

É essa palavra e é esse sentimento que eu solicito a esta Assembleia que seja respeitado.

Foi nessas circunstâncias que apresentei ao líder do Partido Socialista este nome, o nome do Dr. José de Almeida, com a importância que esse ato tem, porque para quem não percebe como é que as coisas funcionam, é o Grupo Parlamentar do Partido Socialista que conduz o processo e depois envia uma série de nomes para os restantes partidos e os restantes partidos também indicam por sua vez, e foi isso que eu fiz, outras personalidades.

O Partido Socialista (devo dizer) tendo recebido essa indicação, vetou a atribuição da insígnia autonómica de valor ao Dr. José de Almeida. Foi o Partido Socialista que o vetou.

Eu quero dizer também nestas circunstâncias o seguinte:

Nesta Casa já foram votados nomes de personalidades que esta câmara considerou que reuniam as condições para receber estas insígnias autonómicas.

Foram aqui votados nomes da esquerda e da direita.

Aqueles que tiveram um projeto político de esquerda, um projeto político até às vezes muito próximo do centralismo; outras figuras tiveram outro posicionamento sobre a evolução da nossa autonomia e outro posicionamento do ponto de vista ideológico e foram aqui votados pelos diversos partidos. Mas há algo, meus senhores, que é inerente e que se repete historicamente sempre: é que a esquerda nesta matéria, mais especificamente o Partido Socialista, são absolutamente intolerantes em relação a personalidades oriundas de outros grupos ideológicos, de outras áreas ideológicas e que tenham defendido outros projetos.

**Deputado José San-Bento (PS):** O senhor está é sonhando!

**O Orador:** Eu considero que é fundamental que a construção autonómica seja a grande casa comum dos açorianos (que seja a grande casa comum dos açorianos!), em que cabem diversos projetos, diversos posicionamentos sobre o nosso sistema político, mas que aqui se decida em consciência com aqueles que prestaram, independentemente das suas ideias, um grande serviço cívico aos Açores e, como dizia a nossa Presidente da Assembleia Legislativa,...

**Deputado José San-Bento (PS):** Não sabe o que está a dizer!

**O Orador:** ... que tinham um profundo amor aos Açores e que realizaram um grande trabalho cívico em relação aos Açores, como disse o Presidente do Governo Regional.

Estas palavras têm que ter consequências e não tiveram porque o Partido Socialista vetou o nome do Dr. José de Almeida.

Deixo aqui o meu lamento e o meu mais veemente repúdio a esta situação.

**Presidente:** Sr. Deputado Berto Messias tem a palavra.

(\*) **Deputado Berto Messias (PS):** Obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Sr. Membros do Governo:

Serei breve. Não esperava intervir neste ponto.

O processo de elaboração da lista de agraciados no Dia da Região Autónoma dos Açores é um processo que envolve todos os partidos neste Parlamento que responsabilmente conversam entre si na elaboração desta lista; um processo que é naturalmente confidencial e reservado, tendo em conta que envolve pessoas, personalidades, currículos de personalidades, que tenta também, devido a essa confidencialidade, respeitar a memória de alguns conterrâneos nossos que infelizmente já cá não estão.

Este ano, à semelhança daquilo que fizemos nos anos anteriores, construimos entre nós uma lista de agraciados, de um conjunto de personalidades que têm elevado, devido ao seu trabalho, ao mais alto nível o nome da Região Autónoma dos Açores e por isso serão agraciados, por proposta de cinco

partidos políticos neste Parlamento e da Sra. Presidente, no próximo Dia da Região Autónoma dos Açores.

A proposta que aqui trouxemos é uma proposta da Sra. Presidente e de cinco partidos políticos deste Parlamento que construíram um consenso alargado na lista que é aqui apresentada e todos os anos, respeitando a sensibilidade, a vontade, a intenção e as propostas de todos, há sempre um esforço para um consenso alargado num processo confidencial e que exige enorme responsabilidade de todos os intervenientes.

O Partido Socialista vai continuar e manter essa postura de grande responsabilidade no tratamento deste assunto, tendo em conta aquilo que está em causa e as personalidades que estão em causa.

Nós não daremos para o peditério da chicana e do aproveitamento político-partidário à volta de um assunto tão sério e tão importante como este.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Eu peço aos líderes que se aproximem da Mesa, por favor.

*(Pausa)*

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs.

Membros do Governo:

Esta é uma questão séria, uma questão institucional.

Está a ser debatida num órgão democrático que representa todos os açorianos (repite: todos os açorianos!).

Este debate, para honrar a democracia açoriana, tem que ser feito com transparência.

Aqui, o que eu disse e fiz referência foram às palavras da Sra. Presidente e do Sr. Presidente do Governo Regional, que é Presidente do Partido Socialista também.

Essas palavras foram no sentido de reconhecer ao Dr. José de Almeida, independentemente, e não reconhecendo confluência com o seu projeto político (e não reconhecendo confluência com o seu projeto político!), a grandeza e a importância da sua figura e do seu trabalho de cidadania no âmbito da Região Autónoma dos Açores.

Sendo assim, eu pergunto:

Por que é que o Dr. José de Almeida, ao contrário de outras figuras de outros quadrantes ideológicos, com outros projetos e muitas vezes projetos centralistas, por que é que essas figuras, em democracia, com tolerância, esses nomes foram consagrados e olhados com tolerância, com diferença de opiniões políticas?

Eu tenho uma grande diferença de posicionamento político em relação ao adversário político que durante tantos anos foi ex-Presidente do Governo Regional, mas isso não me impediu de aqui ter votado favoravelmente. Isso não me impediu de aqui ter votado favoravelmente!

Então por que é que se excluem determinadas figuras da nossa autonomia que desenvolveram outros projetos políticos, que tiveram outros projetos autonómicos, que têm outro pensamento ideológico?!

Eu não posso ficar calado.

Não há nenhuma chicana. Isto é a democracia e o debate de ideias que aqui tem que ser feito.

O que eu quero aqui atribuir ao Partido Socialista é a responsabilidade política de retirar o nome do Dr. José de Almeida de uma candidatura que foi indicada por parte do Partido Popular Monárquico e que eu saiba foi vetada pelo Partido Socialista. Não pelos outros partidos, pelo Partido Socialista!

Eu não posso deixar de dizer isto e não há nenhum aproveitamento político-partidário em relação a esta questão. Trata-se pura e simplesmente de aqui dizer a verdade e de cada um assumir as suas responsabilidades.

Acho que é uma injustiça histórica que se lhe faz e que tem um responsável, que é o Partido Socialista.

**Presidente:** Pergunto se há mais inscrições.

Sra. Deputada Lúcia Arruda tem a palavra.

(\*) **Deputada Lúcia Arruda (BE):** Sra. Presidente, Sras. Srs. Deputados:

O Bloco de Esquerda não ia intervir neste debate, mas dado à última intervenção do Deputado Paulo Estêvão, o Bloco de Esquerda assume a sua responsabilidade neste processo e tal como foi, aquando do voto, o Bloco de Esquerda votou contra, não pela personalidade da pessoa do Dr. José de Almeida. Que isto fique claro para todas as pessoas.

Não pela sua ideologia política!

Não pela defesa do movimento, pela sua ideologia na independência dos Açores!

Isto tem que ficar muito claro.

Parafraseando a minha camarada Zuraída Soares, eu vou só ler:

“O voto contra do Bloco de Esquerda não é por motivo nem por lógicas de dogmatismo político, nem por qualquer tipo de hostilização à pessoa do Dr. José de Almeida.

A defesa da independência dos Açores protagonizada por esta personalidade é uma orientação política tão legítima como qualquer outra.

Nessa medida tratou-se de um combate político no quadro de um país recentemente libertado de uma ditadura ou como seria hoje no quadro do combate político entre forças democráticas.

Ora, a Frende de Libertação dos Açores, liderada pelo Dr. José de Almeida, não se conteve no quadro do debate político.

Organizou e levou à prática perseguições de pessoas que se debateram contra o fascismo, como foi o caso de ilustres socialistas, entre outros, que ocuparam os mais altos cargos da nação.

A FLA saqueou e incendiou sedes de partidos políticos e de organizações sociais que brotavam do Portugal de Abril.

A FLA agrediu física e psicologicamente pessoas com notoriedade na oposição ao fascismo e de forma ainda mais vil utilizou o bombismo como instrumento de intimidação.

É a nossa convicção de que a história não pode e não deve ser branqueada por motivos de oportunidade política.

O nosso voto contra consubstancia uma pequena homenagem a todos aqueles que depois do 25 de Abril resistiram a outro tipo de terror nos Açores.”

Obrigada.

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Estêvão tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Diz a Sra. Deputada do Bloco de Esquerda que a história não pode ser branqueada e não pode ser, de facto.

A extrema-esquerda no período pós-revolucionário tentou implantar em Portugal uma ditadura, uma ditadura que, conforme as referências da Europa do Leste, eram tão sanguinária e tão antidemocrática como qualquer outro sistema que então hegemonizava na Europa de Leste.

Eu devo dizer que foram muitos em Portugal e também na Região Autónoma dos Açores que, depois de uma ditadura de tantas décadas,...

**Presidente:** Agradeço que termine, Sr. Deputado.

**O Orador:** ... se opuseram à implantação de uma ditadura comunista em Portugal e nos Açores.

Nesses tempos, a luta foi contra outras ideias extremistas, contra a implantação de outra ditadura, de uma ditadura absolutamente sanguinária que, como hoje

fica comprovado com os registos que só hoje é possível observar, era uma ditadura que se preparava para instalar em Portugal...

**Presidente:** O seu tempo já terminou, Sr. Deputado.

**O Orador:** ... naqueles anos pós-revolucionários.

Foi isso que muitos combateram no território nacional e muitos combateram também na Região Autónoma dos Açores.

Eu não quero que se esqueça o papel desses homens na luta contra o comunismo, na luta contra a implantação de uma ditadura comunista nos Açores.

**Presidente:** Julgo não haver mais inscrições.

Vamos então passar à votação deste Projeto de Resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** O Projeto de Resolução apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão para uma interpelação à Mesa.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Era para repetir a votação Sra. Presidente.

**Presidente:** Vamos repetir a votação.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

O Sr. Deputado que vota contra faça o favor de se sentar.

**Secretária:** O Projeto de Resolução apresentado foi aprovado com 24 votos a favor do PS, 18 votos a favor do PSD, 2 votos a favor do CDS-PP, 1 voto a favor do BE e 1 voto contra do PPM.

**Presidente:** Passo agora a ler a deliberação final:

“A Mesa da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores...”

O Sr. Deputado Paulo Estêvão pede a palavra para?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Para uma declaração de voto.

**Presidente:** Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.



(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nós votámos contra e votámos contra a exclusão, a intolerância ideológica, a intolerância em relação ao projeto político que aqui foi assumido por parte do Partido Socialista.

Votámos contra o branqueamento da história; votámos contra as responsabilidades que a esquerda teve também em relação à intolerância política que aqui se tentou implantar nos Açores.

O nosso sistema autonómico é um sistema autonómico que tem que ser tolerante e que tem que integrar todas as áreas ideológicas.

Aqui, no âmbito destas condecorações, têm que ser reconhecidos todos os açorianos, independentemente das áreas ideológicas onde se posicionam, independentemente das ideias políticas que têm sobre a nossa estrutura política, mas devem ter a liberdade de as poder assumir.

Se assumiram um determinado posicionamento não devem ser excluídos da comunidade açoriana e daquilo que significa ser açoriano, nomeadamente ver o seu trabalho e as suas aptidões reconhecidas através da atribuição de insígnias honoríficas.

Eu não aceito que existam açorianos, uma parte de açorianos que têm um posicionamento ideológico e um projeto político diferente, que sejam excluídos da vida da nossa autonomia.

Com este posicionamento do Partido Socialista foi isso que sucedeu. Há um grupo de açorianos que ficámos hoje a saber que estão excluídos da vida política e do reconhecimento da autonomia açoriana.

Eu considero que isso é profundamente errado.

**Presidente:** Vamos então agora votar a Proposta de Deliberação:

“A Mesa da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores propõe que a Assembleia declare findo o período legislativo de abril.”

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

**Secretária:** A Proposta de Deliberação foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Muito boa tarde a todos e muito obrigada.

Um bom regresso a casa.

*Eram 18 horas e 29 minutos.*

*Deputados que entraram durante a sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

**André Jorge Dionísio Bradford**

**Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral**

**Rogério Paulo Lopes Soares Veiros**

**Partido Social Democrata (PSD)**

**Cláudio José Gomes Lopes**

**Duarte Nuno D'Ávila Martins de Freitas**

**João Luís Bruto da Costa Machado da Costa**

**Luís Carlos Correia Garcia**

*Deputados que faltaram à sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

**Domingos Manuel Cristiano Oliveira da Cunha**

**Partido Social Democrata (PSD)**

**Renato Jonas de Sousa Linhares Cordeiro**

(\*) Texto não revisto pelo orador

**Documentos entrados**

## **1 - Projeto de Decreto-Lei:**

**Assunto:** Que transpõe a Diretiva n.º 2014/27/UE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 26 de fevereiro de 2014, que altera as Diretivas 92/58/CEE, 92/85/CEE, 94/33/CE, 98/24/CE do Conselho e a Diretiva 2004/37/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, a fim de as adaptar ao Regulamento (CE) n.º 1272/2008, relativo à classificação, rotulagem e embalagem de substâncias e misturas - MSESS - (Reg. DL. 55/2015) – n.º 171/X

**Proveniência:** Conselho de Ministros

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 10

**Comissão:** Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho

**Data limite do parecer:** 2015 – 04 – 22.

## **2 – Anteproposta de Lei:**

**Assunto:** [Substituição integral da Anteproposta de Lei n.º 12/X – “Institui um regime de apoio à agricultura familiar na Região Autónoma dos Açores”](#)

**Proveniência:** PCP

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 15.

## **3 – Projeto de Decreto Legislativo Regional:**

**Assunto:** Cria [o Complemento Especial para o Doente Oncológico - CEDO](#) – n.º 50/X

**Proveniência:** CDS/PP

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 14.

**Com pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão**

## **4 – Projetos de Resolução:**

**Assunto:** [Fim do sistema de quotas leiteiras](#) - n.º 119/X

**Proveniência:** PSD

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 15.

**Com pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão**

**Assunto:** Atribuição de Insígnias Honoríficas Açorianas - n.º 120/X

**Proveniência:** Presidente da ALRAA, PS, PSD, CDS-PP, BE e PCP

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 16.

## **5 - Requerimentos:**

**Assunto:** [Permutas - Sismo de 1998 na ilha do Faial](#)

**Autor:** Aníbal Pires (PCP)

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 15

**Referência:** 54.04.07 – N.º 396/X

## **6 – Resposta a Requerimentos:**

**Assunto:** [Cumprimento da Resolução n.º 12/2014/A, de 24 de abril – Sede da Empresa de Transportes Marítimos na Horta](#)

**Proveniência:** Governo

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 10

**Referência:** 54.06.00 – N.º 360/X.

## **7 – Comunicações/Informações:**

**Assunto:** Ofício a acusar a receção do Voto de Protesto - Contra a decisão da TAP de não proceder apresentação de proposta às obrigações de serviço público para o transporte aéreo na rota Lisboa - Horta - Lisboa.

**Proveniência:** Gabinete da Presidência da República

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 09;

**Assunto:** Relatórios recebidos por correio eletrónico sobre o Provedor do Ouvinte e do Telespetador e que foram apresentados na reunião plenária de 27 de março, da Provedoria do Ouvinte

**Proveniência:** Dr. José Lourenço, Representante da Região no Conselho de Opinião, Rádio e Televisão de Portugal

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 14;

**Assunto:** Pedido de substituição integral da Anteproposta de Lei n.º 12/X – “Institui um regime de apoio à agricultura familiar na Região Autónoma dos Açores”

**Proveniência:** PCP

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 15;

**Assunto:** Pedido de urgência e de dispensa de exame em Comissão sobre o Projeto de Decreto Legislativo Regional n.º 50/X – “Cria o Complemento Especial para o Doente Oncológico – CEDO”

**Proveniência:** CDS-PP

**Data de Entrada:** 2015 – 01 – 15;

**Assunto:** Pedido de urgência e de dispensa de exame em Comissão sobre o Projeto de Resolução n.º 119/X - Fim do sistema de quotas leiteiras

**Proveniência:** PSD

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 15;

## 8 – Relatórios:

**Assunto:** [Relatório a que se refere o artigo 103.º do Regimento da ALRAA](#)

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 13;

**Assunto:** Projeto de Resolução n.º 120/X – “Atribuição de Insígnias Honoríficas Açoriana”

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 17;

**Assunto:** [Relatório a que se refere o artigo 103.º do Regimento da ALRAA](#)

**Proveniência:** Comissão de Assuntos Sociais

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 14;

**Assunto:** [Projeto de Lei n.º 828/XII/4 – Procede à primeira alteração à Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro, que estabelece o “Regime jurídico das Instituições de Ensino Superior](#)

**Proveniência:** Subcomissão de Assuntos Sociais – n.º 139 - AR

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 16;

**Assunto:** [Proposta de Lei n.º 306/XII – Estabelece o processo de reconhecimento da situação de prédio rústico e misto sem dono conhecido que não esteja a ser utilizado para fins agrícolas, florestais ou silvopastoris e o registo do prédio que seja reconhecido enquanto tal, nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 9.º da Lei n.º 62/2012, de 10 de dezembro](#) – n.º 137-AR

**Proveniência:** SubComissão de Economia

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 13;

**Assunto:** [Proposta de Lei n.º 307/XII – Estabelece o regime jurídico da estruturação fundiária](#) – n.º 138-AR

**Proveniência:** SubComissão de Economia

**Data de Entrada:** 2015 – 04 – 14.

**9 – Diários:**

Consideram-se aprovados nesta Sessão Plenária os Diários n.ºs 91 e 92, 93, 94, 95 e 96.

**A redatora:** Maria da Conceição Fraga Branco